



**REVELAR-SE AUTOR**

**Histórias e Canções**



**CIDADE DE  
SÃO PAULO**  
EDUCAÇÃO



**Prefeitura da Cidade de São Paulo**

Ricardo Nunes

Prefeito

**Secretaria Municipal de Educação**

Fernando Padula

Secretário Municipal de Educação

Maria Sílvia Bacila

Secretária Executiva Pedagógica

Bruno Lopes Correia

Secretário Adjunto de Educação

Omar Cassim Neto

Chefe de Gabinete

Sueli Mondini

Chefe da Assessoria de Articulação  
das Diretorias Regionais de Educação - Dres

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO



**REVELAR-SE AUTOR**

---

# **Histórias e Canções**

SÃO PAULO, 2024

## COORDENADORIA PEDAGÓGICA - COPED

Simone Aparecida Machado - *Coordenadora*

## DIVISÃO DE CURRÍCULO - DC

Maria Cristina Rodrigues - *Diretora*

## EQUIPE DIVISÃO DE CURRÍCULO

Adriana Zenezi  
Aline Araujo Silva  
André de Pina Moreira  
Anna Luisa de Castro  
Ariana Souza de Santana  
Caio Marques Fernandes  
Davi Silvestre Fernandes Martins  
Deborah Barroso Sodré  
Eduardo Murakami da Silva  
Edward Dapor Rodrigues  
Elaine Correia de Oliveira  
Eva Aparecida dos Santos  
Fernando Sales Vitorino  
Karla de Oliveira Queiroz  
Kelly Aparecida Brandão Avelino  
Luana Marganelli Esberard  
Luciene Aparecida Grisolio Cioffi  
Paloma Damiana Rosa Cruz  
Priscila de Oliveira Vieira  
Regina Célia Fortuna Broti Gavassa  
Samir Ahmad dos Santos Mustapha  
Solange Cristina Corregio

### *Estagiários*

Alicia Menezes Santos  
Ana Clara Anjos de Souza  
Beatriz de Almeida Pagni  
Gabriel Luiz Maschietto - *revisão*  
Victoria Brito Solidade

## NÚCLEO DE LITERATURA

**Academia Estudantil de Letras - AEL**  
**Academia de Letras dos Professores - ALP**

Kelly Aparecida Brandão Avelino  
Samir Ahmad dos Santos Mustapha

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica.  
Revelar-se autor : histórias e canções. - São Paulo : SME / COPED, 2024.  
160 p. ; 21 x 21 cm

Volume 5 resultante da 13ª edição da Semana de Incentivo e Orientação ao  
Estudo e à Leitura, instituída pela Lei Municipal nº 14.999/09.

ISBN: 978-65-88021-60-6 (livro físico)

ISBN: 978-65-88021-58-3 (livro digital)

1. Literatura brasileira. 2. Escolas municipais. I. Título.

CDD 22. ed. B869

Código da Memória Documental: SME81/2024  
Elaborado por Patrícia Martins da Silva Rede - CRB-8/5877



Qualquer parte desta publicação poderá ser compartilhada (cópia e redistribuição do material em qualquer suporte ou formato) e adaptada (remix, transformação e criação a partir do material para fins não comerciais), desde que seja atribuído crédito apropriadamente, indicando quais mudanças foram feitas na obra. Direitos de imagem, de privacidade ou direitos morais podem limitar o uso do material, pois necessitam de autorizações para o uso pretendido. A Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, em conformidade à Lei nº 9.610/1998, reconhece a especial proteção aos direitos autorais, mediante autorização prévia e expressa do detentor da obra. No caso de eventuais desconformidades, reitera o compromisso de diligentemente corrigir inadequações.

Consulte material disponibilizado em [educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br](http://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br)

Publicação disponível no Centro de Documentação da Educação Paulistana - [educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/odep](http://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/odep)

# CARO(A) LEITOR(A)

A música está presente na vida de todos nós, nos inspira, nos transforma.

Com muita alegria e emoção, apresentamos os textos literários produzidos pelos educadores da Rede Municipal de Ensino de São Paulo.

Os professores, membros da Academia Estudantil de Letras – AEL e da Academia de Letras dos Professores da Cidade de São Paulo – ALP foram convidados, neste volume, a produzirem textos literários inspirados em letras de música.

Grande parte de nosso repertório musical é fruto de boas histórias, que permitem, por sua vez, a criação literária, como acontece neste livro Revelar-se Autor. Este é o quinto volume deste tão bem exitoso projeto de valorização à autoria, a escrita criativa e ao incentivo na formação de novos leitores. É muito inspirador para os estudantes o fato do próprio professor ser um escritor!

O livro Revelar-se Autor é parte integrante das ações realizadas na Semana Municipal de Incentivo e Orientação ao Estudo e à Leitura, criada pela Lei nº 14.999/09, de autoria do professor vereador Eliseu Gabriel.

Os textos reunidos neste volume revelam o amplo repertório musical de nossos professores-autores e a criatividade literária, tão essencial para a humanização, para o direito à literatura se efetive.

Parabéns, professores! Boa leitura!

**Fernando Padula**

Secretário Municipal de Educação de São Paulo

Há canções e há momentos  
Eu não sei como explicar  
Em que a voz é um instrumento  
Que eu não posso controlar  
Ela vai ao infinito  
Ela amarra todos nós  
E é um só sentimento  
Na plateia e na voz  
Há canções e há momentos  
Em que a voz vem da raiz  
Eu não sei se é quando triste  
Ou se quando sou feliz  
Eu só sei que há momento  
Que se casa com canção  
e fazer tal casamento  
Vive a nossa profissão

*Canções e Momentos*  
Fernando Brant e Milton Nascimento



Acesse o QR Code  
ao lado e conheça  
as músicas que  
inspiraram os textos  
desta coletânea.





# RESPOSTA AO TEMPO

*Adriana A. Defensor Moraes*

Novamente ele bate à porta,  
insiste querendo entrar,  
me pergunto se o deixo voltar e trazer seus momentos...  
Nas mãos daquela criança que não soube amadurecer  
vejo filmes, memórias,  
lembranças,  
tristezas e alegrias...  
Um viver.  
Uma pergunta ecoa em silêncio:  
— Por que voltas se tua sina é passar?  
Ele responde baixinho:  
— Voltei porque ouvi me chamar.  
Enquanto eu passava, dizias,  
por que tão rápido segue seu destino?  
Em resposta bati na sua porta,  
parei só um pouquinho...  
Para sentar no sofá contigo,  
olhando retratos antigos  
lembrar do que não posso esquecer...  
Seu rosto,  
histórias, passado,  
em um móvel guardado,  
também fazem parte de mim...  
Depois de ouvi-lo,  
respondi mesmo calada  
que as folhas daquela estação  
Voaram com o vento  
na estrada do meu coração...

Algumas memórias ainda marcadas,  
outras,  
melhor esquecer..  
Aprendi a passar, assim como você.  
Segue teu curso, tempo!  
Embora a lembrança tenha parado um pouquinho...  
Porque enquanto tu segues eu vejo,  
comparo, aprendo e percebo  
como é importante o caminho! ■



# HOJE EU ME PEGUEI...

*Adriana Rosa Cristo*

Lembrando da vida que tinha na infância, das pessoas que não estão mais aqui e, incrivelmente...

Pensando em você, nas vezes que me deu colo, carinho! Humm... E aquele macarrão...

Quero não lembrar... Que esse tempo já se foi, e você não está mais aqui, sorrindo e me ensinando, cuidando de mim. Quanta saudade será que cabe nestas linhas?

E às vezes sem querer, me apanho falando em você. De como a sua força e a sua singularidade me inspiraram a ser quem eu sou. Do jeito que a sua coragem de enfrentar desafios foram essenciais para me guiar durante a fase adulta. E as lembranças de nós duas ao longo dos dias frios me remetem ao gosto da sua sopa, de seu pão molhado no café!

Um filme de amor, que nunca chega ao fim, pois mesmo você morando com as estrelas, se faz presente todos os dias.

Dói no coração, às vezes que eu me lembro... Dos passeios: Santo Amaro, para depois comer uma torta na padaria, de escolher inúmeras pulseiras e você comprar, das maquiagens, que eu me borrava toda, itens de cozinha para nossas brincadeiras.

Te amo e não quero te amar... Pois após sua partida, esse vazio nunca mais se completou! O gosto do café nunca mais foi o mesmo. As idas a Santo Amaro não tinham mais o mesmo sentido.

Quero não lembrar que podia ter amado mais, ter passado mais tempo ao seu lado...

E às vezes sem querer, me apanho falando em você... Dos seus causos do interior, dos contos de assombração, das lutas e sofrimentos...

Lembranças de nós duas, sentadas conversando sobre a vida, brincando de casinha, aprendendo e ensinando as letras, embora você partiu sem ter aprendido a ler.

Retratos e canções... Tantas lembranças ficaram presentes em fotos e músicas que cantávamos... Estão eternizados em minha memória os pequenos grandes momentos, que tive a honra de passar com você.

Um filme de amor, que nunca chega ao fim, pois você vive dentro de mim, nas minhas ações e indagações.

Quem sabe se você ainda pensa em mim! Nunca iremos saber o que acontece do outro lado, além desta Terra, mas pode ser que, aí de cima, você pense em mim, com a mesma nostalgia que penso, que amo, que vivo e que imito você!

Te amo e nem sei o quanto eu amo você... Vó!!! ■



# SIGNO DE AR

*Alessandra Lopes Xavier Oliveira*

De vez em quando me pego lembrando daquela menina em seu balanço que voava, leve como uma brisa, ali ficava balançando imaginando coisas boas.

Ela sempre foi delicada, mas nunca teve medo de correr por entre as árvores do seu quintal, brincar com os cachorros, com os gatos e até com os galhos das árvores. Inventava, criava histórias e personagens.

Hoje compreendo que ela – criança graciosa – andava e em sua inocência ia se tornando, mesmo que tímida, uma pessoa encantadora. Isso dito pelas pessoas que cruzaram seu caminho, crianças, jovens, adultos, conhecidos há tempos e até pelos recém-chegados em sua vida.

E assim foi crescendo como pessoa acolhedora, amiga, romântica e trazendo contigo o gosto pela música. Aliás sua vida é embalada por trilhas sonoras com composições que eu poderia dizer que foram criadas e escritas para ela e foi assim que uma música, em especial um compositor a descreveu, a fez acreditar que ela, aquela menina de outra, era e continua sendo uma pessoa que “por onde passa encanta, que seu sobrenome é desejo”, e o seu sorriso? Ah! Seu sorriso faz verão, pois aquela menina vive acreditando que o sol se levanta por ela.

Aquela menina que mora dentro dessa mulher continua acreditando na delicadeza, na gentileza, na alegria e no amor. E mesmo em meio a tantas intempéries da vida, busca naquela menina envolta em um misterioso acreditar que sempre tem algo bom para ser extraído, para ser aprendido até nas coisas ruins.

Hoje, quando essa mulher se sente fragilizada, ela busca dentro de si a menina feliz do signo de ar e elas se entendem. Existe entre elas uma relação fiel e de cumplicidade que faz com que elas sigam se encantando, pois assim como a canção – faz a mulher acreditar que sim – é possível ser e mesmo que nem sempre esteja sorrindo como o verão, está tudo bem... A vida é feita de verões, é normal pausas entre eles. Formando ciclos que transformaram aquela menina em mulher. Mas que, ainda assim, não deixou de existir e faz com que ela siga acreditando que por onde passa encanta e seu sorriso faz verão.

Que venham outonos, invernos, primaveras e verões e que elas – a menina e a mulher – continuem caminhando e encantando. ■



# NO PARAÍSO IMAGINADO: UMA AVENTURA JUVENIL

*Alexandre De Brito Soares*

Em todas as tardes  
Naquele verão de março  
Admirei sua beleza  
Sem pressa, como uma dança  
Nossos olhares se encontraram  
Em meu peito, coração descompassado  
Ao cair da noite  
Encontro marcado  
Beijo-te o canto da boca  
Desejo apaixonado  
No paraíso imaginado  
Flores por todo lado  
Pétalas do seu jardim  
Caíram sobre mim  
E na intimidade sem fim  
Deixou afeto em mim  
O local proibido  
Fruto do amor enfim  
Aquela aventura juvenil  
Fez morada em mim ■



# MÁSCARA

Aline Castro Almeida - pseudônimo: Line Chan

Em uma certa manhã, o relógio já marcava 7 horas e 15 minutos e o alarme estridente ecoava pelo quarto de Luna. Ela se levantou com um suspiro profundo, sentindo o peso da árdua rotina diária. Na casa silenciosa, cada passo parecia ressoar como um tambor enfurecido na quietude matinal. Luna caminhou até o banheiro, onde a luz fria do espelho revelava seu rosto ainda amassado de tanto sono. Ela abriu a gaveta do armário, revelando uma vasta coleção de produtos de maquiagem. Luna hesitou por um momento antes de pegar o primeiro item: a base. Cada pincelada no rosto era uma camada de proteção, uma barreira invisível contra os julgamentos do mundo exterior que ela tanto amava e odiava. A máscara começava a se formar.

Enquanto se preparava, as letras de uma música que ela ouvira um dia qualquer, na rádio, vinham à mente: “Diga... quem você é, me diga! E me fale sobre a sua estrada(...)”.

Luna se perguntava quantas vezes já havia escondido sua verdadeira identidade atrás daquela fachada bem cuidada e preservada. Ela era apenas mais uma, perdida no meio de tantos rostos mascarados, todos tentando ser alguém que não eram.

Ao sair de casa, encontrou o trânsito habitual. Carros enfileirados como soldados em marcha lenta. O rádio do carro sintonizava na estação que sempre tocava as mesmas músicas, mas, hoje, “Máscara” tocava mais alto em sua mente. No trabalho, o ambiente era uma selva de máscaras sociais. Sorrisos falsos, cumprimentos protocolares, cada um desempenhando seu papel na grande peça da vida corporativa. Luna vestiu seu uniforme de competência e profissionalismo, mesmo que por dentro se sentisse

fragmentada. Ser herói ou vilão é questão de opinião, lembrou-se e repetia-se sempre, e, naquelas paredes de vidro e aço, todos eram um pouco de ambos.

Durante o almoço, ela se sentou sozinha, olhando pela janela enquanto os pensamentos dançavam ao som da música que não saía de sua cabeça. O que havia por trás daquela máscara? Medo, insegurança, sonhos não realizados? O que aconteceria se, por um dia, ela decidisse não usar?

A tarde se arrastou com reuniões intermináveis e prazos sufocantes, impetuosos. Às 18 horas, Luna finalmente voltou para casa, exausta. No espelho do banheiro, começou a remover a maquiagem, camada por camada, como se estivesse desvendando os segredos de sua própria alma. A face que olhava de volta para ela era familiar e estranha ao mesmo tempo.

Deitada na cama, antes de dormir, Luna refletiu sobre o dia. A máscara, embora necessária para sobreviver no mundo lá fora, era também um fardo. “Diga quem você é, me diga(...)” continuava a cantar em sua mente. Quem ela era de verdade? E quem ela queria ser?

Luna fechou os olhos, prometendo a si mesma que, no dia seguinte, tentaria ser um pouco mais verdadeira. Talvez a máscara não precisasse ser tão pesada. Talvez, aos poucos, ela pudesse mostrar ao mundo seu verdadeiro rosto, sua verdadeira essência. Afinal, a vida poderia ser um pouco mais autêntica sem tantas máscaras para vestir. ■



# VENTO NO LITORAL

Ana Carla Lourenço Ximenes

Tarde fria, praia vazia. Uma mulher está parada diante do mar, sentindo o vento forte soprar em seus cabelos. O olhar dela é triste, vago, como se buscasse no horizonte algum rumo para sua vida ou alguma razão para sua existência.

Ela observa o movimento das ondas: ondas que vêm e vão. A maré está subindo pouco a pouco e uma onda gelada bate em seus pés. Gelada como seu coração. Essa onda leva pequenas pedras que estavam na areia, assim como o levaram naquela tarde, há um mês.

Tudo o que ela quer é descansar e esquecer... esquecer daquela tarde... esquecer que agora estava sozinha... esquecer da vida.

Mas como esquecer, se as lembranças insistem em aparecer?

Quando a segunda onda bate em seus pés, vem à sua mente uma imagem nítida: naquela mesma praia, ela e Luiz observando as ondas calmas em uma tarde ensolarada de céu azul.

— Marcela, eu estava pensando... Que tal termos 4 filhos? — disse Luiz.

— Quê? — indagou Marcela, rindo do comentário, que achou absurdo. — Vamos com calma. Um passo de cada vez. Se tudo der certo, logo estarei grávida do primeiro. Depois, vamos dando tempo ao tempo...

— Ah, Marcela... Pensa em quatro crianças correndo nessa areia. Quanta alegria, bagunça boa, castelos construídos, risadas, gritaria... Vai ser incrível!

Os dois riem e se abraçam. Ela olha para ele profundamente e diz:

— Só sei que quero viver muitas coisas com você.

A onda gelada se afasta e com ela essa lembrança. Novamente Marcela se vê sozinha, apenas com o vento e o mar como companhia. No horizonte, observa o cinza daquela tarde fria, que quase encobre totalmente um sol tímido ao fundo. Para que insistir em aparecer, sol?

Mais uma onda vem e com ela seu frio cortante.

Marcela se vê novamente com Luiz ali, naquela mesma praia:

— Vamos juntos conhecer várias praias ao redor do mundo!!! Uma por ano, que tal? — diz um Luiz sorridente a uma Marcela feliz e apaixonada.

Mais uma vez, a onda se vai e junto com ela a lembrança.

Mais uma onda, a mais gelada e cortante, trazendo agora a lembrança mais triste, a que não para de se repetir na cabeça de Marcela.

Marcela está novamente naquela mesma praia, há uma movimentação intensa dos salva-vidas, muitos curiosos por perto. Luiz está deitado na areia, todo molhado, olhos fechados, imóvel. Um dos salva-vidas se aproxima de Marcela:

— Infelizmente, não conseguimos resgatá-lo a tempo. Sinto muito!

Lágrimas rolam dos olhos de Marcela enquanto sente a onda gélida acertá-la: Como isso pôde ter acontecido? Como ele pôde ter partido desse jeito? Já fazia um mês, mas aquela cena insistia em se repetir na sua mente. Por que o mar quis levá-lo? Por quê?

Marcela sente raiva do mar e, enquanto observa o horizonte, as ondas ficam mais fortes, a ponto de quase derubá-la. Mal sabiam as ondas que aquilo não era nada se comparado à dor que ela sentia. Marcela observa novamente aquele mesmo sol tímido entre as nuvens cinzas, agora ele está quase se pondo, parece que está desistindo de emanar qualquer tipo de luz; o vento está cada vez mais forte, as ondas cada vez mais intensas, a vida cada vez mais incerta. Ela só consegue pensar em estar junto com Luiz novamente. Sente falta dos sonhos que sonharam juntos e que agora nunca mais poderão realizar.



Se foi o mar que levou Luiz, ela decide que também queria ser levada por ele. Dá então mais um passo, seguido de outro... sempre olhando o horizonte. Agora as ondas já chegam à sua cintura e ela segue caminhando para que aquelas águas curem de uma vez por toda sua dor.

Marcela está decidida a avançar cada vez mais e está com o olhar fixo no horizonte, mas eis que, em meio ao movimento intenso das ondas, ela sente um movimento tímido e tranquilo, um movimento em seu ventre, um pequeno tremor.

Marcela fica paralisada por um instante e outra lembrança surge em sua mente.

Marcela fica paralisada por um instante e outra lembrança surge em sua mente: ela e Luiz novamente naquela praia. Marcela entrega um presente para Luiz. Ao abri-lo, ele vê dois sapatinhos. Incrédulo, olha para Marcela, que diz:

— Parabéns, papai! O primeiro dos quatro está a caminho.

Os dois choram, ele beija a barriga dela e a abraça. Parecia que nada poderia tirar aquela felicidade deles. Parecia...

Marcela, agora paralisada, grita furiosamente em meio às ondas, que já chegam em seu pescoço, sendo que algumas a encobrem.

— Por que você me abandonou? Por que fez isso comigo? Por que me deixou aqui sozinha?

Mais uma vez sente o tremor no ventre. Por que agora? Por que está sentindo o filho se mover justamente agora? Como consegue sentir aquele movimento tranquilo em meio à agitação das ondas do mar.

Marcela então recua correndo, até que as ondas voltem a atingir apenas suas pernas. Assustada, em um misto de sentimentos, coloca as mãos em seu ventre e mais uma vez

sente o movimento dentro de si. Olha o horizonte e grita:

— Luiz, onde está você agora?

Olha novamente para sua barriga e sussurra:

— Além de aqui, dentro de mim...?

Algo se ilumina em sua mente. Ela recua mais, até chegar na areia, longe das ondas. Senta-se, confusa. Fecha os olhos com as mãos em seu ventre. Agora seu filho insiste em continuar mostrando que está ali. Ela sente a presença de Luiz, como o último raio de luz do sol que está prestes a se pôr e que insiste em aparecer timidamente no meio das nuvens cinzas. Ouve o vento sussurrar em seus ouvidos com a voz suave de Luiz: “Sempre estarei com você!”

Marcela chora, mas dessa vez é um choro tranquilo. Percebe que não está sozinha, que traz Luiz em seu coração, pensamentos, lembranças e na criança que carrega (sonhada pelos dois). Sorri, enxuga as lágrimas, levanta-se, observa o horizonte, acaricia seu ventre e diz:

— A vida continua. Ficaremos bem! ■



# ASA BRANCA

Ana Deise de Assis São Martinho

Um dia, ainda uma menina de pés descalços, foi expulsa de casa porque engravidou sem se casar. Com uma pequena mala e com o filho no ventre, foi caminhando sertão adentro em busca de um lar. Ela até encontrou, mas nada tinha além do amor pelo seu bebê, mas acredito que isso fosse suficiente, porque ela se tornou tão forte quanto uma leoa.

Era a década de 40 e o machismo se fazia muito presente. A mulher nada podia, nem mesmo ir à escola aprender a “desenhar” o nome como ela falava. Mas era tão inteligente e tão esforçada, que logo conseguiu meios de garantir seu sustento e o de seu filho por certo período.

O tempo se encarregou de apresentar-lhe um homem robusto, de olhos verdes e de mais idade, não tinha simpatia alguma, mas a quis a seu lado, assim mesmo, mãe solteira e com um filho pequeno, contando apenas com sua fé em Deus que era imensa e com a própria sorte. A diferença de idade entre eles foi mais um motivo de muito preconceito, mas eles seguiram juntos e se apoiando um no outro, logo se casaram no civil. O motivo do casamento era garantir que ela tivesse alguma renda, caso acontecesse alguma coisa com ele, sem passar por dificuldades, já que o amor deles era o que realmente os unia, longe de um pedaço de papel ou qualquer bem material.

Não demorou muito e vieram seus outros filhos, eles vivendo uma vida de retirantes, com trouxas de algumas peças de roupas embrulhadas em lençóis, e ainda com pés descalços, num chão que era tão árido quanto as lutas de serem sertanejos.

E assim a vida foi passando, os filhos crescendo, virando gente grande. O pai permitia que os meninos ou os filhos fossem à

escola, mas as filhas não. Uma delas insistiu tanto que até conseguiu. A condição era que ela fizesse até o 4º ano do primário, caso contrário, sua filha poderia virar mulher da vida.

Os dias eram difíceis, pouco tinha pra comer ou beber, algumas vezes, foi preciso raspar o barro das paredes de uma pequena casa de taipa para enganar a sensação de fome.

Os filhos todos os dias andavam quilômetros debaixo de sol quente, os grandes carregavam os pequenos, além das roupas sujas pra lavar no rio. O pedaço de sabão de coco tinha que dar conta de lavar as roupas e banhar todos os filhos, mesmo eles já chegando em casa suados com latas d'água na cabeça, roupas limpas nos cestos feitos de palha, e com os irmãos menores nos colos pra não se sujarem.

Eram muitos irmãos, naquela época não se evitavam filhos, e as parteiras se encarregavam de ajudar as grávidas a parir, sem muitos recursos, além de água fervida e panos limpos, o restante era buscar forças para empurrar menino.

O pai partiu, deixou sua “véia” que, de tanta dor, não conseguia reagir, quiçá cuidar de seus filhos. Por sorte, alguns já moços foram trabalhar pra ajudar na renda, e alguns vizinhos também ajudavam como podiam, e partilhando o pouco que tinham se fazia muito.

Ela levantou e realizou o desejo de seu “véio” e conseguiu o direito da aposentadoria por ele deixada, infelizmente foi adquirida após o primeiro derrame dele. Depois, seguiu para a cidade grande para ficar perto dos filhos que por lá já estavam.

A vida no sertão é doída, é seca, mas é capaz de tornar os seus em pessoas muito resistentes. Meus avós poderiam ser exceção, mas são regras da vida em um chão ardente. ■



# ME LEVE

Ana Lucia Pereira Da Silva

Faz muito tempo. Muito tempo que aquela noite aconteceu. Difícil de esquecer, pois ocorreu em um dia tão especial e tudo foi tão intenso...

Estava muito quente. As pessoas andavam de um lado para outro, despreocupadas e alegremente. Sentamos em um lugar que dava para ver o movimento do Dragão do Mar. Carlos olhou-me longa e fixamente:

— Amanhã você vai embora. Talvez não nos vejamos mais. Quero que você lembre tudo que passou aqui. Quero que você me leve no pensamento, mas eu gostaria que você me levasse pela mão e não me soltasse mais.

— Por que pensar nisso agora? Deixar o que passou aqui, apenas na memória, não era nosso pacto para o esquecimento? Sem fotos, áudios, mensagens. Apenas as lembranças deveriam restar? Por que não aproveitamos o momento? Permitamos que o tempo se encarregue do resto.

Ele olhou o intenso movimento, deu um suspiro e insistiu em tom suplicante:

— Mas como isso é possível? Foi a semana mais intensa da minha vida! Como posso esquecer o que me trouxe paz, felicidade?

— Repito. Por que isso agora? Você sabe que tenho outra vida lá. Muito diferente da que vivi aqui. Trabalho, compromissos, família, marido, filhos. Não posso deixar tudo isso para trás. Leve-me apenas em seu coração. Isso fará com que esse tempo não se perca e dure para sempre.

Sou casada, mãe de três filhos. Tenho uma vida constituída na capital paulistana. Viajava para ser uma pessoa diferente. Sem amarras, comprometimentos ou

arrependimentos. Como estava na idade madura, queria experimentar novas sensações e experiências que a vida em comum de vinte anos não oferecia mais.

Nos momentos em que viajava, procurava ser eu mesma. Nada a esconder ou omitir. Podia desfrutar do melhor que cada estada poderia oferecer. Afinal, quem sabe quem sou ou a vida que tenho? Era a oportunidade perfeita para tentar ser feliz, pelo menos, um breve período. Em cada lugar que conheci, não precisava explicar para ninguém cada atitude tomada. Era livre, enfim...

Nessa viagem inesperada, uma nova situação aconteceu. Carlos estava hospedado no mesmo lugar que eu. O momento facilitou a aproximação. Uma conversa aqui, outra ali, as afinidades e carências surgiram.

Ele, a princípio, não tinha nada de especial. Como estava sozinho, se aproximou sorratamente. Disse que também procurava diversão e companhia. Como era conveniente para ambos, estabelecemos rapidamente uma amizade.

Algo diferente aconteceu com a proximidade. Percebemos que podíamos tentar um relacionamento fugaz que ficaria ali. Como não havia cobranças, pudemos mostrar o que havia de melhor em nós, com bastante intensidade.

Naturalmente, o cenário e a falta de rotina fazem toda diferença. Sair todos os dias, passear, ter uma vida sem os impedimentos corriqueiros facilitaram aquele momento. A maturidade ajuda a ver as coisas com a devida clareza. Claro que tudo aquilo iria acabar. Entretanto, vinha a certeza de que o momento deveria ser aproveitado em sua amplitude.



Confesso que fiz isso, sem nenhum arrependimento. Tudo que foi desfrutado ficaria naquele lugar. Voltei várias vezes depois, mas nada foi igual. O que restou foi levar o que foi vivido no esquecimento e viver a vida. Como devem ser vividos, sem mágoas, ressentimentos. Cada instante foi vivido como se fosse único, o último.

Mas voltemos àquela noite quente...

Carlos olhou para o relógio e sorriu. Meia noite. Vinte e um de julho:

— Parabéns! Hoje é seu aniversário. Hoje é o dia que você vai embora. O que podemos fazer para tornar esse dia inesquecível? Vamos aproveitar o pouco tempo que nos resta.

E assim foi. Aquela noite foi a mais feliz de todas. Sabíamos que ela não voltaria nunca mais e não adiantava lamentar por isso. Fomos inteiros, intensos e, em um sopro de minuto, eternos para nós dois.

Ao amanhecer surgiu. Nada a fazer. Peguei minhas coisas e saí, olhei para ele pela última vez. Dormia tranquilamente. Lamentei pelo fim. Nada a fazer.

Ao chegar a minha casa, encontrei meu marido sentado, no mesmo lugar, absorto em seus infundáveis relatórios. Nada disse quando me viu chegar. Como sempre fazia, nada perguntou.

Ao entrar na sala de estar, vi cada um dos meus filhos atentos à sua rotina. Tudo como sempre. Nenhuma reação.

Para amenizar a saudade, sentei na cozinha, acendi um cigarro e peguei um café. Aquela alegria se foi, sem deixar rastros. Meu companheiro era o pensamento. Imaginei como ele estaria agora. Será que pensava em mim também?

O tempo passou e a monotonia retomou seu lugar. Entretanto, nada foi como antes. Embora eu guardasse

Carlos no esquecimento, como em um passe de mágica, ele fez parte dos meus dias. Saber que ele existia me trazia alento e felicidade. O que restou foi a certeza de que tudo que vivi naquela noite, naquele lugar, me trouxe um novo sopro de vida e a saudade como minha eterna companheira no restante dessa jornada. ■



# CAÇADOR DE MIM

Ana Maria Cesário Moraes - pseudônimo: Euzinha

Numa bela tarde estava andando pela rua, à procura de algo que não conseguia definir. O sol brilhava e, ao meu lado, minha sombra se estendia pelo chão e, ao mesmo tempo, o vento sussurrava palavras cortantes aos meus ouvidos. As árvores pareciam dançar ao vento e suas folhas vibravam com uma energia que eu não conseguia decifrar.

Observo tudo que se passa ao meu redor e vejo pessoas indo e vindo. Cada rosto, cada passo, cada olhar trazia um questionamento, uma interrogação. E eu, perdido no meio dessa multidão fico me perguntando o que estou fazendo ali, quem sou eu nesse universo tão vasto e infinito.

As respostas não vêm facilmente. Às vezes, sinto-me incompleto, com vontade de sair correndo, sem vontade de lutar, perdendo-me na busca de respostas dentro do meu próprio peito, mas não consigo encontrar.

Prossigo, caminho como um caçador de sonhos, perseguindo respostas. Buscando, nas minhas memórias, nos momentos preciosos, algo que possa afirmar a minha existência. Afinal, somos feitos de lembranças, de instantes que moldam nossa essência.

Continuo caminhando, os passos ecoando na calçada. Às vezes, parece que estou dentro de um labirinto, entre esquinas e becos, entre risos e lágrimas, como se estivesse perdido sem a menor chance de encontrar a saída, como um caçador de mim.

Não sei onde essa jornada me levará, mas sei que é preciso continuar. E enquanto o sol se põe no horizonte, me pergunto o que será que estou a sentir com todos aqueles pensamentos.

A resposta pode estar nas pequenas coisas que muitas vezes não vemos, nos detalhes que acabam passando despercebidos, nos olhares, nos suspiros, nos sussurros e nas esperanças que ainda guardo, nos sonhos ou nas realidades vividas.

Eu, caçador de mim, continuo a minha jornada, com os olhos abertos e o coração inquieto, na mesma calçada, na mesma estrada, na infinita busca da minha própria significância. ■



# NÃO RECOMENDADO

Ana Regina Barbosa Spinardi

Não recomendados à sociedade!

Não recomendados à vida.

Desde muito cedo, Aninha percebeu a não recomendação à sociedade.

Foram tantas, foram várias, foram muito intensas.

Aninha nasceu de parto cesariana num hospital na Rua Clélia, que como quase tudo em Sampa era construção, mas virou ruína.

Filha primogênita de uma família de pai nordestino, que cedo virou militar do exército talvez por ausências de possibilidades em outros campos. Mas foi lá que ele se constituiu, estudou, viajou, conheceu o Brasil pela ótica da farda e assim educou a filha e o filho.

Foram inúmeras visões relembradas constantemente nas rodas de conversa. Teve algumas paixões. O futebol era uma delas. Dedicou-se a ele ao deixar a farda por paixão à Lu, companheira até os últimos dias, testemunha das batalhas.

Lu nasceu no interior de Sampa. Família numerosa, bem numerosa, eram três rebentos no primeiro casamento e dezesseis no segundo. Dezoito bocas para comer, dezoito corpos para se manterem em pé. Dezoito corpos talhados para o trampo pesado, hostil, barganhando um pequeno valor para acordar na madruga e de novo o labutar. Esta batalha era diária, só tinha começo, o fim ninguém adiantou. E assim, cedo deparou-se com a face da pobreza e das opressões de patrões, donos de terras, de corpos. A família de Lu foi, em grande parte, matriarcal.

As irmãs mais velhas saíram da fazenda, vieram para a cidade grande. Foram puxando as mais novas.

Trabalhos em “casas de família” e a advertência: devemos entrar mudas e sair caladas. Outra advertência – a qualidade, a produção, panelas brilhando, roupas engomadas, assoalho de tacos brilhando. Uniformes escondiam as silhuetas e os desejos, determinados pelas sinhás mais velhas.

Vida pessoal só muito de vez em quando e com horário definido. Afinal, você é quase da família, deve ter respeito. Encontrou com ele num parque, o coração de ambos bateu, resolveram combinar. E dentre muitos combinados, se casaram no estilo eurocêntrico, católico. Sem festa. Economia parca. Moradia em cortiços, retratos de Sampa dos anos 50/60.

Outra paixão dele foi assumir ser um brado de resistência ao lutar pela comunidade do bairro para implantar políticas públicas, energia elétrica, água, asfalto, postos de saúde, campinho para a molecada e para os grandões também e teve dezenas de parcerias, os homens aderiram bem mais. Fundaram a Associação Amigos do Bairro. Festejaram, bailaram, jogaram, organizaram a vida sem TV. Acompanhavam o mundo só pelos radinhos de pilhas e com os torneios de bochas, festivais de futebol, cinema comunitário. Riam à toa com Mazzaropi, um galá majoritariamente popular, Grande Otelo e Oscarito. A voz rouca de Adoniran, Ataúlfo Alves, Nelson Gonçalves, Orlando Silva, a elegância de Ângela Maria, as disputas de Emilinha e Marlene, as cantoras do rádio sempre presentes. Mas as mulheres periféricas somente na torcida e olhe lá, após a casa arrumada.

Veze ou outra apareciam revistas em preto e branco, um colosso. Assim, Lu e amigas conheciam os corpos daquelas



vozes. A Ângela nem parecia ser negra. A Elza Soares como pode? Acabou com o futebol do pernas tortas. Já havia fake news e Elza sofreu, mas resistiu, sem opção. A mídia radiofônica guiava as vidas. Os comentaristas elegiam quem subia e quem descia no rol da fama.

As solicitações deram certo: a água, o posto de saúde e a escola chegaram após longa espera, mas o campinho sucumbiu ao progresso. Resistiram, mas perderam. A escola era mais importante. Anos de construção, mas as grades logo cercaram-na, afastando da comunidade, mas não era para comunidade? Cada vez mais grades, na escola, no posto, na pracinha, nas mentes. Criançada perdeu espaço.

Outra reivindicação: o transporte público. Muito cansativo ter que se deslocar na madrugada de um bairro para outro, pois somente uma rua tinha asfalto. Um ajudava o outro, ele contava que levavam tijolos embrulhados em jornais e iam demarcando seus lugares nas imensas filas de espera. Iam e vinham. Formaram grupos e não foi no aplicativo de mensagem. E todos se conheciam e respeitavam a organização. Tijolo colocado ao anoitecer pela manhã recolhido, viajava juntamente com as boias frias nas bolsas dos encantados trabalhadores.

As partidas de truco, damas e contações de “causos”, além da aferição na vida alheia, aliviavam o longo percurso até chegar à Praça Clóvis de Bevilacqua, hoje da Sé.

Quando chovia, o caos era vivido. O Tamanduaté transbordava impedindo a passagem. Fazer o quê? Esperar que as águas retornassem ao leito. Não tinha celular, nenhuma comunicação para avisar do atoleiro. Ao chegar no trampo,

a “comida” do encarregado era o prato mais comum: quem mandou morar longe; nossa, da próxima te demito; vou achar alguém que mora mais perto.

Ele ficava pensando, perto de onde? Quem se sujeitaria a receber aquele salário de me... e ser explorado. Dava de ombros e partia para sua prensa. Depois de servir ao Exército brasileiro, virou metalúrgico.

As ruas asfaltadas deram vez aos carros de alguns proletários que conseguiram juntar dinheiro e desfilavam aos domingos, ostentando o luxo periférico, e se sentiam em outra categoria de gente. O combustível era (ainda é) caro, por isso o desfile era bem curto, apenas para a vizinhança ver.

Assim, a vida seguiu juntamente com o crescimento de Aninha e Luiz que chegou dois anos depois. Viva!

Viveram bem, brincaram demais, cunharam a vida no quintal cheio de árvores, muitas vivem até hoje. Desta forma, conheceram mais tragédias. Cresceram e transformaram Lu e Marinho em avós.

Os não recomendados foram vitimados por outros não recomendados moradores da vila, cresceram juntos e num assalto trocou a sua vida pela das netas e neto – aos sessenta e três anos. A tarja preta mais uma vez no noticiário. Foto estampada no Diário Popular, idoso morto sem defesa. Encerrada mais uma vida de um não recomendado.

Os jovens não recomendados foram encarcerados e lá vitimados por outros não recomendados. Aporofobias de um sistema que não recomenda corpos pretos, pobres, periféricos. Seguimos. ■



# CLARA E ANA

Andreia Cristina Marin

Dormíamos. E, no sonho eu tomava banho. A água morna escorria, lavando o cansaço de mais um dia de trabalho. Era um sonho tão real que eu podia sentir o alívio que aquele momento me proporciona. Nada mais além do som das gotas e a respiração descansada. Aos poucos, esse som se tornou uma melodia conhecida. Comecei a cantarolar com aquela música que caía sobre meus ombros:

*“Um coração  
De mel, de melão  
De sim e de não  
É feito um bichinho  
No Sol de manhã  
Novelo de lã  
No ventre da mãe  
Bate um coração  
De Clara, Ana  
E quem mais chegar  
Água, terra, fogo e ar...”*

Nesse momento, na minha frente, como se eu não estivesse no banheiro, mas num espaço aberto e verde, vi, distante, um par de tranças, que se aproximavam pouco a pouco, ou eu me aproximava, sem me mover, daquelas tranças grossas e castanhas, que se viraram num rosto branco e iluminado de menina sorridente:

— Meu nome é Clara, mamãe.

Susto! Acordei.

Na cama, ao meu lado, com a respiração profunda de um sono que ainda demoraria, meu companheiro.

— Sonhei com uma menina! - despertei-o num grito.

— Quê? - ele não entendeu, mas acolheu meu susto!

— Clara. Uma menina de tranças grossas e castanhas me chamou de mamãe e disse que se chama Clara!

— Você acha que sonhou com nossa filha?

— Sim! Era nossa filha!

— Então, quando tivermos um bebê, e se for menina, colocaremos Clara. Agora durma, meu amor, que amanhã o dia será longo.

Dormimos.

Aquele sonho me perseguiu por algum tempo. Mesmo que não estivesse em nossos planos, naquele momento, aumentar nossa família, já falávamos em filhos, em nomes, mas Clara nunca havia sido uma opção. Era a Beatriz – do Milton, a Clarissa – de Veríssimo, Larissa – do pensamento do papai, mas Clara chegou dela, da menina de tranças grossas, sorriso largo, apresentada num sonho, que chegou na tranquilidade da água morna e da melodia fácil. Clara... quem seria aquela que povoaria meus dias vazios?

Clara estava a caminho, pronta para ser acolhida em meu ventre. Avisara-me antecipadamente que, em breve, eu a teria nos braços. E veio tão pouco tempo depois, como se quisesse antes visitar aquela que daria todo amor que existe nessa vida. E o teste! É positivo! É menina! Uma emoção incontrolável! Nossas vidas jamais seriam as mesmas!



Ainda hoje conto, para uma menina esperta, de olhos vivíssimos e sorriso de sol, o sonho que me apresentou a ela. Muitas vezes, em meio a gargalhadas, ela termina, impaciente: “você não cansa de contar isso, mamãe!”

Não canso, minha filha. Você veio anunciada, para que minha espera fosse além dos nove meses e, sua chegada, o maior momento de todos. Chegou forte, determinada, impedindo que pudéssemos, inclusive, nomeá-la – uma das poucas ações que são frequentemente direcionadas aos pais. Procuo, e encontro, em seus traços, o nariz, o sorriso, a força e determinação da menina de tranças.

Olho com admiração suas atitudes, como se já chegasse sabendo da vida, como se sua alma fosse antiga, como se viesse para me ensinar, invertendo novamente os papéis socialmente determinados e me fazendo mediadora de uma existência pronta.

Ana não chegou, ou talvez tenha chegado, nessa vida múltipla de um ser presenteado, e pergunto-me diariamente se sou merecedora. Nessa Clara, há Clara, Ana e quem mais chegar; tem todos os elementos, tem começo, meio e fim, porque trouxe o mundo ao meu mundo com sua própria chegada.

Conheço canções de ninar. Já adormeci com várias. Mas Clara, essa não é canção de ninar, por mais que seja doce, suave e encantada. Clara é uma canção de despertar, do sonho efêmero, para o sonho da vida. ■



# UM DEUS

Andréia Fernandes de Souza - pseudônimo: Déia Nandes

*um deus efêmero  
um deus com sexo  
um deus com gênero  
e que envelhece*

## A. Antunes

Desde sua tenra idade, sempre estive ali ao lado dos seus. Nunca se questionou o que tinha do lado oposto, se havia outros iguais a ele. Nada lhe causava tristeza, raiva, alegria, melancolia. A vida se resumia em apenas ocupar o espaço e existir naquilo que parecia ser sua própria razão. Conforto, zona de conforto, haveria de ser isso.

Apesar dos dias serem longos, os anos foram rápidos, passaram voando enquanto desapercibido estava.

Incômodos, choro, aumento da temperatura, dores, indisposição, sensação de inadequação, rápidas transformações.

Os desejos inativos até então dominam os pensamentos. Sente por aquilo que não existe mais e sente mais ainda por aquilo que ainda não existe, apesar dos sinais.

Aos poucos, os seus iguais vão indo a um lugar e nunca mais retornavam.

Ao olhar o seu vazio interno, eis que chega o seu dia. Movido pelo furor externo, sente profundamente seu chamado e sai do convívio coletivo para uma saga individual. Sozinho, desamparado, mas cheio de razão, se move lentamente por corredores escuros e orgânicos.

Algo inconsciente indicava a direção.

Paredes aconchegantes tentavam impedir sua partida, mas insistiu. O vazio motivava a busca.

Seguiu por alguns dias que pareceram incontáveis.

Nada. Ninguém. Medo. Receio em seguir, vontade de voltar.

O vazio, agora, tornava-se cada vez maior.

Percebeu que naquela passarela do advento haviam se preparado para vê-lo preenchido, habitado.

Nada aconteceu.

Como num fim de festa, estouraram os balões, enrolaram o tapete, varreram os vestígios.

Olhou ao redor e, num rompante, concluiu que não atenderia às expectativas criadas para ele sem que soubesse.

Já não queria mais sua presença.

Sentiu-se em pedaços, que foram descartados junto com todo o resto.

Escorreu, num vermelho intenso, trazendo a (des)anúnciação.

*um deus talvez  
volúvel deus  
um deus que ovula  
todo mês  
um deus que paga  
sua comida  
merece a vida*

## A. Antunes ■



# RIBEIRÃO EM BRAÇO DE MAR

*Andreia Pereira dos Santos - pseudônimo: Andreia Tairon*

Mas se você quiser transformar  
O ribeirão em braço de mar  
Você vai ter que encontrar  
Onde nasce a fonte do ser

Tenho esses versos em minha pele  
Escrito para eu não esquecer  
Que tudo o que procuro fora  
Está na verdade dentro do meu ser

Nesse mundo tão grande  
Em que nos sentimos tão pequenos  
A dosagem é o que define  
O que é remédio, o que é veneno

Por que me permito acreditar  
E não cultivar crenças limitantes  
Se dentro do meu âmagô habita  
Virtudes tão importantes

Mestra ayahuasca me falou  
E eu nunca vou duvidar  
“Preste atenção nas histórias  
Que insistes em acreditar”

Qual discurso tem consigo  
Quando deita no travesseiro  
Que crença te amarra e tolhe  
Te impede de ser inteiro?

Dentro de ti há a potência das ondas  
Mas pensas que é só ribeirão  
Olhe pra dentro de si  
Mas olhe com atenção

Você é luz infinita  
Nada pode te parar  
Só preste atenção na estória  
Que a si próprio vai contar

Eu sou maior do que era antes  
Eu sou melhor do que era ontem  
Eu sou filho do mistério e do silêncio  
Somente o tempo vai me revelar quem sou ■



## “JURA”

*Artur Antonio Azevedo Amorim*

Uma coisa que me autodetermino é ser um professor Partizan (guerrilheiro) da História, que age de maneira fortuita em sala de aula ao partilhar conhecimento ou que é fora do seu contexto cultural aos estudantes resistentes. O professor Partizan é o guardião da memória de um país que culturalmente não privilegia a lembrança da sua produção musical. Infelizmente os jovens não são fãs da audição do rádio – uma mídia ainda resistente aos tempos da internet. Diante dessa adversidade, como os jovens poderão ter contato com as produções musicais do século passado e principalmente das quatro primeiras décadas do século XX? Aí que entra o professor Partizan em seu terreno de ação: a sala de aula.

A resistência aos antigos sons pelos estudantes é evidente, mas não importa o preconceito. O professor Partizan é como um pescador que joga uma tarrafa cheia de grandes buracos num cardume de peixes esguios; que, ao puxar a tarrafa, se tiver um peixe nela, já é uma grande vitória.

Durante esses vinte e cinco anos de atuação nas salas de aula da Rede Municipal de São Paulo sempre age de forma fortuita ao introduzir grandes e antigos sucessos da MPB na sala de aula. O repertório foi vasto. Nas comemorações dos 500 anos do descobrimento do Brasil – eu e os estudantes fizemos uma apresentação para a escola ao dançar trajados com sacos de lixo a canção de Noel Rosa “Com que roupa”. Mais recentemente na EJA, em umas das comemorações da Consciência Negra, eu e minhas estudantes cantamos e dançamos “A banca do distinto”, de Dolores Duran.

Em outro momento em sala de aula, para exaltar a nossa autoestima cultural, demonstrei a admiração dos estrangeiros ao nosso repertório musical ao exibir “Os Backyardigans”, no episódio “Skate mágico”, produção infantil canadense, em que os protagonistas dançam e cantam baião, gênero nordestino de música. Os estudantes da EJA ficaram admirados pelo episódio e pela mescla da cultura nordestina com skate. Surreal!

Em sala de aula, na medida do possível, apresentei “A favela vai abaixo”, de Sinhô, para relatar a reurbanização higienista da cidade do Rio de Janeiro na década de 20 do século passado. “Século do progresso”, de Noel Rosa, sobre a violência nos morros do Rio de Janeiro. Apresentei também as agruras dos trabalhadores durante a ida ao trabalho “O bonde da São Januário”, de Cyro Monteiro, e “Patrão, o trem atrasou”, de Roberto Paiva.

No ano passado, instigui os ouvidos dos que gostam de ser desafiados, apresentei duas gravações pioneiras: “Passarinho do Má”, cantado por Francisco Alves, a primeira gravação elétrica do Brasil e “Na Pavuna”, cantado por Francisco Alves, a primeira gravação elétrica do Brasil, e “Na Pavuna”, cantado por Almirante e o Grupo dos Tangarás, o primeiro samba batucado gravado. Sempre estou expondo algo musical para instigá-los, no entanto, gostaria de compartilhar com o meu leitor a minha primeira e investida vitoriosa contra a pós-modernidade e a indústria cultural de massas, quando apresentei a canção “Jura”, de Sinhô.



Para a maior parte das pessoas, existe uma confusão entre intérprete e autor no campo da música popular. É verdade que muitos compositores gravam suas próprias canções. Na história da MPB, houveram muitos compositores que fizeram sucesso, mas não tinham o verdadeiro dom da voz. Esse foi o caso de Sinhô, o rei do samba na década de 1920. Além de compositor, Sinhô foi um garimpeiro de grandes vozes que garantiram o sucesso de suas composições, como Francisco Alves, Mário Reis e Aracy Cortes.

Em fins de 1999, comecei a trabalhar com a Educação de Jovens e Adultos na Prefeitura de São Paulo. Sou um tipo de professor que sempre trabalha com registros: “mato a cobra e mostro o pau”, como dizem meus estudantes. Na época, havia uma novela da TV, cujo prefixo era cantado por Zeca Pagodinho. A música era “Jura”. Em uma das minhas aulas fiz uma provocação. Levei um CD para a sala de aula e os fiz ouvir “Jura”, mas não a gravação de 1999, e sim, o original de 1928, cantado por Mário Reis. Eles ficaram atônitos. Primeiro, porque não estavam acostumados a ouvir uma gravação antiga e, segundo, por acharem que a música era de autoria de Zeca Pagodinho. E isso a ponto de um deles se manifestar, dizendo: “Obrigado professor. Se não fosse pelo senhor, juraria que essa música era do Zeca Pagodinho!”

Não satisfeito, pesquisei em lojas o CD da trilha sonora da novela e vi na descrição das músicas “Jura – Zeca Pagodinho” e nenhuma referência ao verdadeiro compositor. Infelizmente, a sociedade brasileira tem um terrível problema com sua própria memória. Pobre Sinhô, que fez muito sucesso com suas composições em sua época,

hoje esquecido. É graças a nós, professores de História Partizan, que esta pequenina chama da memória ainda resiste a não se apagar. ■



# BRAVA GENTE HUMILDE

*Braz Gomes da Silva Filho*

Viver!

Às margens dos trilhos,

Às margens das vias.

Da vida, não!

Às margens

Há vidas

Ávidas de vida.

**I**

Humildes!?...

Isso não incomoda.

Humildade também é virtude, qualidade, caráter

Isso importa!

**II**

A vida segue em vida

É assim que vão.

Vidas vivas

Sonhos acordados

Firmes de pés no chão

**III**

Em frente vão

Nada é à toa, nada é em vão

Brigando pela vida

Firmes vão.

**IV**

Nas ruas

Brincam descalços

Livres com os pés no chão

Sorrindo vão.

**V**

Ônibus lotado, trem lotado...

Empurrão!!

Pouco dinheiro...

Pé no chão.

Fé em Deus, fé na vida

Força meu irmão!

**VI**

Em casa chegam cansados,

Abatidos não!

Amanhã é outro dia de fé e de feijão.

Mulher, marido, panela, fogão

Lá estão seus filhos, sua gente. Gente-gente!

Sabe quem são!

**VII**

Povo, povinho, populaça.

Povão!

Que importam os rótulos?

Têm amigos e são!

Vão para o céu e sabem que vão.

**VIII**

Bom dia! Boa tarde!

Sinceros apertos de mão.

Como vai? Como vão?

...Deus sabe o que faz!

É... a Vida é assim mesmo...

...Tudo vai melhorar...

Fé meu irmão.

**IX**

Fé, amizades, pés no chão.  
 Lutas vêm,  
 Lutas todos têm.  
 Colhem e acolhem irmãos  
 ...dificuldades passam  
 Ninguém fica na mão!

**X**

Uma xícara de açúcar  
 Uma banana nanica  
 Um pedaço de pão  
 Um copo de café  
 Só café...  
 Leite, hoje, não tem não.

**XI**

Se chega uma visita  
 Sentar-se à mesa é sagrado.  
 Há sempre um copo d'água  
 Para pôr no feijão contado  
 E assim vão.

**XII**

O que importa nessa vida...  
 Cabeça erguida, olhar acima  
 Sonhos acordados  
 Com os pés no chão.  
 Têm amigos? Têm!  
 E sabem que são.

**XIII**

A bênção da mãe, o amor dos irmãos.  
 Ali têm tudo,  
 Mulher, marido, panela, fogão  
 Assim vão felizes  
 Às margens dos trilhos  
 Às margens das vias  
 Às margens da vida!??  
 Não!!!

**XIV**

Enchente, incêndio, invasão  
 Batida!  
 Tudo e todos juntos  
 Ninguém larga a mão!

**XV**

Em frente vão.  
 Tudo é Vida!  
 Nada é em vão

**XVI**

Cultura!  
 Também surge da união!  
 Música, moda, cabelo  
 Linguagem, estilo, criação  
 Na via da lida, na trilha da vida  
 Sonhando acordados  
 Com os pés no chão  
 Vão para o Céu e sabem que vão! ■



## RAP DO SILVA

*Beatriz de Araújo da Costa Barros*

Foi batizado de Jorge da Silva em homenagem ao Santo de devoção, que em casa estava sempre de prontidão. Em cima da geladeira, empunhando a lança e pisoteando o dragão. Era assim como ele, que também vivia na luta diária, só que o dragão que enfrentava era o da pobreza, o do preconceito e o do racismo. O sobrenome comum herdou da mãe. O pai, desconhecido, veio e partiu antes que ele pudesse lembrar.

Jorge foi criado em um mundo de mulheres, cercado pelos cuidados da avó, da tia, da mãe e da irmã caçula. Não passava ainda dos vinte um, mas, como quem tem pressa de viver, foi precoce em quase tudo, inclusive em construir família. Morava com Helô, com quem já tinha dois pivetes. Ela era uma mina firmeza, sempre o apoiando na correria.

Ele apenas passou pela escola, sem se ligar muito nela. Tinha muitas coisas na cabeça para poder dar conta da lição. Com pouca instrução e, menos ainda, oportunidades, trabalhava vendendo itens baratos no trem e fazendo entregas de moto nos finais de semana, levando comida para poder comer. Não era fácil, o veículo pegava emprestado de um parceiro e, por isso, tentava juntar uma grana para que, um dia, oxalá, pudesse comprar o seu.

Vivia na periferia, onde era querido pela comunidade. Cara honesto, trabalhador e sonhador. Curtia funk e buscava estar sempre alinhado, cabelo descolorido e os óculos espelhados. Às vezes, recebia críticas pelo estilo chavoso, que mantinha mesmo com os objetos falsificados, pois não tinha condições de comprar marcas originais.

O funk era mais do que música, era um estilo de vida, a expressão de sua identidade. Ele, inclusive, compunha

algumas batidas e, às vezes, arriscava-se de MC. Seus parças diziam que era um moleque de futuro, que não era para desistir dos seus sonhos e que um dia estaria fazendo shows e ostentando.

Naquele domingo de sol, depois de tanto tempo, conseguiu sair para jogar futebol. Beijou as crianças que dormiam no berço apertado. Depois, foi até a mulher que esfregava a roupa no tanque, pois a máquina tinha quebrado mais uma vez:

— Hoje eu não vou fazer entregas, vou colar lá no panchadão, disseram que vão me deixar cantar e pode até rolar uma grana. – falou esperançoso.

Helô não gostava muito que ele fosse sem ela, pois sabia que o baile era cheio de mulheres sensualizando e não escondeu a cara de ciúmes, porém, Jorge a apertou mais firme nos braços franzinos, fungando em seu cangote do jeito que só ele sabia:

— Um dia, você nunca mais vai precisar descascar o esmalte lavando roupa na mão.

As suas palavras eram cheias de confiança, afinal, a esperança é de graça e o que lhe restava era sonhar com dias melhores, em que poderia comprar uma boa casa para sua família, mimar as crianças com os brinquedos que ele não pôde ter na infância, além, é claro, de cuidar de sua Helô. Ela ia andar toda mandrake, cílios longos, unha de gel, seio empinado e cabelo hidratado.

Ele prometeu que voltaria para o almoço e saiu. Encontrou a irmãzinha sentada na frente de casa e lhe entregou uma flor que colheu por perto. A menina abriu o



sorriso banguela e o abraçou. Jorge pensou que ela estava crescendo e a sandália apertando-lhe os dedos.

Ao anoitecer, ele colocou sua melhor camisa e o tênis branco que conseguiu comprar com o dinheiro suado. Ajeitou o cabelo para colocar o boné e se perfumou, enfeitando-se com o enorme cordão dourado no pescoço e o relógio emprestado:

— Hoje minha estrela vai brilhar. — falou sorrindo, em tom de profecia, antes de sair.

Os seus olhos, ao menos, já brilhavam só pela expectativa, afinal, disseram que o baile ia estar lotado e que, se pá, até teria um produtor famoso por lá. Ele encontrou os camaradas na esquina, pegou o busão e seguiu rumo ao local, que ficava em outra comunidade, no extremo da Zona Sul.

As luzes piscavam e o som tremia no asfalto. As pessoas dançavam, rostos como o dele, jovens, ousados e tatuados. As meninas rebolavam, giravam, os garotos acompanhavam em passos sincronizados. O ritmo impregnava a multidão, enquanto o DJ do palco pedia para todos levantarem a mão.

Naquele momento, ele esqueceu os problemas, os atritos do dia a dia, a conta de luz atrasada e a máquina de lavar quebrada. Subiu no palco como quem não estivesse nervoso, soltando as rimas com destreza. Ali era simplesmente MC Jorginho agitando a galera, curtindo um lazer após a semana pesada.

Do nada, as pessoas começaram a gritar. A caixa de som foi desligada e as sirenes da polícia tomaram o lugar. Perturbação do sossego, desordem e confusão eram as principais acusações. Contudo, disseram que um suspeito de roubo havia se evadido para o lugar onde o baile desenrolava.

Imediatamente, os agentes se colocaram em prontidão. Truculência e desespero tomou a multidão. Houve um som de disparo de bombas de efeito moral e o caos foi instalado. Pessoas quase sendo pisoteadas, garrafas atiradas em meio à confusão de poeira, asfalto e farda.

Jorge correu para uma viela escura, a situação estava fora de controle e o que ele mais desejava era cair fora dali. Sentia o coração disparar e o pingente pesado de cifrão bater no peito com força como se fosse cair.

Não soube identificar a figura que surgiu em sua frente, ofegante, suando e com uma arma nas mãos. Parecia bicho, mas era gente. Como que por extinto, ele levantou as mãos. Desde menino, sabia como se comportar nessa situação. Ele não era o perigo, não estava armado ou com nada ilícito. Era trabalhador e pai de família, Jorge da Silva.

O disparo veio seco e veloz, um impacto no peito e caiu de joelhos no chão. Precisava voltar para casa, pensou, a esposa não podia continuar lavando roupas no tanque, as crianças estavam crescendo, as calças ficando curtas, a irmã também precisava de calçados novos e a mãe ia chegar há pouco da igreja do pastor Tavares e dizer que colocou o nome dele no livro de oração....

Então, o gosto de sangue subiu pela garganta e ele percebeu que não conseguiria comprar mais a sua moto ou ouvir a sua música ser tocada no fluxo. Amanhã, logo cedo, sairia no jornal alguma nota sobre a confusão e as mortes citadas como meros contratemplos da operação, afinal ninguém ia se importar muito, ele era só mais um Silva e sua estrela não brilha, ou melhor, agora brilha no céu. ■



# CONTATO IMEDIATO (AN.SI.E.DA.DE)

Bruno Carvalho

*Peço por favor  
Se alguém de longe me escutar  
Que venha aqui pra me buscar  
Me leve para passear [...]*

Às vezes saímos do eixo e isso é mais comum do que pensamos. Estar vivo é a primeira condição para que aconteça. Não se sentir bom o suficiente para estar em algum lugar ou com alguém. Ouvir –nas vozes das pessoas – coisas que fazem mal, coisas que abalam o pensamento, a confiança a vontade de estar de realizar de reagir de sorrir de falar de respirar de... tudo meio junto sem pausa.

Gatilhos.

O pedido de ajuda para lidar consigo, com a sensação misturada de raiva, insatisfação, de medo e impotência. Um pedido de socorro para lidar com a falta de ar, mesmo sem que o ar esteja mesmo faltando. A palpitação descompensada, o coração acelerando em batidas duras e constantes (sem que seja por uma boa surpresa). A inquietação nos músculos, fazendo bater as pernas, suar as mãos, tremer o corpo e, principalmente, os pensamentos.

*Se o coração disparar  
Quando eu levantar os pés do chão  
A imensidão vai me abraçar  
E acalmar a minha pulsação*

Distante de nós mesmos, tropeçamos em mares de morro de angústia, solos áridos de pensamentos ruins que sabotam, enfraquecem e maltratam. E tropeçando, em nossos próprios passos, caímos. Encalhamos. E, encalhados nas profundezas do nosso eu, sepultamos o próprio ânimo numa areia movediça; a gente fica preso, com vontade de

sair e sem conseguir... Prontos para embarcar para longe disso, mas com os poros imóveis, encolhidos, esperando até que essa sensação grudenta, pegajosa, insalubre se afaste.

Os questionamentos surgem e como respostas caberia uma sequência de ‘sei lás’, mas, no geral, o que se precisa é o calor de um aperto de mão, ainda que seja só a sensação (para enganar o cérebro). A temperatura fria de um cubo de gelo e o vagaroso degelo ao entrar em contato com a palma da mão: quente e trêmula.

A tentativa de respirar fundo, chorar, falar, ouvir algo, ouvir alguém, às vezes em vão! Em vários casos, o entorpecer-se com medicamentos, os famosos “se crise” é o caminho mais possível. Não há receita para essa quase irremediável situação, pois os gatilhos sempre estarão lá, entre uma dose e outra do ansiolítico. Para todo esse caos particular, essa avalanche de nós mesmos que resulta em dores que insistem em não passar ou nos visitar de tempos em tempos é preciso ter paciência. Paciência, pois ISSO TAMBÉM PASSARÁ. Nada é eterno, nem mesmo essa chata sensação.

Res.pi.ran.do;

Pirando;

Tre.men.do;

Cho.ran.do;

Ten.tan.do;

E... Res.pi.ran.do, res.pi.ran.do...

Presos em paroxítonas precisamos de libertação. Olhar para fora de si e (re)encontrar gente. Apoio. Abraço. Presença... Até os super-heróis têm pontos frágeis, por que não teríamos!? Há quem diga que chorar é fraqueza, talvez não... Talvez seja mais um sinal de força. Humanidade e força. Dias melhores virão, mesmo que o céu esteja nublado, o sol está lá, todas as manhãs. ■



# TOCANDO EM FRENTE

*Carlos Roberto Bortolloto*

Na vida, passamos por diversas situações e com isso aprendemos a ser e a enfrentar os obstáculos da jornada com mais leveza. E sempre há uma canção que nos impulsiona, aliás a vida é uma canção que escrevemos e cantamos dia a dia, portanto, a vida é feita de inúmeras canções; cabe a nós fazer a melhor seleção possível para motivação e alento.

Sempre tive a vida bem atribulada, agitada, porque faz parte de mim o “movimento”, a “realização” e o “protagonizar”. Sou Professor há trinta anos, vivenciando inúmeras experiências enriquecedoras, tanto na rede Estadual, quanto na rede Municipal de Ensino.

Tocando em frente, sempre me inspirou e me movimentou: na Sala de aula, nos meus Projetos, na Participação Política, no Protagonismo Leitor, no CRECE-IQ, como gestor (Diretor, Vice-Diretor e Coordenador), nos Trabalhos religiosos, como POSL e como coordenador literário da AEL Keka Reis. De tudo isso, “Hoje me sinto mais forte, / Mais feliz, quem sabe / Só levo a certeza / De que muito pouco sei / Ou nada sei”.

O aprendizado é constante e rico, porque “penso que cumprir a vida / Seja simplesmente / Compreender a marcha / E ir tocando em frente”, ou seja, caminhar sempre em frente é o que me move a realizar coisas, sempre valorizando cada pessoa que faz parte dessa minha jornada, sobretudo, meus alunos, que são a minha inspiração e o motivo pelo qual compreendo essa marcha, desacelero e busco no tocando em frente, lembrando que **“é preciso amor pra poder pulsar / É preciso paz pra poder sorrir / É preciso a chuva para florir / Pela longa estrada, eu vou / Estrada eu sou”**.

“Cada um de nós compõe a sua história / Cada ser em si / Carrega o dom de ser capaz / E ser feliz”. Aqui está um pouco dessa construção rica e diversa, repleta de desafios, de determinação e de dedicação; por isso sou feliz tocando em frente com a certeza de que sou estrada para muitos. ■



# LANTERNA DOS AFOGADOS

Carolina Cerqueira

Lá estava eu, janeiro de 1984, uma tarde quente de um verão que não dava trégua. Estava confortável, protegida, mas chegou a hora. Fui retirada com delicadeza, uma luz muito forte, tapinhas em meu bumbum e o choro que traz alívio a todos. Esse foi meu nascimento, uma cesariana muito bem feita.

Cresci com o amor dos meus pais e de minhas duas irmãs, fui mimada, superprotegida, talvez até sufocada por tanto zelo.

Com cinco anos de idade estou eu na cozinha, com uma roupa chamada uniforme, lancheira, mochila e os olhares de alegria da minha mãe e irmãs, era meu primeiro dia de aula. Não sabia o que esperar e confesso que demorei a me adaptar, um local com crianças desconhecidas, barulhentas... Mas minha professora era minha luz naquele local que me encontrava, me sentava perto dela e logo fui entendendo que precisava apenas me sentir segura.

Aos sete anos, uma nova angústia, pois mudei de escola. Agora já tinha idade para a chamada primeira série, porém tudo era mais assustador, escola maior, mais crianças, mais barulho. Eu já sabia ler e escrever, mas passava a maior parte do tempo fazendo traços à direita, traços à esquerda no caderno, sob os comandos da professora. Minha mente não se mantinha ocupada, o que dava espaço para uma das minhas melhores amigas: a ansiedade.

No entanto, havia momentos bons, como quando a inspetora me levava para dar uma volta a fim de eu parar de chorar e me davam chá. Logo esse carinho me fez perceber que a inspetora e as cozinheiras eram minhas lanternas, ou seja, elas me tiravam dos meus pensamentos e me ajudavam a me guiar.

Terminei o ensino fundamental e iniciei o magistério, meu sonho sempre foi ser professora, o que chega a ser irônico já que eu temi os muros da escola durante anos.

Primeiro dia no magistério e lá estava eu, toda a sensação de angústia de anos atrás voltando à tona, mudanças me sustentam, mas havia muitas lanternas acesas para mim.

Passei pela faculdade, consegui meu primeiro emprego e a vida foi tomando seu rumo. Essa sensação de angústia sempre me acompanhou, porém eu focava nas minhas conquistas e no amor das pessoas à minha volta.

Nos meus vinte e poucos anos comecei a namorar de verdade, ele parecia uma lanterna, mas foi nesse momento que minha luz interna começou a se apagar. Meus pais mudaram para a praia, minhas irmãs estavam casadas e nesse momento existia apenas – eu .

Quando se convive com uma pessoa tóxica você demora a entender o que acontece consigo mesmo. Ganhei novos amigos: o medo, o desespero e a solidão. Eu estava me afogando, o mar era grande e eu não sabia nadar, não havia nada que me tirasse daquela água, a não ser eu mesma. Eu precisava ser a minha lanterna.

Sete anos se passaram desde que comecei a me afogar, engoli muita água, subi para a superfície e descí várias vezes novamente. Até hoje não sei de onde tirei forças para não me entregar de vez, acho que a volta dos meus pais para São Paulo foi meu holofote.

No dia 01 de maio de 2014, sonhei com um gato lindo, que vinha até mim para me ajudar. Acordei com um gato no meu telhado e pensei: vou atrás da minha lanterna. Eis que me conecto com minha lanterna mais fofa e peluda da minha vida, meu gatinho Ozzy.

Ficamos juntos por cinco anos, ele me ajudou a dar tchau para minha amiga depressão, vivemos momentos únicos, mas sua jornada foi curta, sua luz se apagou e ele passou a ter uma luz própria no céu, minha estrela mais linda.

Novas conquistas surgiram em minha vida, fui morar sozinha, evolui pessoal e profissionalmente, vivi novas paixões e encontrei um novo amor.

Sou grata por todas as lanternas que já se acenderam por mim, não gosto de pensar na realidade de que não serão eternas, mas me sinto feliz e aliviada por não mais me afogar.

Desejo que eu sempre encontre a lanterna dos afogados, caso venha novamente precisar. ■



# O PORTÃO

*Cinthia Krayuska de Araujo*

Há muito tempo eu não passava naquela rua. Aliás, naquela cidade. As rotas que eu fazia com as cargas incluíam lugares muito distantes, mas nunca este. Foi quando parei em frente ao portão que percebi: quase nada se modificou. Tudo estava igual como era antes. Um pouco mais desgastado, porém. As cercas baixas que pareciam pequenas setas de madeira apontando o céu já não tinham mais a brancura da cal e descascavam.

O mato alto encobria onde deveria estar um jardim lindo – como costumava ser – de camélias e rosas brancas. Ouvi um latido rouco e Matuto veio correndo em minha direção. Eu não diria muito bem correndo, pois o tempo parecia ter castigado o bichinho que antes era um vira-lata parrudo e agora balançava descompassado as ancas ossudas. Eu tive certeza que ele sorriu para mim e quase vi uma lágrima em seus olhos.

Coloquei as malas no chão e abri sem dificuldade o trinco, que nem trancado estava. Enferrujado e pendendo na madeira podre. Fiz um afago no guardião, que deitou no chão com as patas para cima em busca de algum carinho. Como me reconheceu depois de tantos anos? Mudei muito... A barba crescida, o corpo muito mais magro, as costas encurvadas, e as linhas do rosto como um mapa mostrando os caminhos emaranhados que trilhei.

Dei uma boa olhada naquela casa e suspirei. Era exatamente como me recordava: três degraus arredondados revestidos de um mosaico com tons avermelhados que davam para uma pequena varanda com duas colunas redondas também. A porta de entrada, com tela contra mosquito que vivia cheia de pó e tinha um buraco embaixo, feito pelos cães que já passaram por lá. Duas janelas davam para a área. A esquerda costumava ser o meu quarto e a direita a sala de estar. Fui abrindo a porta demoradamente e deixei a luz entrar primeiro.

O ambiente foi clareando devagar. Era como se meus olhos fossem faróis iluminando o que focavam, aos poucos. A claridade estava impregnada de partículas de poeira e quando abri a janela da sala para ver melhor percebi meu retrato ainda na parede. Meu fusca amarelo e eu sorridente

posando com a mão apoiada em sua porta. Amarela também era a foto, já desbotada e borrando meu rosto. Mesmo assim eu conseguia ver aquele jovem me perguntando por onde andei.

Onde andei não deu para ficar. Não consegui fixar residência porque talvez nem quisesse mesmo. Tampouco consegui criar raízes baseadas em algum amor que me convencesse a permanecer em ponto morto. Amigos? Conhecidos. Ficavam pelos bares, pelos postos em que eu dormia e um ou outro nas pensões em que fiquei. Nunca senti que pertencia a algum lugar na estrada. Nada me parecia tão meu quanto as coisas que aqui deixei. Voltei.

A casa parecia vazia. Ela estaria à minha espera? Não havia barulho ou cheiro de alguma coisa qualquer no forno. Ninguém veio ao meu encontro quando abri as cortinas empoeiradas e a janela barulhenta e emperrada. Teria saído? Teria...? Não, não. Caminhei passos indecisos até os fundos da casa, onde ficava o outro quarto à esquerda, o banheiro no meio e a cozinha à direita que tinha uma porta que dava para o terreiro. Nenhum cacarejo. Foi quando paralisei.

Naquela penumbra pude ver a silhueta pequena dela, daquela mulher que há tanto tempo deixei. Meus olhos marejados mal puderam ver seu rosto quando os dois braços abertos me abraçaram. Tanto quis dizer e não falei. E chorei. Não consigo precisar quanto tempo ficamos naquele abraço silencioso. As memórias vieram como uma enxurrada. Os tempos difíceis de escassez que compartilhei com aquela mulher que me criou sozinha em meio às dificuldades. Eu, seu único filho e talvez o único companheiro dela, tinha voltado. Por que demorei tanto?

Os pensamentos se embaralharam e a imagem dos objetos, da casa e de minha mãe começaram a se tornar borrões. Como aquele retrato do passado na parede. Íamos desvanecendo e era como se evaporássemos ligados um ao outro. E percebi: já não estávamos neste plano. Em algum momento em nossas vidas deixamos de estar. Eu voltei, mas não foi para ficar. Eu voltei e, saindo por aquele portão, nos libertei. ■



# FLORES

*Cláudio Santana Bispo*

No espelho, você olha até se cansar da sua angústia, seus olhos vermelhos de ódio e lágrimas.

Você sabe que, dessa vez, foi longe demais.

Na fúria, quebrou vasos, desterrou antigas raízes. Despedaçou o lindo buquê de flores, arranjo harmonioso e delicado, por conta de um coração sangrento.

Você pensa nas coisas horríveis que disse, nas palavras afiadas que ouviu. Cuspiu venenos e pragas, em frases nocivas e tóxicas. Engoliu pulgões e lagartas. Cortou brotos delicados de uma paixão adoecida.

Agora, há espinhos em suas mãos e respingos de sangue em sua roupa. De repente, seu belo jardim está seco, devastado, triste. Sua água tornou-se turva; seu espelho, opaco: você sabe que está ali, mas seu reflexo não se vê.

Nesse delírio, imagina os pulsos cortados, amor e sangue escorrendo-lhe a vida. Sente flores pelo corpo, um cheiro sufocante e amargo de ervas daninhas invade-lhe os pulmões. Respira com dificuldade, o coração vazio, a cabeça repleta de fungos. No seu vendaval interior, rodopiam flores por todos os lados, folhas e pétalas manchadas de seiva vermelha.

Os cortes são profundos e parece não haver remédio para cicatrizar essa dor. As flores, agora, têm cheiro de um amor que morreu, sem o qual você recusa-se a viver.

Sem adubo, sua carne parece murchar, lentamente, árida, desidratada, infértil. Você teme não haver mais sementes. Nem mudas.

Um corpo é muito pouco; ainda há pouco, eram dois.

Você brincou com fogo e agora não suporta a devastação.

Súbito, você desperta desse transe mórbido: um som de natureza inconfundível restitui-lhe a razão. Seus ouvidos reconhecem esse perfume, sua língua sabe essa música doce de água regando plantas.

A névoa do espelho se desfaz.

O ar inconfundível da chuva fina caindo sobre a terra, a luz do sol filtrada em raios luminosos por entre as folhas das árvores revivem, em você, memórias e sentimentos dos tempos de doçura e paz. No jogo de malmequer, bem-me-quer, talvez o renascer daquele Amor-Perfeito.

Você enxuga as lágrimas e tenta regar os sentidos; apanha o celular com a mão trêmula, desliza suave a tela, um ribeirão caudaloso e fugaz de palavras fúteis.

Em meio às cinzas de um bosque estéril, você encontra e colhe essa rosa branca que desabrocha, a solitária Flor do Deserto.

E lê, num ímpeto quase cego entre a esperança e o sonho, a mensagem insidiosa que diz:

“As flores de plástico não morrem.” ■



# A DESCONHECIDA

*Creusa A. Lima Ruiz*

Cheguei na vida dela antes dos seus dois anos de idade. Logo percebi que nossa relação seria especial. Lembrome exatamente o quanto seus olhinhos brilharam quando me viram. Ela me agarrou com seus dedinhos curtos e me abraçou com toda ternura que seu pequeno coração podia oferecer. Naquele mesmo instante descobri que nossa conexão seria intensa.

A partir daquele momento não nos desgrudamos mais, ela me arrastava pelo quintal e fui testemunha de seus passinhos ainda inseguros e titubeantes, caminhando pelos espaços, descobrindo minúsculas flores, formigas e joaninhas. Acho que por ser tão pequena enxergava as coisas pequeninas melhor que os adultos. E a cada dia eu a amava mais e mais.

Quando ela esfolou o joelho pela primeira vez, eu sofri; quando chorou de saudade da mãe, eu também sofri. Eu não podia protegê-la como merecia. Entendi que, apesar de estar sempre ao seu lado, não poderia evitar que sofresse.

Acompanhei-a quando foi morar com a tia, sua única família. A menina com apenas 5 anos conheceu os sabores de viver ao lado de uma pessoa que parecia sempre ocupada, que nunca sorria e que impunha regras rígidas quanto à organização da casa. A minha garotinha tinha uma rotina pesada para uma criança tão pequena, lavava a louça, dobrava pesados cobertores, limpava o chão, o banheiro, lhe sobrava pouco tempo para brincar comigo.

A tia quase se esqueceu de mandá-la para a escola. Aos 7 anos, minha menina não era uma criança como todas

as outras. Tinha corpo franzino, olhos tristes, mãozinhas ásperas pelo trabalho diário e parecia ter desistido de sonhar. Na escola não falava, nem brincava com ninguém, não tinha amigos, procurava fazer corretamente as lições para não ser repreendida e, se possível, não ser notada. Mas eu a notava. Sabia exatamente o que se passava em seu coração. Eu era seu amigo e confidente. Ah! E como eu queria ter poder para não deixá-la sofrer assim.

Aos 19 anos, carregava nos ombros uma bagagem pesada de experiências que pareciam além da sua idade. Aprendeu a navegar pelas dificuldades da infância e adolescência sem o suporte emocional que muitos têm garantido. Sou seu guardião das memórias e sei que ela sente um certo conforto quando compartilha comigo suas angústias e mágoas, mas, como suspeitei desde o início, não posso impedir-lhe o sofrimento, então me faço presente para saber que, apesar de tudo, ela não está sozinha, serei sempre seu amigo e companheiro.

Numa tarde linda de sol, saímos para dar uma volta numa praça bem longe de casa. A distância fora proposital. Com um sorriso triste e olhar tão profundo, sentou-se em um banco olhando para o horizonte como quem procura respostas. Disparou a falar, não para o estranho que estava no banco ao lado, mas para os prédios que mirava ao longe: “Já se sentiu tão perdido que não sabe o que fazer para mudar?” Manteve-se em silêncio por alguns minutos, mas como quem precisa desengasgar, despejou as palavras sem ao menos respirar. Eu a conheço muito bem e sei que se parasse de falar não teria



coragem para continuar. Foi então colocando para fora o que reprimiu por toda vida. Sem olhá-lo nos olhos e com a voz trêmula, contou-lhe sobre a infância de lágrimas: nunca teve amor, nem sentiu o calor de alguém, nem sequer ouviu uma palavra de carinho e também não sabia o que fazer para mudar a situação. No começo senti um pouco de ciúmes, não queria que ela me trocasse por outro alguém. Eu sempre fui seu confidente, sempre estive ao seu lado. Mas não sou egoísta... Quero que tenha outro alguém com quem possa contar já que tudo que posso fazer é apenas ouvi-la. Seria bom vê-la feliz de verdade.

O estranho a ouviu atentamente. Seu semblante passou de desconfiado para triste e o silêncio foi rompido por uma lágrima que caiu sobre a pasta que mantinha no colo. Pude perceber compaixão em seus olhos, mas ele continuou sem ação.

Minha garota agora se sentia mais leve, compartilhar com outrem seu sofrimento foi libertador. Logo ela se levantou, me ajeitou no compartimento que carregava e disse adeus ao estranho. De longe notei o olhar terno daquele homem que permaneceu sentado no banco como testemunha silenciosa dos infortúnios daquela desconhecida e talvez se perguntasse: Quem é ela? De onde veio? Para onde vai?

Enquanto o deixamos com suas inquietações, seguimos para casa. Nesta noite dormirei mais uma vez ao seu lado. Sei que já estou um pouco gasto e nem sou tão macio como antes, mas sei o quanto sou importante para ela. Conheço bem seus piores pesadelos e não ficarei na prateleira somente a enfeitar, estarei ao seu lado, vigiando para que pesadelos sombrios não ultrapassem a fronteira dos sonhos lindos que a farei habitar. ■



Horário normal de aula. A funcionária entrou na sala e chamou Matilde, dizendo que seus irmãos estavam lá fora. Tinham vindo buscá-la. No caminho para casa, a rua estava deserta, os irmãos cabisbaixos com olhares tristes. Naquele dia, tudo parecia triste. As crianças não compreendiam as razões daquele evento. A tristeza de Matilde se juntava à preocupação de ter deixado a escola antes do horário normal de saída.

De longe, ela via a aglomeração em torno de sua casa, a vizinhança curiosa, um caminhão e muitos homens, só homens; um deles usava paletó e gravata. Assustada com a situação, Matilde correu para perto da mãe e, olhando o movimento, tentava entender o que acontecia.

Por um momento, desviou sua atenção ao olhar para a bananeira no fundo do quintal, aquela árvore fora personagem e cenário das histórias inventadas. Nos finais de tarde, Matilde ficava ao lado dela e as flores que caíam eram parte das brincadeiras. Nessas horas, ela conversava com seus pensamentos e a bananeira, que foi crescendo junto com a menina, era sua confidente. Era junto àquela árvore que a imaginação e os sonhos aconteciam. A bananeira sabia dos segredos.

A mãe de Matilde segurava no colo sua irmãzinha de um mês, e a irmã mais velha cuidava do irmão mais novo. No total eram sete os irmãos. Na pressa, a mãe tinha conseguido pegar algumas roupas que colocou em duas sacolas. Os homens carregavam para o caminhão os móveis e

as caixas com os pertences da família e o pai de Matilde, apesar dos protestos e do olhar desafiador, nada podia fazer. As vizinhas observavam e cochichavam entre elas.

Matilde se distraiu novamente com suas lembranças, agora olhando para o grande quintal. De todos os momentos, os melhores tinham sido as brincadeiras de casinha. Os irmãos se divertiam montando as paredes com pedaços de madeira – o espaço sem madeira era a porta –, depois iam colocando móveis, objetos e muitas coisas. Levavam toda a tarde na montagem e quando a enorme casinha ficava pronta, a mãe chamava para entrar. Quando chovia e não podia brincar no quintal, Matilde se distraía olhando pelas frestas das paredes as gotas de água explodindo nas poças.

O sonho de construir uma casa era compartilhado entre o pai e a família e, como na brincadeira, essa casa teria muitos quartos, uma cozinha grande e uma sala confortável, teria até uma piscina. Porém, o barraco de madeira onde moravam tinha apenas um cômodo e era nele que ficavam protegidos do sol, da chuva e do frio. Nesse cômodo ficavam quatro camas, uma mesa e um armário, e as roupas eram guardadas em caixas de madeira. As camas eram divididas entre todos e Matilde, que dormia na cama de cima do beliche, à noite se distraía lendo os dizeres nas telhas: marca, modelo, número do telefone etc. Na frente da casa ficava o fogão à lenha, nos fundos um quintal com varais e plantas. Junto à bananeira, o balanço.



Naquele dia, Matilde não pôde trocar a roupa, ela ainda usava o uniforme da escola: camisa branca e saia xadrez cinza com uma única prega na frente, meias brancas e sapato preto. Nesse horário ela estaria no recreio comendo a merenda da escola e agora sentia o vazio no estômago.

Um dos homens veio oferecer uma porção de guloseimas para as crianças. O pai recusou a oferta dizendo que isso não iria substituir o que estava sendo tirado delas. Matilde, decepcionada, olhou para os irmãos, percebeu também sua decepção e comentou com um deles que o homem deveria sentir pena e queria agradecer. Eles se deliciaram com os doces e não entenderam a atitude agressiva do pai, mas, de certa forma, Matilde, que observava tudo, entendeu.

Depois disso, os homens pegaram as ferramentas. O movimento era intenso e barulhento, porque eles usavam a marreta com força e as tábuas caíam. A ação era agressiva e os sentimentos não podiam ser outros, senão os de tristeza, raiva e humilhação. Matilde estava junto a todos ali, em pé, na rua, assistindo à demolição.

Matilde pensava que sua casa, mesmo sendo simples e pequena, era sua casa, não era? Por que estava sendo destruída? Para onde iriam? O que aconteceria? Matilde via medo e preocupação no olhar de sua mãe e ambas sabiam que dependiam do pai, do que ele faria.

E antes que os homens e o caminhão se retirassem do local, o pai de Matilde chamou um táxi. Parecia que ele já tinha um plano. Eles saíam dali com a roupa do corpo e duas sacolas. Iriam em busca de abrigo, quem sabe ainda poderiam realizar o sonho de construir uma grande casa.

Depois tudo aconteceu muito rápido, mas Matilde ainda lembra com saudade dos dias felizes naquele barraco de madeira; naquele grande quintal, e se pergunta: por que

ainda há pessoas sem casa? Por que é tão difícil para tanta gente conseguir um lugar para morar? Por que tanta desigualdade social? Tanta injustiça? Como foi que todos nós coubemos naquele táxi? ■



# MUTIRÃO DE AMOR

*Cristina dos Santos*

Hoje ao acordar, antes mesmo de tomar o meu sagrado café da manhã, apanhei meu celular, mas diferente do que costumo fazer automaticamente, que é me fartar das notícias e redes sociais, entrei num estado de reflexão, uma quebra de hipnose entre a vida real versus a vida virtual, me percebi num emaranhado, um verdadeiro paradoxo.

Neste paradoxo em um ritmo alucinante, carregada de notícias, fatos, tragédias, trends, fofocas, conhecimentos e prosas, minha mente borbulha.

Não sou do tipo saudosista, aliás muitas coisas do passado só criam a falsa ideia de que eram melhores, pois não havia internet.

Longe de falar mal, a internet assim como a vida real também tem suas contradições.

Na angústia de pensar a vida, pelo viés da solidão da tela que ao mesmo tempo te conecta à multidão, sigo buscando o tom ao sair pelas ruas, ainda em jejum, de modo atípico, luto com minha mente, que inconscientemente quer estar no futuro sem passar pelo presente.

Ajusto o ritmo do meu passo, agora já cadenciado, mesmo não sabendo ao certo qual o caminho.

Consigo observar e concluo por um instante entre o caos e o silêncio, a razão e a emoção, afirmo que o ruim existe, mas por capricho as pessoas de bom coração persistem, embora oscilando caminhamos para evolução. Aquela que conduz para além da tela, lenta, suave, que enxerga o outro, olhos nos olhos, em suas fraquezas e potencialidades, unem suas vozes, entoam versos que nos conectam em diversos tons.

“Cantar sempre que for possível” na esperança que esse possível seja sempre possível independentemente do tom que a vida estiver dando à canção e que consigamos entoar um canto de libertação, reunidos na proposta de mutirão, um mutirão de quem esteja disposto a secar as lágrimas de um irmão.

Ser o elo entre o sonho e a realidade, ousados carregando a utopia no peito, conscientes sim, mas não ao ponto de silenciar a canção, que às vezes cura, outras vezes tortura, outras ainda provoca, mas sempre carrega renovação.

Apesar do cansaço, do embaraço, do suor no rosto, a crença no novo dia embalada na poesia ritmada por quem pulsa a vida, cadência sentida no meu encontro com você, em um abraço fraterno sinto a marcação no mesmo compasso, são os nossos corações acrescentando a batida que marca o encontro real.

Mas e aí? Como vai você? Tem tempo para um café? ■



## COMO NOSSOS PAIS

*Dalila Rodrigues do Amaral*

Em uma manhã de primavera, Teresa encontrou suas irmãs na praia de Tambaú em João Pessoa.

— E aí, garotas? Tudo bem?

Miranda ficou admirada ao ver a irmã àquela hora na praia, geralmente naquele horário ela estaria arrumando as coisas em casa, cozinhando e cuidando das crianças que estudavam no período da tarde. Clara ficou preocupada com as sobrinhas, será que teria acontecido algo?

Teresa, a irmã mais velha, sempre cuidou de seu marido e das duas meninas, e acabou se esquecendo de suas irmãs e sua mãe, que agora estava com 75 anos. O pai morreu quando Teresa tinha 15 anos e suas irmãs gêmeas, Miranda e Clara, tinham 5.

Elas logo levantaram da areia e perguntaram:

— O que aconteceu, Teresa?

— Calma. — ela disse, e se sentou na canga que estava estirada na areia.

— Preciso conversar com vocês, as meninas estão na casa da vizinha com as amigas, irão juntas mais tarde para a escola, minha vizinha já sabe de tudo.

— Sabe do quê? — perguntou Miranda.

— Do meu divórcio.

— Finalmente tomou coragem. — disse Clara.

— Antes tarde do que nunca. — falou Miranda.

— Sim, demorei para tomar essa decisão, mas agora esse ciclo está encerrado. Foram 20 anos de um casamento feliz, mas quando o amor acaba, não tem o que ser feito. Tentamos terapia de casal, fizemos viagens sozinhos, mas realmente o amor acabou. Fiz tudo o que estava ao meu

alcançe e tive que ter coragem para tomar essa decisão.

— E as meninas? — perguntou Miranda.

— Tive algumas conversas, mas falei ontem pela manhã que eu e o pai delas iríamos amá-las para sempre, só que cada um na sua casa. Alice, a mais velha, disse que ela era a única da sala que os pais não eram divorciados e aceitou tranquilamente. Ana, a mais nova, chorou e falou que queria que ficássemos juntos, mas a irmã falou que continuaríamos juntos, mas agora como amigos, e eu respondi que seria exatamente assim.

Clara falou: — Quer uma caipirinha de quê? Precisamos comemorar.

Teresa falou que tinha sido chamada para uma entrevista de emprego, pois já estava enviando currículos faz algum tempo e finalmente foi chamada, iria daqui a dois dias e estava ansiosa.

Clara pediu para o moço da barraca de bebidas três caipirinhas, pois tinham mais um motivo para comemorar, o futuro trabalho da irmã.

Miranda falou que ela poderia contar com o que precisasse nesse momento, se quisesse deixar as meninas com ela no período da manhã, já que estava de férias por mais 20 dias, mas Teresa falou que já tinha conseguido estender o horário na escola, agora elas iriam ficar período integral, pois mesmo se não passasse na entrevista, precisaria continuar procurando trabalho e participando de outras entrevistas e processo seletivo.

Clara falou: — Nossa, você já tinha tudo planejado, hein?

— Sim, quando percebi que o amor estava acabando,



que já não sentia desejo por ele, que a admiração tinha acabado, já me vi sozinha, pensei que teria que voltar para o mercado de trabalho e que toda a minha rotina mudaria, – respondeu Teresa.

— Você sempre foi organizada, até mesmo para pedir o divórcio. – falou Miranda.

As caipirinhas chegaram e as três comemoram a nova fase da vida da Teresa.

Quatro horas depois, já em casa, o telefone da Miranda tocou, era do hospital. A mãe dona Francisca havia falecido, tinha tido um derrame.

No dia seguinte, as três irmãs que antes comemoravam estavam agora enlutadas, sentindo um vazio, uma tristeza sem fim, pois estavam enterrando a mãe.

Seis meses se passaram até que Miranda marcou um almoço em sua casa, estava Clara com sua namorada, Teresa, agora empregada, com seu novo namorado e as filhas dela.

Alice, a filha mais velha, falou: — Parecem os almoços que a vovó fazia. As irmãs se entreolharam e concordaram.

Teresa contava para as irmãs sobre seu novo trabalho quando percebeu que a filha mais nova olhava para o jardim.

— O que foi? – perguntou Teresa.

— Nada mãe, parecia que a vovó estava ali cuidando do jardim da tia Miranda. Sua irmã Alice falou: — Até parece.

As três irmãs reunidas concordaram que teriam que doar as coisas da mãe, já havia um possível morador que queria alugar a casa, marcaram de irem na semana seguinte fazer uma faxina e separar tudo.

Quando chegaram, Teresa com os olhos cheios de lágrimas foi logo abrindo as janelas, Clara falou: — Que saudade da mãe, queria que ela descesse a escada falando: — Minhas meninas... – e começou a chorar. Miranda foi até a vitrola que estava na sala e colocou um LP de Elis Regina, sentou no sofá e chorou copiosamente.

Como era triste esse novo ciclo sem a mãe, mas Teresa falou para as irmãs que a vida era assim mesmo, ciclos se iniciavam e ciclos se encerravam, essa era a lei da vida.

A campainha tocou, era dona Maria, uma antiga vizinha da mãe que tinha ido levar um bolo para as irmãs. Teresa fez um chá e sentadas à mesa lembraram das incríveis histórias que tinham para contar da mãe, da infância naquela casa, e que realmente foram anos incríveis. ■



## NEGRO DRAMA

*Daniel Rodrigues de Souza - pseudônimo: Daniel Lucavis*

Rodrigo tinha 18 anos, agora não tem massagem, diziam os mais velhos, ele não queria saber. Não estava para brincadeira, só queria o que é dele. E o danado fugiu. Estava com o celular na mão, mandava mensagem, perguntava daquele lance e a pessoa fingia que não via, ou estava sem sinal, sei lá. Levava trombada, na rua, nem olhava na cara das pessoas, certamente ouviria alguma palavra de pouco respeito. Já estava acostumado a aguentar muita coisa desde a infância, as antigas zueiras seriam hoje crime, mas não ligava para isso. Ele só queria o que é dele.

Cada um tem o seu, no seu momento devido, já dizia seu pai, que trabalhou muito na vida, correndo do rapa<sup>1</sup> porque não tinha licença. Hoje tem internet, tem vários lugares e opções, mas ele queria aquele formigueiro de gente, de todo tipo, vendia rapidinho e garantia o seu. Agora é só você, Marvin, quer dizer, Rodrigo, pensava consigo enquanto olhava para o vidro do metrô, vendo aquela paisagem de prédios atravessando seu espectro.

Do outro lado, estava Evandro, procurado, observando do seu prédio, os carros seguindo comboio, o metrô passando por uma pontinha, enquanto ele girava a caneta e batia no caderno a lista de organização que mantinha, era das antigas, usava o computador porque não tinha jeito, se sentia vigiado por todo mundo e tendo que fugir como um rato da próxima acusação que fariam contra ele. Não ligava, já tinha ganhado várias causas, algumas de valores vultosos, era só questão de tempo. Ninguém acreditava que estaria ali, que teria um escritório perto da Paulista, ele era a prova que era possível vencer, vários tinham ficado pelo caminho, já viu muita cena triste, pessoas presas pelo que não fizeram, mas ele era pago para isso. E agora teria uma

audiência presencial, gostava das online, que podia ficar de paletó em cima e de bermuda e meias embaixo. Mas, enfim, estava se arrumando, recebeu outra ligação, mas ele não estava, só o corpo, sua alma estava já nos fatos e argumentos que apresentaria no tribunal, arrumou o note, a roupa, encerrou as mil abas dos clientes com quem conversava quando viu, abrindo na frente do elevador a figura do seu antigo amigo, nem lembrava dele, Roberto? Na porta do elevador subindo que agora vai descer.

— É Rodrigo, tá tirando, mano? Agora você vai me pagar!

— Ô segurança, quem deixou este homem entrar?

O segurança nem esperou, já chegou peitando, ou mais precisamente trombando com sua barriga, assistira muito filme americano, se achava o Jason Stathan, conseguia até aquela frase de efeito decorada, “Eu vou fazer uma oferta que você não pode recusar”, “você sabe que é preciso agendar para falar com o doutor Evandro”...

— Você vai deixar ele fazer isso comigo, Vando?

— O que eu tenho a ver com isso? – e saiu pelo elevador.

E agora, o cara era mais liso que peixe-sabão. Não adiantava conversar, tudo que falasse seria fábula, lenda ou mito. Empurrou o segurança, levou uma porrada, mais uma que a vida lhe dava, ele não iria ceder, sabia que se devolvesse, teria câmeras e ele seria preso. Não tinha tempo a perder, cuspiu o sangue na cara do agressor e desceu pelas escadas. Desceu mais rápido que o elevador com certeza, precisava daquilo, estavam atrás dele, a sua mãe precisava dele, embora não quisesse reconhecer. Ele queria dar orgulho para sua família, era o filho mais velho, já passaram muita fome, agora seria diferente. Aquele vacilão do Vando não ia deixar ele assim, não. Bem que os manos da pesada quiseram

1

carro da prefeitura municipal que conduz fiscais e policiais pelas vias públicas para apreender mercadorias de vendedores ambulantes não licenciados.



emprestar uma quadrada na sua calça pra fazer este corre. Mas Deus tá vendo tudo e ele não podia esquecer. Chegou na porta. Puxou o peixe pelo paletó, disse que ia entregar, que estava só esperando uma ação ganhar. Batia os ponteiros do relógio na parede perto da portaria. E ouviu uma batida de morteiro ensurdecedora. Para quem vive na guerra, a paz nunca existiu. Pôs as mãos no ombro, a bizarra mão vermelha fez derrubar o seu caderno no chão. Reparou no som do jogo no celular, no porteiro a correr para me acudir, mas eu estava surdo, ouvia um zumbido e não sentia nada. Parecia um filme do desmatamento, e ele, mais uma árvore da Amazônia que tombou.

Aquele tiozinho assistiu mesmo muito filme de ação e se tornou o réu no banco do racismo. Evandro não imaginava que seu teatro de sombras acabasse em tragédia. Seu irmão mais novo era amigo dele na infância. Tinha ensinado ao seu irmão, o Jeferson, vários golpes de luta para não apinhar na rua. Mas não imaginava que seu irmãozinho usasse isso para bater nos amigos. Aprendeu com seu irmão que, em uma briga, sempre saem todos perdendo, e ele aprendeu isso com o Rodrigo, que lhe deu uma lição, mostrando que quando um não quer, dois não brigam. A vergonha de ter vencido uma luta em que o outro não revidou. Parecia Jesus. É preciso muita confiança em si mesmo, mas mostrar que mais fortes de músculos e técnicas são as ideias do que é certo e errado.

E agora essa, ele novamente se torna mártir. E Evandro era quem estava revendo sua vida de vencedor, que precisou fechar o olho para tanta coisa para chegar até ali. Releu o caderno de rimas do seu amigo e leu que “de que adianta os diamantes que foram retirados na lama”. Ficou

pensando. Pediu desculpas que arrancaram lágrimas de seu orgulho, que sabia serem vazias, estava se enchendo de sinceridade e esperança. Histórias mudam pessoas, pediu que sua história fosse contada também em uma poesia. Rodrigo estava na cama do hospital, mas era Evandro que estava se tratando. Iria finalmente publicar o livro que o amigo do seu irmão estava há tanto tempo lhe cobrando.

Logo chegaram as duas famílias, fazia tempo que não se viam. Contaram a história que parecia um filme. Tinham se separado, depois que a família do Rodrigo havia se mudado para a favela. Sabia que passavam dificuldades, mas estava longe e nunca tinham feito nada para ajudar. Foi visitar a sua família, a dona Ana e seus irmãos mais novos, situação difícil, casa sem saneamento, ruas que esfolavam quem caísse nelas, casas que se abraçavam e fios de energia tecidos em teias de aranha por gatos pardos.

O tempo passou, Rodrigo teve seu livro publicado com sangue, ninguém acreditava, mas ali estava chegando aquele famoso artista que parecia que tinha passado doce, o sucesso. Ele só queria o que fosse dele e sabia em que poderia chegar. Muito olho torto e braços cruzados acompanham o novo motorista na favela, mas também sorrisos sinceros e zoeiras sinistras como “agora virou motorista?”. Mas não seria mais uma trombada ou pedrada que iria derrubar aquele garoto visionário... ele e os amigos resolveram criar um ritmo para aquelas rimas e fundar um grupo de rap que iria assombrar os guetos da Paulista e do mundo. ■



# SINGULAR

*Daniela de Lima Solla*

É tão singular e penso que um tanto comum, com mil outros casais que amam.

É tão singular o jeito que me observa acordar e dormir, uma vez que, devido ao horário avançado da noite que chega, já estou no terceiro nível de sono – no mínimo – e você desperta logo e antes do amanhecer, enquanto ainda durmo. Inevitável não me observar dormindo e provocar barulhos propositais, para me despertar para meu dia e compromissos. Seu jeito tão sutil e discreto de abrir a porta do quarto, permitindo que o cachorro suba na cama, com notável delicadeza de um dog alemão, ansioso e acelerado, com intuito de disputar com ele um beijinho e entre os beijinhos seus e lambidas do cachorro permeiam irritação e encantamento, todas as manhãs.

O nosso sono é agitado e leve devido à loucura do nosso dia a dia, mas é tão singular perceber o grande espaço que deixa pra mim em nossa cama, ao deitar, se posicionando, na maioria das vezes, com os pés para fora da cama e deixando, para meu conforto, os três melhores travesseiros, que servem para amenizar os chutes noturnos involuntários. Falta um tempo para o descanso de qualidade e uma atividade física, segundo prescrições médicas constantes.

Ah! Os abraços, poucos e estranhos, de maneira que seu braço entrelaça a minha cabeça, de um jeito nada romântico, como cenas de novelas, ou descrição de romances, mas esse estranho desconforto que me causa é você tentando imitar os livros, as novelas e fazendo a imitação tão pessimamente, mas é singular, é tão seu.

É tão singular o meu sorriso quando tem o seu para acompanhar, já tentei registrar inúmeras vezes, com pelo menos 82 tentativas via câmera de celular, o “vai clicando, quem sabe, salva uma boa?!” , acrescento a minha insistência em pedir para participar desse momento, “vamos,

vai, agora, sorria!” Importa é sorrir junto, independente do registro em fotos, os mais importantes sorrisos não dão tempo de fotografar e está tudo bem.

É muito notório e singular como você conhece cada uma das minhas histórias, tão cheia de clichês e beleza, conhece em detalhes e as coloca em pauta nos momentos mais inesperados, você escuta, memoriza e arquiva de um jeito tão especial e as usa a favor e contra mim, minhas próprias histórias, as narra com riqueza de detalhes, melhor do que eu. De maneira irônica e engraçada, às vezes inconveniente, mas as usa, mais do que as suas próprias narrativas e me faz reviver, lembrar e aprender com meus erros e acertos. Sua maneira de descrever é capaz de fazer qualquer pessoa visualizar os fatos. Vou contar aqui, uma breve e constante história de mesa de jantar:

“Vocês sabiam que ela não levava cadernos para as aulas no ensino médio? Ela sempre apresentou inteligência acima da média, sendo capaz de absorver todo conteúdo usando a superinteligência auditiva de memória ecóica, até que o hipocampo superestimulado entendesse a informação recebida”.

Nossa, sendo assim, a gente se olha e sorri, confirmando principalmente para os filhos tamanha verdade dita.

Chamar de vida “é só em novelas e livros”, repetindo sempre: “você sabe que tudo isso que você lê e assiste é mentira, né?”. Enxertando verdades, nessa esperança utópica de amor ideal. Mas seu singular “tião”, rápido, baixo e rápido, que em sua voz significa um “eu te amo” grande, eterno e verdadeiro, eu entendo e adoro, é chamar de vida, só que do seu jeito, de amor romântico ou nada romântico, embora acredito ser real. ■



# NEGRO DRAMA: MAIS UM NA FLORESTA DE AÇO E CONCRETO

*Daniela Livia da Costa Espósito*

Não vi.

Não assisti.

Vivo o negro drama, sou negro drama que deu fruto, negro drama, por consequência biológica, genética e sociológica...

Mulher negra com um rebento nos braços, carrega a esperança de um futuro melhor, em uma floresta de concreto e aço, que garoava. Hoje, não garoa mais.

Imagine-se caminhando por vielas.

...

Para mim, nelas, cada passo é um obstáculo, cada olhar um julgamento, impacto que fura a pele da pele e a pele da alma. A periferia é mais que um lugar de estar, é um lugar de ser, muitos perguntam: “O que eu tenho a ver com isso?” A resposta é simples, porém incerta demais, você tem tudo a ver.

Ao longe vejo na escuridão uma luz. Seria uma vela? Um trabalho, despacho? Talvez. Talvez fosse a esperança que carregamos de resistir, ou (re)existir.

O choro de um pardo sem pai, em um ambiente onde reflete uma educação limitada e oportunidades escassas, o conhecimento transforma, mas como se transformar para acessá-lo? Como? O tempo, neste caso, é amigo do relógio e só dele. A gente corre contra. Contra o tempo, contra o corre, contra quase tudo e quase todos.

Mais um de uma, o preto da preta, lutando na multidão sem rosto e coração, entre os arranha-céus dessa metrópole.

E, romanticamente, a vida é cíclica, não é? A história se repete, família brasileira, dois contra o mundo, resiliência e estereótipo. Sem romantismo nenhum.

Difícil chegar ao topo quando se começa em último, é como se estivesse a todo tempo duas voltas atrás do primeiro batalhão (tente você subir uma escada rolante que

desce o tempo todo. Tente e me conte). Parece tão distante, quase fora do alcance.

Esta é a história de uma sociedade que frequentemente prefere olhar as situações como a imagem de um vampiro no espelho ou o barulho querendo propagar no vácuo, é um combinado coletivo. Silêncio. Um convite à reflexão de uma trama de existência coletiva. Existência. Resistência.

E mesmo na diversidade desta selva de pedra, ele cresceu. Puxou o ar, andou, engatinhou, correu, caiu, buscou o ar novamente, foi sustentado, se ergueu com sua coroa crespa de cor sarará e seguiu, contrariou a morte ao lutar pela vida, e agora contrariou a estatística para provar seu valor.

O caminho continua longo, protervo e deseducado.

E com gelatinas o peculiar segue, percorrendo seu caminho, firme e forte, guerreiro de fé, com fé. Crioulo. Nato. Nato Crioulo. Crioulo Nato. ■



# SÚPLICA CEARENSE

*Danielle Souza da Costa Primo*

Não é possível, sinto meu peito apertar... Estou cansada e com fome. Já tem muito tempo que me escondo dessa dor. Tento não me deixar abater. Mas estou tão exausta.

Suspiro... Queria estar agora num lugar melhor. O fogo estaria aceso e um belo banquete estaria sendo preparado. Teria me banhado e, depois de me alimentar, me deitaria numa cama quentinha e descansaria, feliz e com a barriga cheia.

Quero ir embora e tentar uma vida melhor em outra cidade. Eu sei que não devo, pois é aqui que minha vida está entrelaçada, é aqui que devo estar e é por eles que eu sempre me seguro.

Tenho sonhos dessas fugas que almejo, eles me avisam que devo ficar. Quando anoitece e sou abraçada por Morfeu, é sempre o mesmo sonho que me faz ajoelhar e pedir por misericórdia.

As sombras me procuram, me escondo entre arbustos retorcidos e observo. Do meu esconderijo não consigo ouvir ou ver seus rostos. Sinto quando elas se viram em minha direção, me encontraram.

Ouçoo os cascos de cavalos que se aproximam e corro como se minha vida dependesse disso. No final, ela depende... O suor escorre pelas minhas costas, os galhos arranham minha pele, mas não diminuo a corrida e nem olho para saber se meus perseguidores estão perto. Sinto... Sinto eles me alcançando e um desespero enche meu coração. Lágrimas caem de meus olhos, não consigo evitar.

Minha vida será ceifada e ninguém vai cuidar deles.

Sinto um peso sendo jogado em minhas costas e caio de cara no chão. Folhas e terra entram na minha boca. E sinto uma dor enorme.

É sempre aqui que acordo, assustada e suada.

Tento manter a fé e peço a Deus que molhe nossa terra árida, que faça o Sol se esconder um tiquinho e que nos permita ter a possibilidade de sobreviver mais um ano, ao mesmo tempo, espero que minhas orações não façam cair toda chuva que há...

Essa é nossa história de vida, ano após ano, geração após geração, o sofrimento está marcado em nossos rostos e, mesmo assim, não perdemos a esperança de que nossas orações sejam ouvidas. ■



# TEREZA ARAGÃO

*Danilo de Goes Prado - pseudônimo: Danilo Siannys*

Após uma semana de estudos matutinos, festejava a alegria de poder dormir muito, até o sono acabar, aos sábados. O final de semana começava, ainda na sexta, com a preparação dos pastéis que seriam vendidos por mamãe no caminho daqueles que voltavam da feira e do mercado na vila. Sábado tinha sabor de pastel de queijo e dos retalhos da massa que eram fritos naquele tacho, onde a fumaça subia e turvava meu olhar.

Observar as idas e vindas e ser espectador daquelas conversas de adultos enquanto esperavam seu pastel tomar um banho na gordura quente era a programação desejada depois que o sono tivesse sido colocado em dia. Mas ela me fazia pular da cama muito antes do planejado. Todo sábado! Eu não a conhecia, nem sabia mesmo de onde vinha a voz misteriosa que findava meus planos naquelas manhãs. Aquela voz me acordava frustrando a criança dorminhoca que queria dormir até meio-dia. Sábado era dia de banca de pastel para mainha, mas para muitos vizinhos era dia de faxina, e todo mundo sabe da necessidade humana do som alto para fazer a limpeza geral render. Mas o som que me acordava, me fazia acordar sorrindo e sem reclamar. Um nome, Tereza, era clamado numa ladainha interminável. Tereza Aragão, Tereza Aragão, Tereza Aragão... A voz anunciava: “Vou correr mundo e perguntar: onde você se escondeu?”

A busca por Tereza tornou-se a trilha que me embalou, por onde caminhei os primeiros passos de uma jornada de descoberta. Ouvidos atentos e logo descobri que o som vinha da casa vizinha, onde eu tinha certeza de que Tereza era pessoa bem quista, com alguma explicação para aquele louvor acontecer religiosamente todos os sábados. Perguntei à vizinha sobre a posse do vinil de tal música, que voz era aquela? Aquela voz mexia comigo.

Coisa antiga, que fazia aquele menino sentir aquilo que não tem nome, como a sensação de estar no ventre acolhedor. A vizinha respondeu que o LP era da família, que ela achava que quem cantava era a própria Tereza, citada repetidas vezes na canção. Aquilo não fez o menor sentido. Decepção. Tereza era tão vaidosa a ponto de repetir seu nome em uma canção para si?

Uma certeza permaneceu em mim: Tereza Aragão era mais que um nome que fazia meu corpo balançar no ritmo do samba. Tereza era o mistério que habitava naquele menino. E mais sábados se passaram... A voz antiga me acordava, era a motivação da faxina da vizinhança e se espalhava pela Vila Penteado e por toda a Brasilândia, junto ao cheiro de pastel. A criança cresceu com a memória de Tereza Aragão, dos tempos do doce Gibi do bar do Vô Zé, das risadas da Tia Ira, das festas juninas e de Cosme e Damião. De um mundo que não mais existia. A canção era de posse daquela casa vizinha e silenciou com o tempo.

Vi o vinil e a fita cassete serem substituídos pelo CD, pelo MP3, MP4... até que chegou a internet. Ferramenta que possibilitou reencontros de vidas que tinham tomado trilhas distintas. A trilha daquela canção foi o que reencontrei! Busquei informações sobre a misteriosa Tereza. Descobri que havia sido casada com Ferreira Gullar, o poeta que cunhou uma das epígrafes de minha vida: “A arte existe porque a vida não basta”. Aquela voz era a arte que encontrei na aurora de minha infância. Nos primórdios da internet, pasmem, as informações eram escassas, mas logo pude reencontrar aquela música e ouvi-la repetidas vezes. Viajei de volta pra Vila e reencontrei aquele menino que ainda vive. Conheci o nome daquela voz: Aparecida! A voz que, antes de começar a cantar, diz: “E pra quem não conhece Tereza Aragão, vou dizer apenas isto: foi a primeira



pessoa que me deu a primeira oportunidade de shows de teatro e a única chance de viajar para o exterior”.

A mineira Aparecida havia sido empregada doméstica no bairro de Vila Isabel, no Rio de Janeiro, antes da sua carreira artística. A voz que embalava os afazeres domésticos havia conhecido bem tal ofício antes de revelar-se cantora. Seu olhar me marcou profundamente. Uma imersão em sua obra que aos poucos foi disponibilizada me fez entender melhor aquela criança que buscava a arte, já que a vida não bastava. A arte que surge do ventre-voz de uma mulher que carrega a ancestralidade em sua essência. A repetição daquele nome tinha sua justificativa. Aparecida fez seu batuque para Tereza por sua nobreza! O sentimento que nutriu por aquela que a ajudou, produziu a honraria que eternizou o nome de Tereza em uma canção: o nobre sentimento da gratidão.

Ao falar sobre Tereza Aragão pela Brasilândia, descobri que seu nome sempre foi entoado, não só naquela rua, como em outras curvas, ladeiras, lajes e faxinas. Tereza foi muito além de esposa do poeta. Foi aquela que abriu os caminhos de Aparecida, que fomentou a arte nascida nos morros cariocas e soprou ao mundo os ventos que fumejam as brasas do braseiro Brasil. Tornou-se entidade reverenciada na liturgia popular das faxinas dessa borda da cidade que respira ares de boa vizinhança, mesmo acordando antes do sol para pegar ônibus lotado e ir pra “cidade” garantir o feijão e o leite das crianças, como fez painho por tantos anos.

No Rio de Tereza, o samba-rock permanece como lembrança do passado. Hoje ele embala a Brasilândia, onde o sol, quando esconde a tardezinha, tem a cor de maravilha e colore o céu, como cantou Zeca da Casa Verde. Onde o compadre “mete o dedo na viola” e faz um “partido na hora” mesmo naqueles dias em “que o barraco desabou” e o “barco se perdeu”. Ao embalar a trilha da vida com os

versos de Aparecida, descobri que a fina flor do samba que encantou aquele menino que ainda existe é a força ancestral da Terra, lamento e festa, que traz o poder de ser quem se é, no trilhar da ladeira das usinas que geram a força da vida e mantém a “Brasa” sempre acesa.

“E quando Tereza voltar  
Ela vai desabrochar!” ■



# UMA VIDA, UM SONHO, UMA SINA

*Débora de Almeida Azevedo*

*Destino cruel e traiçoeiro, marcou a hora e o lugar...*

O sono ia e vinha, a música não saía dos meus pensamentos, impedindo o sono gostoso de inverno. Olhando ao lado, no quarto dividido com três crianças e um homem, todos dormiam o sono dos deuses. Algo, contudo, impedia que eu continuasse entre eles.

O cigarro, bom amigo, levou-me à friagem do quintal úmido. Ao lado da parreira carregada, linda, última filha de seu Chico, minha companheira errante naquela madrugada fria, segui com meu pito. Tentei um diálogo com minha irmã mais nova, talvez ela me compreendesse.

Nos dias anteriores, ela estava presente com as irmãs mais velhas e com o incômodo da mãe. Dona Maria, sempre tão feliz e carinhosa, naqueles dias estava mal, a tristeza e a preocupação tomaram conta dela. Parecia planejar tudo, só falava que não suportaria a dor de partir sem seu Chico. Se ele for, eu vou junto, não vivo sem meu “véio”. Para mãe, que assunto é esse? Vocês vão rever amigos em Goiás, até alguns netos vão junto. É, acabaram de fazer bodas, tem muito que viver ainda, olha só a saúde de vocês.

Eu não gostava daquela conversa, me angustiava e só ela vinha em minha mente. Por quê? Por que não consigo dormir e pensar em outra coisa? Meu devaneio continuava até um toque no ombro me retornar a realidade. O que aconteceu para estar aqui fora com esse frio? Não consigo dormir. Dividimos o cigarro no silêncio da noite escura.

De volta à cama, o cochilo foi interrompido por um grito, meu grito de dor e desespero por volta das cinco da manhã. Uma dor, uma pontada, como se algo me fosse tirado. As crianças mal se mexeram na cama, o marido tentou me acalmar. Fique tranquila, logo mais receberemos notícias de que já estão na fazenda.

A partida foi triste, não feliz como nas viagens anteriores. Seu Chico com a menina mais velha no colo implorava por levá-la junto. Não tem lugar no carro, pai. Ela vai no meu colo. A menina chorava para ir com os avós e os primos. É uma viagem muito longa, ano que vem eu deixo. Você não confia que cuido bem dela, dona Maria entrou na conversa. Para mãe, sabe que é quem mais confio, mas é melhor não, dessa vez não. Eles partiram com a menina chorando. O carro cheio e feliz, com o padrinho da menina mais feliz que todos, faria a grande surpresa aos pais, a terrinha tão sonhada em território goiano, onde nasceram parte dos onze filhos e tantas novas famílias foram feitas. Seu Chico feliz ao lado, com os lanchinhos pra viagem. Atrás, três crianças maiores, empolgadas com as férias na fazenda com os avós. Ao lado, atrás do banco do filho, a dona Maria – triste – com olhar preocupado, que só pensava não poder viver sem seu velho, sem o seu grande companheiro de vida.

A música no toca-fitas do carro ia animando cada vez mais seu Chico que ia rever os amigos, e o filho, o padrinho da menina mais velha, empolgado com a surpresa que faria aos pais, depois de 50 anos casados, onze filhos, muitos netos e bisnetos, a tão sonhada terrinha.

Com muita luta e sacrifício  
Para pagar em dia a prestação  
Se realizava o sonho finalmente

As crianças cantavam com o avô e o tio, e dona Maria, acompanhando a paisagem pela janela, calada. Já estavam atravessando Minas quando dona Maria despertou do seu devaneio e com um dos netos chacoalhando-a, oferecendo uvas. Ô Maria, não tá vendo o menino te dando uva? Nossa parreira esse ano deu fruta até fora da época, nem



acredito. Maria seguia calada, não parava de pensar nos sonhos que dominavam suas noites.

Cansada por fim, quando já estavam próximos ao pequeno vilarejo do interior goiano, dona Maria pegou no sono, com o amanhecer se aproximando. Uma luz forte, não era o sol, barulho, choro, gritos, vozes estranhas. Aquela caminhonete estava na contramão! Louco! Irresponsável, tem uma família inteira no carro!!! Forças para abrir a porta. Senhor! Senhor! O pescoço. Sinal da cruz. Foi-se. Vá com Deus! As crianças, todas vivas! Ufa! Bem machucadas, mas sobreviveram. O motorista, corre, socorra! A respiração, tira ele do carro! A senhora ainda está respirando. Olha pra mim dona Maria, olha pra mim! Meu “véio”! Suas últimas palavras, seu último suspiro, eram inseparáveis, não poderia deixá-lo ir sozinho.

O bebê acordou, levantei, e dei-lhe a mamadeira, já que não conseguia dormir mesmo. A vizinha, o único telefone da rua, batia desesperada no portão, o marido correu para atender. Voz presa, sussurros... Cuidado para contar para ela. A dor será forte. Ela estava sentindo, quase não dormiu. A mamadeira caiu das mãos, o olhar para a parreira levou uma das últimas conversas. Ela não o deixou ir sozinho. ■



# ESSA TAL LIBERDADE

*Denise Aparecida de Melo da Silva*

O que é que eu vou fazer  
Com essa tal liberdade?  
Se estou na solidão  
pensando em você.  
Eu nunca imaginei  
sentir tanta saudade.  
Meu coração não vai  
jamais te esquecer.

Eu sempre te amei,  
tentei não pisar na bola,  
Tudo que amava  
era estar com você.

Amor não se aprende,  
nasce antes da escola.  
Ele não se acaba  
é muita dedicação.  
Quero te abraçar.  
Quero te beijar.  
A saudade é noite e dia.  
Preciso aprender a viver sem você  
ser mãe era tudo o que eu mais queria.  
O que é que eu vou fazer  
Com esse fim de tarde?  
Pra onde quer que eu olhe  
lembro de você.  
Não sei se fico aqui  
ou mudo de cidade.

Sinceramente, filho,  
não sei o que fazer.  
A certeza que tenho  
é que um dia vou reencontrar você.  
Com tempo a gente aprende,  
a vida é um mistério.

Quero lembrar sempre de você.  
Você é tudo, tudo o que eu mais queria.  
Hmm oh oh oh  
Você é tudo o que eu mais queria. ■



## É ISSO AÍ: “O FLORISTA”

*Edenilce Souza Gomes*

A lua estava lá, mais uma vez, para registrar conversas, encantar-se com as risadas das crianças que brincavam pela pracinha, inclusive para proteger pessoas solitárias, iluminar de felicidade amigos que compartilhavam entre si bons momentos e acalantar bebês. Enquanto as senhoras comiam pipoca, os velhinhos ouviam o som do realejo.

Dayse tinha apenas 9 anos, possuía brilho no olhar, agilidade ao falar, esperteza e singeleza em seu sorriso. Dona curiosidade caminhava com ela para todos os lugares. A menina queria aprender sobre os animais, planejar a próxima brincadeira, perguntar sobre os países que estavam nos livros, descobrir antes qual seria o lanche da tarde, ou melhor, sobre tudo. A vida era simples e boa. Quando tinha oportunidade, não deixava de fazer perguntas, em outros momentos ficava pensativa em seu mundo.

O que realmente encantava Dayse, através de seus olhos castanhos e brilhantes, era observar com um sorriso natural e muita admiração as flores na floricultura do pai. Sim, ele era vendedor de flores. Ele gostava de ensinar Dayse, ou quem quisesse aprender, sobre como escolher e cuidar de sua flor preferida.

Ele comentava para ela que flores vermelhas representavam o amor intenso; rosas amarelas felicidade e

amizade; girassol era coragem, vitalidade e alegria; o lírio estava relacionado à paz; a gébera sucesso e recomeço; o cravo boa sorte e vitórias; a tulipa amor perfeito e renascimento; violeta significava modéstia e lealdade. Ele sempre colocava uma margarida entre a orelha e o cabelo cacheado da filha, pois ela tinha juventude, amor e sensibilidade. Para Dayse, as lavandas representavam serenidade, essas traziam recordações de sua querida avó, além do cheirinho de café pela manhã, onde a menina degustava, em uma pequena caneca, olhando o céu pela janela.

Dayse achava muito interessante o vaivém das pessoas na floricultura. Elas surgiam não somente para comprar flores, mas para tirar dúvidas sobre como cuidar, entender quais os melhores arranjos para eventos especiais ou para saber o nome de cada uma delas. Certa vez, o pai havia dito para a filha:

— Cada flor é especial, pois possui aroma único, cor específica, origem e significado. As flores representam as alegrias, as tristezas, os encontros, as despedidas, as pessoas, os sentimentos e a alma de cada um de nós.

Naquele momento, ele deu um livro de presente para a filha com ilustrações florais, uma mais bela do que a outra. Ela jamais esqueceu suas palavras carinhosas, seu jeito



distraído e sua dedicação no que fazia. Quando ia para a floricultura ficava fascinada com as histórias de cada pessoa também.

Ela apaixonou-se por margaridas, alegrou-se com as gérberas, desencantou-se com as rosas e recebeu sorrisos da mãe com as orquídeas. O próprio nome Dayse representava margarida.

Após vinte oito anos, Dayse sentiu tristeza em seu coração. Naquele momento, despediu-se do pai com os miosótis. Tais flores representavam recordações maravilhosas de uma pessoa muito querida e amada, que virou uma estrela. Os miosótis traziam um grande significado e, ao mesmo tempo, um pedido. Eu jamais te esquecerei, e você “não-me-esqueças”. O ensinamento do pai sobre flores, natureza, simplicidade e valorização passaram a ter sentido e significado no decorrer de cada primavera e inverno.

Nos dias em que ficava na floricultura, ela ouvia histórias lindas, tristes, surpreendentes e alegres. Ela retribuía a cada um com uma flor, com uma palavra ou um sorriso. As flores jamais deixariam de fazer parte do universo de Dayse. Muitas vezes, ela conversava com aquelas formosuras.

— Eu não vou parar de te olhar!

— Eu não me canso de olhar para cada uma de vocês!

Depois de um longo tempo fora, ela havia retornado com uma pesquisa sobre flores exóticas. Dayse abraçou um livro e olhou para ele orgulhosa de si mesma. Com um brilho no olhar e um sorriso, lembrou carinhosamente do pai, afinal, depois de muito tempo, havia terminado de escrever um livro. O livro era um de seus amores. A floricultura estava linda, colorida, iluminada, alegre e repleta de pessoas, esperando por um autógrafo de Dayse. Sobre a mesa estava o livro florido que recebera do pai, há muitos anos. Enquanto isso, alguém cantava “é isso aí”. ■



# VIDE VIDA MARVADA

*Edna Maria Aparecida de Andrade Cerqueira*

Desde menina, carrego comigo um baú cheio de lembranças

Daquelas que se misturam entre brincadeiras inocentes e lágrimas sinceras.

Dizem por aí que vivo remoendo o passado, como se fosse possível reviver, num eterno retorno.

Mas não é bem assim. Minha memória é um turbilhão de emoções.

Minha vida foi vivida intensamente e cada lembrança que ressurge faz meu coração dançar entre sorrisos e lágrimas, um espetáculo de sentimentos entrelaçados.

Choro sim, como antigamente, mas agora por razões complexas e intrigantes, como se cada lágrima carregasse consigo uma narrativa escondida.

É que minha alma fala alto no meu peito humano.

E todo choro me remete a um viver insano.

Cotidiano de altos e baixos numa eterna dança, nas ondas turbulentas desse oceano chamado vida.

O suor se mistura com lágrimas, e ambos se confundem numa só essência, marcando meu caminho com sal e doçura.

Para aqueles que dizem que choro à toa, convido-os a mergulharem nessa vida marvada que eu levo, em que tudo passa corrido, num piscar de olhos que quase não percebemos.

Nada é tão simples e linear como parece. Cada momento é vivido com intensidade, onde a sanidade se mistura com uma loucura saudável, humana.

Nessa jornada de sangue e lágrimas

Encontrei minhas raízes mais profundas.

Cada choro, longe de ser fraqueza, é uma afirmação de minha humanidade, um lembrete de que cada emoção é uma conquista.

Assim sigo minha vida marvada, onde as lágrimas são testemunhas silenciosas de uma jornada rica em cores e texturas.

É que minha alma fala alto no meu peito insano

E todo choro faz de mim um ser mais humano. ■



# LINDO BALÃO AZUL

Eduardo de Oliveira Santos

Foguete ligado, apto no aguardo da contagem regressiva para a decolagem. O trio de astronautas estavam aflitos, sentados lado a lado. Um som repetidamente: “bip”, “bip”, “bip” ressoou alucinado acompanhado de luzes vermelhas piscantes que iluminaram a cabine do transporte aeroespacial.

— Opa! – disse o comandante da nave.

— Opa? O que você quer dizer com opa, Hélio? – perguntou angustiada a astronauta e bióloga e psicóloga, Doutora Milk’Ana Silva.

— Errei numa coisinha aqui! – respondeu despreocupado o piloto enquanto digitava alguns comandos no computador de bordo da nave para desligar o alerta.

— Sabe que não é um bom momento para errar? Estamos em uma decolagem de um foguete, Comandante! – protestou a líder da missão, a cosmonauta e engenheira de tecnologia de informação, Doutora Kahin Alipe.

O Comandante esqueceu de liberar a pressão do tanque de combustível do principal propulsor de decolagem; coisa simples, mas que poderia gerar uma “pequena” tragédia naquela missão espacial. Tudo por ter se distraído, observava a sua esquerda um grande balão de ar quente, azul, a mais ou menos 500 metros da área de lançamento do ônibus espacial; fazia parte das festividades do lançamento da missão *Polo de Tupi*, que faria uma verdadeira revolução nas comunicações do país. A distração fez o comandante Hélio Oxalá reviver suas memórias quando viu, pela primeira vez, um balão azul, uma bexiga enchida com o potente assopro de seu amado pai, Aarão, no seu quinto aniversário, para ser preciso. Lembrou

que na sua festinha tinham várias bexigas, todas coloridas: laranja, amarela, vermelha e azul... azul. Helinho não gostava de azul naquela época, sempre preferiu o vermelho; uma cor mais vibrante, combativa, amorosa, calorosa e vivaz; tanto que era uma das três cores do seu time de futebol do coração. Já o azul era meio sem graça, meio triste.

A festa de cinco anos foi um grande acontecimento. Infelizmente, suas famílias paterna e materna nunca se reuniram novamente como foi naquele aniversário; não que tivessem problemas de relacionamento, pelo contrário; mas seus tios e primos não moravam no mesmo bairro, tornando os encontros familiares de todos os membros um tanto raros. Foi brincadeira o dia inteiro, ao som da vitrola emprestada do tio Lira: muita lambada, forró, samba e uma ou outra música infantil, como: *Lindo balão azul*, que o menino Hélio adorava. Na sua família, festa de criança ou de adulto, o repertório musical e suas atrações eram as mesmas: Crianças brincavam, adultos bebiam, dançavam, e a temática comemorativa não tinha vez, exceção ao bolo de foguetes espaciais do Helinho! Nos parabéns a você não coube todo mundo na cozinha de sua casa, o tradicional primeiro pedaço teve como vencedora a tia Laura, o que deixou dona Maria, a mãe do menino, desolada e muitos risos dos convidados. Uma foto final foi tirada na garagem da casa do menino, com sua ausência; pois tinha medo do *flash* da fotografia e estava preocupado brincando com seus balões azuis e de outras cores.

Hélio era um amante das artes, fez teatro na adolescência, escrevia pequenas peças teatrais, cantava nos passeios



de carro e desenhava clandestinamente, pois tinha uma pequena insegurança com seu traço artístico. Poderia ter partido para área artística tranquilamente, mas fez um acordo com seu pai que era major da aeronáutica e opositor ferrenho de seu filho entrar nas escolas de artes, só aceitaria que entrasse nos estudos artísticos se antes passasse nas provas da academia militar. Hélio não gostava nada da ideia de ser militar, via a disciplina rígida como desnecessária, questionava algumas posições políticas no passado da instituição, mas gostava muito de ser desafiado, e mesmo sabendo que teria que passar por difíceis provas de ciências exatas, testes físicos e psicológicos, acabou por realizar os testes, mesmo sem a menor intenção de ficar na aeronáutica. Mas algo o fez mudar de ideia; na entrada da base aérea onde tinha feito a última prova o fez dar uma chance à academia:

— Um balão tomando voo? – disse encantado o jovem Hélio. Ah, aquilo fez seus olhos brilharem. Adorava o céu, queria aprender a voar. Porém, tinha uma questão que Hélio temia mais que a própria morte: altura! Ele tinha uma inexplicável fobia à altura, detestava um parapeito, paradoxalmente crescia essa vontade enorme de voar! Surgia a ideia de tão logo abandonar a carreira militar assim que aprendesse a pilotar aviões e balões. Naturalmente teria que trabalhar mentalmente o medo de altura.

O futuro Comandante cosmonauta ingressou na academia da aeronáutica tornando-se um dos mais brilhantes calouros da história; tudo para mostrar ao velho Major que era capaz e, assim, voltar seu olhar para a literatura e para o teatro.

— Vou ficar por aqui, mas vou continuar com meus rabiscos, minhas peças e meus livros. Refletiu. E assim o fez.

Anos após aprender a pilotar caças de guerra, o pacífico

Hélio foi convidado a participar do programa espacial brasileiro para uma importante missão, instalar um novo sistema de comunicação na estação espacial compartilhada entre países em desenvolvimento. Todos na nave estavam empolgados para o lançamento, mas o nervosismo foi inevitável. Foi então que uma voz eletrificada invadiu os fones dos astronautas:

— Atenção, cosmonautas. Contagem regressiva em instantes. Solicitamos que o comandante ligue os propulsores. Hélio virou uma chave no painel e acionou alguns comandos no computador de bordo. A máquina chacoalhou e um intenso barulho do propulsor ressoou na cabine, parecia que tudo iria explodir.

— Daremos início à contagem regressiva. Dez, nove, oito... Silêncio e apreensão entre os astronautas em cada número anunciado.

— Sete, seis, cinco...

Hélio começou a cantarolar *Lindo balão azul*.

— *Eu vivo sempre no mundo da lua...*

— Quatro, três, dois, um... A base de Alcântara deseja uma ótima missão e boa viagem, decolar. – despediu-se a voz metálica vinda da base.

Ainda cantarolando, Hélio aciona o botão verde da partida. O foguete resiste em sair do seu porto seguro, mas a força dos motores e as chamas de seus gigantes escapamentos de cerâmica e fibra de carbono o impulsiona para o céu. Milk'Ana Silva à esquerda e Alipe à direita de Hélio pegaram nas mãos do colega ao centro formando uma corrente, lado a lado; unindo-os neste enorme feito, no sonho realizado de ir ao espaço; assim, os cosmonautas seguiram em coro ao canto do piloto com os microfones abertos para a base de lançamento ouvir e, também os familiares, os



ministros da defesa e telecomunicações, a presidenta da república e uma audiência de 70 milhões de pessoas em frente à antiga televisão e nos diversos canais de internet:

*Porque sou aventureiro  
Desde o meu primeiro passo  
Pro infinito  
Eu vivo sempre no mundo da lua  
Porque sou inteligente  
Se você quer vir com a gente  
Venha que será um barato  
Pegar carona nessa cauda de cometa  
Ver a Via Láctea, estrada tão bonita  
Brincar de esconde-esconde numa nebulosa  
Voltar para casa, nosso lindo balão azul.*

E depois de sair do planeta e sentir o vazio do universo, onde tudo é tão distante, frio e sem vida até onde podemos saber, Hélio percebeu que o mais lindo balão azul e rochoso estava ali em baixo, lugar que precisava de mais cuidado, amparo, amor e atenção; o piloto entendeu que viajar pelo universo é algo maravilhoso, mas valorizar nosso lar e dar a ele e seus habitantes condições melhores para viver e ser feliz é muito mais importante. Sim, nosso balão azul é o mais lindo de todos os azuis no universo. Hélio não via a hora de voltar para seu pequeno lar, sua perfeita casa chamada Terra. ■



# IPÊ FLORIDO

*Eliane de Jesus Santos Martins*

Seu ipê floriu. Foi a primeira florada e ela me fez lembrar você e seus maiores sonhos. Dias atrás buscava sua voz em minha memória, nas modas que cantávamos juntos. Sinto falta de sua voz rouca, de seu sorriso escrachado, até do cheiro do perfume que exalava de suas roupas. Nesses quatro anos sem você muita coisa aconteceu. Compartilharia todas com você, meu melhor amigo. A saudade é tão grande que quase me sufoca. Queria te dar um último abraço. Pela última vez passar as mãos em sua barriga e ouvir que tudo ficará bem.

Não é fácil escrever sobre você, que, apesar dos defeitos, foi um referencial para mim. Quando canto, lembro de meu maior incentivador – você – e de seu sonho de me ver cantar aquelas modas que sempre me emocionavam, aquelas narrativas que me contavam um pouco de sua história, de sua origem. Ainda não consigo ouvi-las, pois elas denunciam a falta da voz que me guiava. Eu era pequena quando o senhor se imbuuiu do sonho de fazer de nós uma dupla sertaneja. Queria realizar em nós seu sonho de juventude, você e seu irmão já haviam sido uma dupla, no entanto minha irmã não nutria esse mesmo amor pela música que existia em nós.

Então, cantávamos nós, uma filha e um pai. Quantas vezes você chamava os parentes, os vizinhos para nos ver cantar. No início sentia-me constrangida, mas depois sentia que pouco a pouco algo se transformava dentro de mim. Encantava-me ouvi-lo cantar com minha mãe, meus tios e tentava acompanhá-lo, seguir suas orientações. Uma das músicas preferidas que cantávamos era “O ipê e o prisioneiro”, de Liu e Léu. Ficava emocionada ao ouvir os acordes e sua voz dando vida àquela melodia. Mas eu não entendia, não sabia do que aquela música falava. Até que aprendi que a vida imita a arte, ou o contrário.

Lembro daquele dia em que te encontrei, muitos anos depois, quando você me esperava na saída do trabalho. E

ao ouvir tocar no rádio a música do Ipê, conversamos sobre o que a letra representava, era a história de um feminicídio. Um homem ciumento e violento que havia acabado com a vida de sua amada por vê-la com outro homem que, na verdade, era seu irmão e, da cadeia, de uma cela, ele só avisava o ipê florido e lembrava de seu amor. Recordo-me de sua surpresa e de como a vida nos coloca em situações em que passamos a enxergar as coisas de maneiras diferentes. De como em nossa família, uma pessoa amada por nós poderia ter o mesmo destino e de como nossa união e a força daquela mulher a tinha tirado daquele relacionamento que podia levar também a um triste fim.

Recordo-me também do dia de sua passagem, fiquei o dia todo com você. Não foi fácil ouvir da médica que estava tão próxima, você sabe o quanto tive que ser forte ao perceber que meu primeiro amor estava partindo. Fiz de tudo para deixá-lo confortável, foram beijos, abraços, palavras cheias de amor e carinho. Cantei para você uma das modas que cantávamos juntos. Limpei seu rosto, acariciei seus cabelos, disse o quanto você era lindo e amado por todos e que ficaríamos bem.

Depois de sua partida, as coisas foram difíceis, mas se encaminharam, inclusive com essa pessoa que nós amamos e que sofreu tanto em um relacionamento abusivo. E, em sua homenagem e para lembrar os momentos que passamos juntos cantando, conversando, rindo, eu plantei um ipê amarelo em frente à sua casa e ele já floruiu. Ao ver sua floração viva e plena, sinto sua presença, seu sorriso, busco sua voz, seu perfume, seu abraço, busco você, pai. ■



# MARIA, MARIA

*Elisangela Cardozo de Oliveira Souza*

Maria já havia terminado as tarefas do dia, nada demais: limpou a casa, lavou e passou a roupa, costurou as encomendas que ajudavam no orçamento de uma viúva. Só faltava preparar o jantar dos filhos solteiros.

Seguiu-se uma ventania e o tempo se armava para uma tempestade. Maria, que nunca esperou por ninguém na vida (nem pela mãe doente, o que fez que cuidasse dos irmãos menores; nem pelo marido, que a deixara sozinha a cuidar dos filhos e do boteco que outrora tiveram, antes de morrer de infarto aos 44 anos), pegou uma escada e foi ajustar as telhas que se deslocaram com o vento.

A chuva começou e, na pressa de terminar o conserto, Maria escorregou e caiu da escada. Dolorida e machucada, usou sua principal característica: a persistência. Terminou de ajeitar as telhas, guardou a escada, recolheu as roupas que ainda estavam no varal. Ainda varreu o quintal para que as folhagens caídas não entupissem o ralo e entrou.

Ao chegar em casa, o filho mais novo, um rapagão de 20 anos, encontrou a mãe chorando ao cortar as cebolas que usaria no jantar. Ele se lavou, brincou com o cachorro e, ao

ver a mãe novamente, percebeu que ainda estava chorando. Ao prestar mais atenção, percebeu que ela estava com o braço todo marcado por arranhões e roxo.

O rapaz questiona sobre o que havia acontecido e Maria explica calma e rapidamente. O filho recomenda que ela vá descansar, o que é respondido por um muxoxo:

— Nessa vida, a gente não pode ser mole! Quando eu morrer, eu descanso!

Maria terminou o jantar, lavou a louça e preparou a casa para a manhã seguinte. Quando os filhos já estavam dormindo, separou costuras, guardou os retalhos, fez barras em duas calças novas e finalmente apagou a luz.

Maria é minha avó paterna...

Maria faleceu aos 93 anos, em 2023...

Maria gerou, alimentou e amou...

3 filhos, 10 netos, 19 bisnetos e alguns tataranetos sem nunca esperar por ninguém... ■



# EPITÁFIO

*Elisete Mendes Scatolin de Almeida*

Hoje o dia não estava ensolarado, mas ela não iria reclamar do tempo, lembrou de todas as promessas que fez depois que ele se foi. Queria ter amado mais, ter chorado mais, ter visto mais o sol se pôr ao seu lado.

Ele estava ali sempre prestes a ajudar, o tempo nunca foi empecilho para uma conversa mais demorada com os amigos no bar, imagine para ela que era tão pequena e sempre cabia nas palmas de sua mão ou nas cócegas após a incrível pergunta:

— Cadê o ratinho que estava aqui?

— O gato comeu...

Recordou os passeios e todos os lugares que conheceu ao seu lado, o dia 12 de outubro, era a data mais esperada, todos os anos estava lá com sua prima e seu amado tio na Cidade das Crianças.

Hoje ele não está mais aqui, mas é impossível esquecê-lo, jurou que quando tivesse seus filhos iria propor experiências e grandes memórias, assim como ele fez, quando ela era somente uma criança.

Mais um dia de trabalho. Saiu, mas não esqueceu de beijar os filhos e sabia que, daqui a pouco, já iria reencontrá-los e nunca se arrependeu por optar em reduzir a sua carga de trabalho, para estar mais tempo com eles.

O sorriso no rosto da Mariana e o olhar do Lucas quando à tarde ela vai buscá-los e vão direto ao parque fazer aquele piquenique, andar de bicicleta e brincar de ver as imagens nas nuvens de algodão até o sol se pôr.

Mas com aquele tempo não teria dúvida, iriam ao cinema ver o lançamento do último filme infantil, afinal, para os dias nublados esse seria o programa ideal. É isso que levamos da vida, a alegria que fica no coração em cada minuto aproveitado e compartilhado com quem mais amamos. ■

# AS ANDORINHAS

*Elizabe Freitas de Almeida*



Há muito meu coração estica para as menores e mais escondidas janelas de Sampa. Tantas pessoas que conheço têm vontade de se mudar para um apartamento mais amplo. Eu, não! Quero o suficiente para caber minha paz, minha solidude e algumas violetas no parapeito. Talvez um gato e uma cadeira de balanço num canto pra contemplar a loucura que em mim habita! Se pudesse escolher, esse lar teria vista para algum parque. Gosto do verde. Gosto da ideia de ter as copas das árvores ao meu alcance. Gosto de acordar com o piar dos pássaros. Gosto de pisar em ruas com tapete de flores. Gosto de caminhadas ao ar livre. Gosto de bairros com árvores frutíferas nas calçadas. Outro dia, descobri uma andorinha tentando o ninho na chaminé do aquecedor a gás do meu andar. Corri para mostrar ao meu garoto de 7 anos e apreciamos juntos aquela cena bucólica. Que dó do bichinho! Mas a compreendo perfeitamente! Fez-me lembrar de um clássico que ouvia nas Minas Gerais: “Nós somos andorinhas, que vão e que vêm à procura de amor”. Assim como elas, nossos corações necessitam de outros voos. Novos abrigos. Novos ares e, quem sabe, novos lares! ■



# SUJEITO DE SORTE

*Erika Luzia da Fonseca*

Não.

Não pense que meu silêncio é concordância, o nome disso é coragem e espera, respiro.

Não se iluda com minha pausa, me sinto sã, salva e forte. Essa p-a-r-a-d-a é só uma estratégia planejada para seguir mais fundada nas minhas raízes.

Não se iluda de que serei silenciada, enquanto a boca cala todo meu corpo inteiro, em sons, cheiros, sentidos e movimentos se mexem, se transformam e migram para o foco que será encontrado pela ponta da lança.

Sobreviventes são multiplicadores, já estamos polarizados, fecundos, espalhados.

As amarras da ilusão que violentaram e assassinaram os meus já se desfizeram. O sangue virou adubo, força, composteira pra luta, para os que já chegaram.

Ahhh, você sabe o que é ter Deus andando do lado? Deus que é terra, vento, lágrimas nos olhos, cheiro de terra e força da natureza? É esse deus brasileiro que segue comigo, com pele retinta, com jeito de gente, com força e com dignidade.

Não se iluda, seguimos caminhando, por trilhas da mata, silenciosos e com deuses ao lado. ■



# MARVIN

*Evandro Fantoni Rodrigues Alves*

É uma fria manhã de inverno, faltam poucos minutos para às dez horas. Apoio a enxada no chão, para descansar as mãos por alguns instantes. Olho ao longe, para além das terras duras e secas das quais eu e minha família tiramos nosso sustento. Não é muito, mas tem dado para sobrevivermos um pouco acima da linha da fome... Mas não há muito mais o que fazer.

— Mano... – escuto um dos meus irmãos chamar. Me viro para ele, mas não preciso que diga mais nada, pois a expressão no seu rosto me diz tudo.

— É o pai?

— Ele está chamando...

Lágrimas correm pelo rosto do garoto, e eu largo a enxada no chão e o abraço com força. Meu pai é um homem simples, que não teve estudo e não sabe ler e escrever. Mas mesmo assim é uma das pessoas mais sábias que eu já tive o prazer de conhecer na vida e tenho o maior orgulho de ser seu filho.

“É um homem com um grande coração”. Essa é a frase que todas as pessoas que conhecemos usam para se referir a ele.

Pego meu irmão pelas mãos e caminhamos para nossa casa. Uma casa de madeira muito simples, com apenas dois cômodos: uma cozinha de fazenda e um quarto com uma única cama – onde dormem nossos pais – ocupada no momento apenas pelo homem que me deu a vida, e que caminha para o final da dele.

Entro na casa, e abraço minha mãe, que chora e reza o terço, diante da imagem de um santo feito de barro. Ela

abraça o irmão que foi me chamar depois de me soltar e afaga os cabelos dos outros, que há pouco deixaram as fraldas. Com um aceno de cabeça, indica a porta do quarto para mim, dizendo que meu pai espera e que acha que ele provavelmente não viverá muito tempo.

Entro no quarto e me sento no banquinho que está na cabeceira da cama dos meus pais. Meu pai abre os olhos e eu tento sorrir para ele. O quarto cheira a doença e não tenho dúvida que aquela cama será seu leito de morte.

— Filho... Eu sei que meu tempo está acabando, então não vamos fingir que não está.

Eu começo a chorar e abraço meu pai com todo o amor que compartilhamos desde quando eu nasci. Aos treze anos, sinto todo o peso do mundo nas costas e uma dor no peito que nunca imaginei ser capaz de suportar na vida. Quando nos afastamos, ele pousa as mãos no meu ombro, me olha nos olhos, desejando “boa sorte” com seu olhar, sorri e fala:

— Marvin, agora é só você, e não vai adiantar... Chorar vai me fazer sofrer... Marvin, a vida é pra valer, eu fiz o meu melhor... E o seu destino eu sei de cor... ■



# SÁ MARINA

*Fabiola Ribeiro Chacim*

“Descendo a rua da ladeira, só quem viu, que pode contar... cheirando a flor de laranjeira Sá Marina vem pra dançar” é o início de uma música capaz de me fazer viajar no tempo. Nesta e talvez em outras vidas. Minha história pessoal é cheia de memórias musicais, mas esta música é capaz de me levar ao momento que eu a escutei pela primeira vez, todas as vezes em que ela é tocada.

Eu e minha irmã mexíamos nos pertences do meu pai e encontramos uma fita cassete. Estávamos em busca de uma “fita virgem” para gravar as músicas que escutávamos na rádio. Meu pai havia comprado um aparelho de som 3 em 1. Armando é o nome dele, meu pai.

Numa dessas fitas, havia músicas que não conhecia até então, uma delas Sá Marina. Ao apertar o play e começar a ouvir esta canção, senti um arrepio dos pés à cabeça, como se já conhecesse esta música há muito, muito tempo. Nunca admirei tanto uma melodia assim. Até hoje, ao ouvi-la, imagino Sá Marina uma mulher preta, alta, de cabelos muito encaracolados. Vestia uma blusa colorida para contrastar com sua saia branca costumeira. Ela fala alto, sorriso largo e dentes muito brancos. Perfumosa. Exala alegria, chama tanta atenção que até o sol para, olhando-a. Canta lindamente. Mora em Salvador e desce a escadaria da Penha radiante, cantando. Seu andar parece uma dança. Não é à toa que é capaz de fazer o povo inteiro cantar! Não é por acaso que, ainda hoje, é capaz de me emocionar. ■



# FUTUROS AMANTES

Felipe Alberto da Silva Lopes - pseudônimo: Felipe Lopes

(Ano: 2395)

Um navio, desses gigantes, sobrenada Rio de Janeiro. Abaixo das águas, dezenas de metros abaixo, se estende a cidade que já foi chamada de maravilhosa. Mas hoje temos apenas os seus fantasmas. Nos séculos passados, o aumento gradual do nível do mar foi expulsando seus moradores aos poucos, até que toda a cidade foi alagada. O mar engoliu até os arranha-céus. Começou-se o plano emergencial de contenção à destruição das geleiras, e o de reconstrução da mata, mas já era tarde. O Rio de Janeiro e a maioria das cidades litorâneas no mundo já estavam submersas.

Alguns habitantes destas cidades começaram a viver em navios perto de onde a cidade estava. Estes navios eram tão grandes e estáticos que pareciam ilhas. Dentro dos navios havia milhares de residências fixas. Shoppings, clubes. Até parques quilométricos na parte superior, todos arborizados.

Os arqueólogos e historiadores, que buscam retomar o modo de vida das pessoas nos séculos anteriores, muitas vezes mergulham. Eu, trajado com as roupas de mergulho, desço em uma dessas expedições. Eu não busco, como certos biógrafos, a casa de celebridades ou políticos. Busco saber como vivia o homem e a mulher comum, seu dia a dia, seu trabalho, sua vida em família.

Após amarrar o oxigênio e as boias de subida rápida de emergência, coloco-me dentro do submarino acoplado ao navio. À medida que o submarino vai afundando, vamos vendo monumentos, que hoje só vemos em fotografias. Estes monumentos aparecem difusos, pela ação da água, com uma coloração fantasmagórica: o Cristo Redentor, o Pão de Açúcar e a praia de Copacabana. No momento em que o submarino se aproxima do que era o chão da cidade, os vários tripulantes colocam a máscara de oxigênio, acoplada a

um cilindro, e saem, cada um em busca dos seus interesses. Eu procuro uma casa de classe média, um pouco afastada do centro. O oxigênio dura cinco horas, e antes disso preciso estar de volta no submarino.

Após me embrenhar por trinta minutos pelos becos da cidade, encontro um prédio, quinze andares, daqueles com centenas de apartamentos muito pequenos. Subo, por fora, até o décimo primeiro andar. Escolho uma janela e abro, com um pouco de força, pois está enferrujada.

A janela era de um quarto, onde se via uma cama, uma escrivaninha com um computador de mesa e um armário, que servia de guarda-roupa. Vários lugares estavam cobertos por uma espécie de musgo, ou até algas, e só consigo enxergar claramente com a lanterna, uma lanterna especial para uso em situações assim, que iluminou todo o ambiente.

Passo os olhos pelos elementos do quarto, buscando algo que me ajudasse a entender a vida daquelas pessoas, daquela pessoa que morava ali, sua história, seu cotidiano. Abro o armário, onde encontro roupas, sapatos, roupas de cama e alguns livros. Até aqui nada que não fosse conhecido no nosso campo de estudos, e minuciosamente descrito em nosso banco de dados. Mas eis que vejo em uma gaveta uma carta.

Acho estranho aquele objeto, porque na época do grande naufrágio já não era comum o envio de cartas em papel. Leio a carta com outra lanterna, projetada especialmente para ler papéis molhados. Uma das invenções recentes que mais ajudaram os pesquisadores das civilizações submersas. Dizia:

*“Rio de Janeiro, 10 de abril de 2024.*

*Minha querida, escrevo para dizer que te amo. Mas, mesmo dizendo, sei que nunca saberá. Tenho medo de*



*dizer e acabar com esse sentimento que tenho. Se eu souber que você pensa em outro, ou que você não quer ninguém. E mesmo se me quiser, ao nos entendermos, corpo com corpo, não demorará para nos desentendermos. Não suportaria isso. Por isso, não te entreguei a carta. Mas ela existe para provar que o amor, o mais belo de todos, estava aqui, à sua espreita.*

*Uma carta de amor nunca entregue é mais bonita do que a que foi entregue. Tem toda uma expectativa de futuro, tem uma história de amor futura que encerra, mas que nunca chegou a acontecer. A carta de amor nunca entregue é uma promessa, uma busca da felicidade. As cartas que foram entregues se mostraram falsas, quando o amor vai morrendo entre o casal, entre brigas e os conflitos dos desejos. Assim como os amores passados, os amores que já acabaram, nos confins do passado, têm o seu brilho: as coisas findas, muito mais que lindas, ficarão, como já ouvi dizer. Deixo esse amor que te tenho para o futuro, onde ele será mais um monumento daquilo que nunca se concretizou, mas justamente por isso é mais belo, mais forte, mais verdadeiro.”*

Inicialmente fiquei surpreso em pensar que o autor da carta soubesse que no futuro ela seria achada, e olhei para o lado, pensando ridiculamente em encontrá-lo ali, ao meu lado. Mas não estava. Após me recompor deste susto, pensei: uma carta de amor nunca entregue, no fundo de um armário. É isso que este sujeito deixou, como seu mais valioso tesouro, para uma fulana que nem se sabe o nome, que talvez nem soubesse de seu sentimento.

No mundo de hoje, a valorização do amor, tão comum do século XIX até XXII, é vista como algo bobo, até engraçado. Foi tão ridicularizado que hoje se foge do amor, como algo ultrapassado. Pensei no mundo-máquina, tão

cinza, mesmo com tudo tão iluminado. Tão deficiente de uma certa coloração que, de alguma forma, a carta me mostra. Hoje os mecanismos sociais se encaixam perfeitamente, tudo segundo a lógica e o cálculo. Mas essa carta tem algo de diferente, uma carta não entregue não faz sentido, mas parece fazer todo sentido do mundo. É a amostra desse amor contemplativo e lento. Muito diferente do domínio dos prazeres que fica sempre colocando o encontro amoroso como prazer imediato e só. O mecanismo biológico.

Vejo, após um alerta luminoso no braço, que o meu tempo de oxigênio está acabando. Pego a carta e mais um poema manuscrito, coloco cuidadosamente na bolsa. Vou me direcionando ao submarino, enquanto minha mente não para de pensar. Talvez essa carta e esse poema sejam apenas mais alguns itens de museu, onde os jovens vão zombar das aventuras apaixonadas dos antigos.

Mas talvez seja uma forma de lembrar que ainda há amor, mesmo sem amantes. E assim o submarino rompe a superfície da água e o sol entra, quente e promissor, pela janela de vidro. ■



# TEMPO PERDIDO

*Felipe Lunardi Serio Figueredo*

Renato tinha acabado de chegar à vida adulta, mas já se sentia bem desiludido, carregando consigo um peso invisível que nem ele mesmo entendia por completo e, muitas vezes, costumava se perder em suas próprias memórias. As obrigações do dia a dia e a rotina monótona despertavam a necessidade de questionar o sentido de tudo que via ao seu redor.

Passava a maior parte do dia em um escritório, onde o tempo algumas vezes parecia escorrer lentamente pelas paredes e janelas, e em outros o mundo parecia girar em um ritmo acelerado, enquanto ele se fechava... sozinho... preso em uma bolha de pensamentos e reflexões. Lembranças do passado invadiam sua mente, trazendo uma sensação de nostalgia. “O tempo não para”, pensava ele, repetindo a frase que ouviu tantas vezes do seu amigo Agenor.

Seus pensamentos estão em um ciclo todos os dias, começando sempre que acorda e continuando até antes de dormir, onde visitam os tempos de juventude, quando ele e seus amigos pensavam que tudo no mundo estava ao alcance das mãos. Sentiu saudades dos dias cheios de planos e promessas que nunca saíram do papel, e tentava fixar na memória o que realmente importava. Mas a verdade é que, na correria diária, muitos detalhes acabavam se perdendo no emaranhado de pensamentos.

Mas não é possível ficar muito tempo parado... Renato tem que suar no esforço diário para se sustentar e se esgotar. Na volta do trabalho, no dia seguinte, olhava para o céu, buscava respostas entre as nuvens que se moviam lentamente e sabia que devia seguir sempre em frente, sem tempo a perder, um lembrete constante de que a vida seguia adiante, não importando as suas hesitações.

Chegando perto de casa vê Robert, sua paixão de adolescência que estava nos Estados Unidos, sentado na praça, e não consegue segurar sua vontade de ir falar com ele. Sentia uma mistura de saudade e gratidão e refletia com

uma compreensão mais profunda de que cada erro, cada desvio, o havia moldado e levado a ser quem era hoje e que, naquele momento, Robert seria um refúgio, uma segurança e um conforto. Em sua conversa, eles perceberam que apesar das diferenças buscavam a felicidade e também viver em um mundo só seu.

A conversa durou horas, não viram o tempo passar e, no final, trocaram telefone e se despediram. Renato então se levantou, decidido a deixar o banco do parque e caminhar um pouco. A cada passo, sentia-se mais leve, como se cordas invisíveis se soltassem, e percebeu que cada um tinha seu próprio tempo e entendia que a vida não precisava ser uma corrida desenfreada.

Chegando no prédio em que mora, viu um grupo de crianças que riam e brincavam, e sorriu. Eram um reflexo dele mesmo, dos seus sonhos e esperanças que carregou a vida toda. Não deviam ter medo do escuro, mas se quisessem poderiam deixar sempre as luzes acesas e desejou que aqueles jovens aproveitassem cada momento, sem medo do desconhecido. Com a consciência leve entrou em casa e decidiu que, a partir daquele dia, valorizaria cada segundo, cada encontro, cada oportunidade. Afinal todos somos tão jovens e não importa quantos anos se passem sempre haverá tempo para viver plenamente, desde que estejamos dispostos a realmente estar presente no agora.

E assim, naquele tempo de reflexão, percebeu uma nova perspectiva sobre o tempo e a vida, cada dia era uma nova oportunidade de fazer o comum se tornar extraordinário. No fim das contas, sabia que não havia tempo perdido e que a vida, mesmo com suas voltas e reviravoltas, tinha mostrado que todos os momentos são importantes, mesmo aqueles que ele considerava perdidos.

Prometeu a si mesmo que não ia mais desperdiçar o presente com lamentos sobre o passado, mas que viveria cada momento com a maior intensidade possível. ■



# TEMPO É O REI

*Fernanda Depizzol*

Não se desespere, tudo se transforma  
Nada permanece como está  
Tudo é transição, não tem outra forma  
Realidade é transformada aqui e acolá

Tristezas, separações, distanciamentos  
Provocados por situações e comportamentos  
Tempo passa, tempo voa  
Nada é à toa

Tempo é o rei, tempo foi o rei, tempo sempre será o rei

Ações e pensamentos  
Se transformam num instante  
Tudo parece um livramento  
O tempo é mutante

Família, trabalho e amigos  
Como o coração se alegra  
Estas imagens são afagos  
Que para sempre seja a regra

Tempo é o rei, tempo foi o rei, tempo sempre será o rei

O tempo transforma velhos comportamentos  
Em novos momentos  
Para serem vividos  
Por todos os envolvidos

Tempo, você é o rei  
Tudo passa! ■



# FITA MEUS OLHOS

*Fernanda Elisa Pansica*

Cecília caminhava por uma viela escondida entre o prédio de uma faculdade de alto padrão e um restaurante fadado a vender marmitas aos professores da universidade. Não queria rimar a vida com o seu andarilho, nem acreditar para sempre que esta mesma vida seria também um moinho, assim como todas as sonoridades dos parágrafos que surgiam dos encontros com seus pretendentes. Todos os olhares que cruzavam com os dela davam num verso mesmo quando não davam em amor nem sexo.

Era ao lado de um pequeno mercado de peixes, reduzido a ser pequeno porque existem os grandes, que morava uma das suas maiores preocupações: uma prima adormecia por mais horas que permitia o relógio por não suportar saber que a durabilidade é um fato para os enlatados e para a sua relação com as pessoas. Era preciso acordá-la para, inexoravelmente, fazê-la recordar a ausência da mãe, do pai que sequer conhecera e agora de um filho fruto de um amor que também resolvera partir. Quatro ausências presentes na penumbra do quarto catorze, o número um seguido de quatro tenazes fantasmas, pois o acaso é somente uma roupa, um disfarce de jovem que vez ou outra usa o veterano Destino.

“Corra e olhe o céu, que o Sol vem trazer bom dia”. Era um trecho de Cartola que fazia Cecília ser capaz de continuar a vereda por aquela escuridão, consequência da tristeza de uma só pessoa no mundo, supunha ela enquanto construía mentalmente o seu próximo poema, este que nasceria, decerto, do encontro com esse indivíduo que parece secretamente em algum canto da cidade.

Alguém chora num ponto escondido daquela megalópole por um motivo mais secreto do que a origem do Universo e não era a sua prima, ruminava Cecília enquanto seguia até o fim do beco. Alguém chora em algum recinto escuso do mundo,

daí a viela,  
daí o pretume do asfalto,  
o breu entre a faculdade e o restaurante,  
o pouco do mínimo que nenhum governo reservou aos mais humildes,  
o baixo salário dos professores,  
o verde-musgo das algas sendo vendidas no mercado de peixes,  
a crueldade das palavras de Hansu na página sessenta e dois de “Pachinko”,  
a nunca ida de sua prima ao teatro,  
a lágrima por quatro ausências que lhe arremessam para um suicídio capaz de ser a única herança de Cecília.

Tudo isso advindo do mistério de uma tristeza por quem nunca ninguém se interessou por desvendar. A tempestade, se pudesse ser concreta e ininterrupta, seria a imagem daquele vilarejo no qual Cecília se metia para não herdar de sua prima a ausência da luz.

Era preciso impedir que sua prima dormisse para sempre. Ao mesmo tempo, era necessário criar um poema para um possível epitáfio se seus passos não alcançassem o limiar do beco a tempo de vencer os ventos soturnos do lugar. Ventos esses que também a conduziam para os versos desiludidos de Cartola que, apesar de contrariar todas as esperanças românticas de eternidade, contradiziam-se e pareciam emergir da janela da última casa da viela desde antes da criação do mundo e até o dia em que se puder ver a olho nu o azul turquesa das Plêiades no céu noturno. Exatamente daquela janela colada à de sua prima surgia a voz aveludada de um homem que resolveu acontecer na vida de Cecília, como se os desiludidos do mundo se encontrassem todos numa mesma vila ou dentro de uma mesma canção. Eram vizinhos: aquela que daqui a dois dias se



suicidaria e deixaria à Cecília um quarto, um banheiro e o manto de penumbra, e aquele que ainda não sabia, mas também morreria, talvez pela segunda vez, no exato momento em que seria ato os versos de um refrão de Cartola:

“Fita os meus olhos, vê como eles falam...”

Ela fitou. E eles falaram. Falaram o suficiente para causar um apagamento nos pensamentos de Cecília, já que é isso que fazem os olhos que ao serem fitados dão para falar. Ela apagou os pensamentos. Anoi-teceu os batimentos cardíacos. Visualizou o conglomerado de estrelas dentro do céu profundo. Quase chorou como todos os desiludidos do mundo. Adiantou a sua morte para um dia em meados de janeiro: a sua primeira morte de amor. E ele, que tocava Cartola por força de tudo que não fora antes, morreu duas vezes, porque dizem os tétricos do lugar que é secreto o motivo do desalento que lhe havia levado a alma dez anos antes, só sabiam que, desde que aquele homem morava ali, tocava Cartola como quem morre de amor todo dia.

Cecília não sabia porque passava a querer desvendar o motivo da primeira morte do homem que vivia a morrer de amor. Julgava, porque era boa, que conhecer e registrar uma dor tão grande poderia fazer viver por mais tempo todos os amores que a história parece querer apagar. Cecília não tinha aptidão para ser indiferente aos arrebatamentos prosaicos. Para ela tudo fazia parte do grande arco da história. Amar aquele homem era conhecer a sua primeira morte. Ouvir a sua desilusão era sua prova de amor. Salvar o mundo era desvendar a dor do homem que, no final do beco, tocava Cartola.

Dois dias adiante e sua prima não acordaria mais. Um dia depois e Cecília passaria a saber que desacontecer também era um acontecimento. E desvendava o segredo da descrença daquele homem: ele lhe dizia que em cada esquina caía um pouco mais a sua vida, porque apenas existia para fazer não se lembrar dela. Era urgente desacontecer os

ombros de uma mulher. Todo o resto já havia apagado, mas ainda lhe faltava esquecer os ombros. Eram os ombros de uma mulher o pai e a mãe das dores de toda gente.

Cecília desabotoou apenas um botão do vestido acinzentado de alças finas para enxugar com ombros novos o pranto do homem que lacrimejava notas musicais. Ele cantou e morreu de amor em seu colo por duas noites inteiras. Por duas noites inteiras toda a vila e as pessoas vivas do mundo estiveram alegres por conta do encontro daquele homem com os ombros de Cecília, todos festejaram sem saber a origem secreta dos seus contentamentos. Até chegar meados de janeiro e a verdade de Cecília sobre inícios também irromper: os inícios também acabam porque inícios são finais. Acontecer é desacontecer. Cecília também desaconteceu.

Os astrônomos estimam que o homem tocará Cartola por mais 250 milhões de anos. O tempo previsto para o aglomerado estelar na constelação de Touro, as Plêiades, se dispersar.

Cecília morrerá muito antes. Mas nos livros das histórias que nunca se contam estarão seus ombros. ■



# RODA GIGANTE

*França Helena Amandio Berton*

No jardim de concreto, ela se sentia regada de desafeto. Era mais uma que se sentia sozinha na roda de “amigos”. A cabeça girava, ideias, tonturas, o mundo desmoronava. Ela queria desaparecer, ao pó retornar. O pó a levou às cinzas. Mas morta passava bem.

O mundo gira igual roda gigante. O horizonte é um caminho sem fim. Perdida da sua essência, ela queria voltar, mas não sabia para onde. Precisava ter fé, se levantar, erguer a cabeça e continuar.

A Fênix surgiu do além. Sentia o coração aos cacos, lágrimas na face, no entanto, pensava: a vida não me fez covarde. Xeque-mate.

O mundo gira igual roda gigante. O horizonte é um caminho sem fim. E qual era o caminho agora? Frio na barriga, tropeços, muitas quedas até o levante cambaleante. Muitas as armadilhas dos “amigos”. Destruição: física, mental, autoestima, degradação total.

Mas a vida não a fez covarde. Não queria se acabar. Abriu a janela, deixou o sol entrar. A roda gigante ia girar. E o topo da sua vida ela iria protagonizar. O horizonte se abrir, outras oportunidades surgir e a felicidade sentir. ■



# PENSAMENTO MEU

Germain Tabor

*[É só pensar em você que muda o dia, minha alegria dá pra ver, não dá pra esconder]...[Nem quero pensar se é certo querer que vou lhe dizer]...*

Pensar só em você é campo fácil de cilada,  
facilmente arapuca,  
desintegração, pensamento prenhe do outro, esvaziado de si.  
Penso em você.  
Penso em mim? O que é isto, pensar em mim?  
Zona de desafio, segredo, desterro.  
Território das inseguranças, morada de incoerências, minhas “caras” contradições.  
[Nem quero pensar se é certo querer o que vou lhe dizer]...  
Mas preciso pensar sobre mim, é preciso, pensamento meu,  
quente, rosado, aninhado em lado bom,  
entre pontas ásperas, perfurantes e superfícies moles,  
plumosas,  
e lá fica e eu vou só,  
Louco.  
Querer pensar em você é vício, doce.  
Devaneio, risco, borda do abismo, anulação.  
[Nem quero pensar se é certo querer o que vou lhe dizer]...  
Mas eu vou só, pensar sobre mim e sobra em mim um beijo seu. ■

# BALADA DA CARIDADE

*Giane Gomes Pinheiro*



Desde sempre, a memória de mamãe lavando louça e cantarolando uma música triste, mas bonita e com sua voz fina me acompanha.

Quando chovia então, ah! Virava mesmo uma balada, só que na hora de dançar música lenta, sabe?

Gestos de bondade, de amor, simplicidade e doação eram os passos dessa dança e são exemplos que arrastam, me arrastou para um caminho sem volta... o de ser um ser humano bom, sempre.

Quando via mamãe cantando, em outros momentos ajudando alguém que precisava, era como se a música se materializasse à minha frente. Era tanto amor ao próximo: quando alguém batia à porta pedindo um pouco de mantimento, quando alguém necessitava de sua companhia para ir ao médico, quando batia de porta em porta para arrecadar alimentos e organizar cestas básicas levando em uma camiseta o lema: “Doe pão a quem tem fome!” (e olha que era muito humilhada), ela não parava! Nunca cruzou os braços diante de uma mão estendida implorando por ajuda.

Pego-me perguntando: como uma mulher, que teve a infância sofrida, morando em casa de madeira com muitas frestas e o frio adentrava por elas, os buracos das telhas eram invadidos pela água da chuva, não virou uma pessoa amarga e pode ter um coração tão grande? Ela tem!!! É de alegria gigantesca!!!

E sua cantoria, nas horas das louças sujas, que permanece atualmente, com letra provocante criando certo desconforto, questionando como todos podem ter paz se não ajudam o próximo, é e vai ser uma das memórias que ao mesmo tempo que aconchega, ensina, também tira o sossego... Ah! Como eu quero louça suja na casa dela...

Que tenhamos mais dias desassossegados!!! ■



# PALAVRA

*Gilson Aureliano da Silva - pseudônimo: Gil Silva*

Estava lá um moço parado.

Como um lavrador na frente do arado.

Era um jovem rapaz na frente de um restaurante chique com sua vitrina.

Estava parado em silêncio, mas os pensamentos em pleno movimento.

Atônito olhando as pessoas bem vestidas que entravam e saíam do local sem nem perceber a sua presença ali.

Era como se ele fosse invisível, transparente como o vidro à sua frente. No estômago um vazio lhe corroendo as entranhas, como larvas num conto de Edgar Allan Poe.

A boca? Trêmula, buscando uma palavra para pedir pão. Como se sugere a fome para quem come, já disse a música.

Na sua confusão mental, buscava uma palavra, uma única que sensibilizasse alguém, que fizesse ele ser entendido, que não estava de zombaria, que não era oportunista, que o que sentia era real. Aquela pontada no meio da barriga era como a palavra não dita. Vazia. Esperando ser preenchida, completa e alimentada.

Mas as pessoas entravam e saíam daquele lugar e não o viam. Alguns até esbarravam nele sem o notar. Saíam sorrindo absortos em suas risadas, em suas conversas.

E ele a buscar aquela palavra que não vinha. A palavra quando acesa não queima em vão. Já dizia a música. Mas a dele estava apagada. Em sua memória apareciam várias cenas de um filme. A sua vida e o porquê estava ali naquela situação.

A sua amada era seu par principal nesse roteiro. Sempre proferira palavras para ela que a atingiam como espada. Palavras ora bonitas e às vezes destruidoras ao

ponto de sua amada sumir desse filme. Por isso ele tinha medo de palavras.

Quanto mais ele a buscava, mais rápidas as cenas ficavam, seu coração batia mais acelerado, as pessoas até pareciam caminhar mais rápido. Ele ali com um nó na garganta, sentiu algo saindo de dentro do seu peito, os olhos enchendo-se de lágrimas. Sua boca abrindo como se uma luz quisesse sair de lá. Então ele proferiu um:

-AAAaaaaahhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhhh!

Um grito em alto e bom som! De forma que todos que passavam à volta fizeram silêncio. Olharam para tentar entender o que se passava com aquele estranho homem. Ele continuou ali parado, com a boca trêmula, olhos molhados, olhando para frente. Sozinho. ■

# HISTÓRIA DE UMA GATA

*Gláucia Pereira de Brito*

73



Me amaciaram  
Me alisaram  
Me acostumaram  
O mundo era meu cabelo  
Ferro quente, cremes alisantes e trato. Todo dia chapinha  
Ou mesmo uma boa massagem... de gata  
Me diziam, todo momento:  
Bombрил, armado. O que é isso, senhoria. Humana? Não te reconhecerão  
Toda manhã saía de casa  
Era barrada logo na escada,  
Sem dó e sem piedade  
Por causa do meu cabelo  
Mas agora o meu dia a dia  
É no meio da gritaria, sem medo e covardia, pelo mundo com ousadia  
Fique em casa, não tome vento  
Mas é duro ficar na sua  
Quando à luz da lua  
Toda a noite vão cantando assim:  
Nós, negras, outrora escravizadas. Porém, já nascemos livres  
Eu sou mais eu, mais gata. Numa louca serenata  
Que de noite sai cantando assim:  
Nós, negras, outrora escravizadas Porém, já nascemos livres. Senhor, senhora ou senhoria  
Humana, me reconhecerás ■



# FUTUROS AMANTES

*Glauciane Maria de Almeida Catanho*

Ela não via a hora de chegar em casa. Ele já estava lá, como num passe de mágica. Entre os dois, uma conexão incrível: um olho na tela e o outro na câmera através dela, a televisão. Parecia reciprocidade ou, até mesmo, amor de verdade.

Era mais um programa, uma entrevista, um encontro na sua coleção de coisinhas que fazem bem ao coração! Era como se o tempo parasse e o mundo se resumisse a um espaço de encantamento, posto que era tudo perfeito naquele ar sem jeito de quem não tinha pressa de amar.

Conhecia a história dele como ninguém: o dia do aniversário, o local e o horário do nascimento, a escola em que se formou e até o nome da primeira professora; sabia quantos irmãos tinha, o nome de cada um deles e a trajetória profissional também. Reconhecia de olhos fechados o timbre de sua voz, sabia o número do tamanho do pé, o perfume que usava, a cor preferida e a profundidade de sua fé. Estudava a vida dele com a pinça de quem aprecia os detalhes de uma pedra preciosa guardada no fundo do armário.

Era assim: não tinha pressa, afinal o amor pode esperar! Pode até mesmo naufragar e resistir em uma cidade submersa. Imagine daqui a mil anos o Rio de Janeiro sendo explorado por escafandristas. Decerto encontrariam resquícios e pegadas deste mesmo amor. Amor silencioso com cheirinho de bossa-nova e frescor de olhos brilhantes cantando fragmentos de cartas, poemas escritos e mentiras sonhadas ressuscitando novos enredos que haveriam de nascer.

Um dia, eles se encontraram. Não estavam sozinhos. Junto com eles, centenas de pessoas com a mesma emoção, porém não com o mesmo amor. Tudo era divino: as luzes acendiam e apagavam, o palco encantava, a atuação hipnotizava, o texto recitava, a música acalentava, o figurino embelezava, a maquiagem brilhava, a plateia delirava. Enfim, misturavam-se as coisas belas com as belezas das coisas do amor. Lá estavam ele e ela. Encontro de segundos, paixão de uma vida inteira. Um abraço, um agradecimento, um sentimento que os mais sábios não podiam decifrar, mas os amáveis sabiam profetizar.

Por certo, ele esqueceria aquele momento efêmero, e ela, jamais. Ele tocaria a sua vida de sucesso, ela seguiria assim, colorindo o cotidiano das pessoas com a sua disponibilidade de amar. Como quem cuida de flor, ela cuidaria dele, seria a responsável por um pedaço considerável da felicidade dele. Esse seria o preço daquele amor que, tomando conta do outro, cuidava-se de si mesmo e seria a inspiração de muitas histórias e memórias de futuros amantes.

Ele, o artista. Ela, a fã. Entre os dois, uma maneira rara de amar: um amor que pode esperar... ■



# MADALENA

*Isaac Kassardjian Junior*

Não sei nem se deveria compartilhar essa história com vocês. Sim, justo eu que nunca tive vocação para falar sobre a vida de terceiros, estou prestes a compartilhar sobre a vida amorosa de duas pessoas, com a qual aprendi muito, apenas observando. E claro, essa, assim como muitas outras histórias que compartilho, tem como pano de fundo a escola. E que lugar seria mais maravilhoso para se aprender alguma coisa senão essa instituição sagrada por muitos e amaldiçoada por poucos. Ou seria o contrário? Claro, sigo com a ideia fixa de que um filme de terror aos moldes de Sexta-feira 13 seria muito bem ambientado em qualquer escola. E se você discorda disso, é porque nunca precisou ficar na escola resolvendo pendências até às dez horas da noite. Além do silêncio total que não combina com o ambiente, se você prestar bastante atenção, vai poder escutar o eco do pranto de lamento de todos que por algum motivo desistiram do ensinar ou do aprender.

Triste realidade, mas não quero falar de tristeza, de tristeza já chega saber que tantos profissionais da educação poderiam ser melhor pagos. A história que quero compartilhar com vocês é uma história de amor. Não como Romeu e Julieta e seu autor sádico que gostava de finais trágicos e sofridos. Não, essa história é dessas histórias felizes que permeiam o improvável, que justificam o injustificável e que aquecem os corações esperançosos. Como diria Paulo Freire: “É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera.” E assim temos o gancho da nossa história, já disse que nossa história é uma história feliz de amor. Mas também é uma história do verbo esperança e igualmente do verbo esperar.

Claro, você até pode ser um dos poucos sortudos que nunca viveu uma crise amorosa, que encontrou seu grande amor logo na adolescência, ali na casa ao lado, casaram e

são felizes (ou pelo menos fingem muito bem). Neste caso, não recomendo que jogue na loteria, será mero dispêndio de tempo e dinheiro. Sorte no amor e azar no jogo. Mas se você, como eu, ganha no bingo da igreja sem nem mesmo prestar atenção, se já encontrou moedinha de um real no chão e se, principalmente, sente-se azarado no amor, não tem a menor sorte com aplicativos de namoro ou sei lá o que está na moda (eu já desisti de aplicativos), bem, essa história é para você, assim como é para mim. Ou para todos que precisam de um sopro do verbo esperar. E não estou falando só de esperar no amor não. Se você precisa de “esperança”, esse texto foi feito para você! E tenha certeza, o mundo está precisando se “esperança”.

Madalena, como você já deve ter percebido ao ler o título desta crônica, não é tão somente uma linda música de Elis Regina, mas a história de amor de nossa personagem por um improvável. Madalena é inspetora de alunos. Inspetora, monitora, bedel ou sei lá como se chama pelas bandas de vocês, mas para os nossos alunos é a famosa TIA! Tia Madalena não só é a responsável pela organização da fila na merenda, mediação de conflitos, tocar a trombeta que anuncia o intervalo, controle de fluxo de trânsito nos corredores, inspetora do tempo do xixi alheio, mestre de cerimônias, psicóloga, amiga, inimiga... Além de tudo isso, ela é a responsável por abrir o portão durante a entrada. E, por favor, guarde essa última informação.

Madalena é dessas pessoas fantásticas, que entendem de tudo, proativa, mas um tanto quanto só. Seu marido, agora ex-marido, fugiu da cidade na boleia de um caminhoneiro alto, bonito e sensual. Ela entende, ela mesmo teria fugido se tivesse tido a oportunidade. Na altura do campeonato, seu casamento já não andava assim tão feliz, e embora ela fosse muito boa em dialogar com os alunos, lhe faltava motivação para conversar em casa. E que falta faz uma boa conversa, um bom diálogo, uma boa lavagem de roupa suja.



Todo mundo precisa lavar uma roupa suja, com ou sem máquina de lavar. Já seus dois filhos cresceram, partiram no mundo e, embora Madalena se sinta mãe de quatrocentos e tantos alunos, os seus filhos se lembram dela somente no Dia das Mães. Mandavam uma mensagem no celular com uma figurinha e dedicavam o resto do dia para agradecer suas esposas, mães de seus filhos ou a ver algum jogo de futebol. Afinal, esse é o ciclo natural da vida, ou não é?

Mas claro, a história de amor de Madalena não estaria completa sem um príncipe encantado, um bravo macho alfa para resgatá-la da masmorra. Não que as mulheres do século XXI precisem disso depois de todo empoderamento que elas vêm conquistando – e nós homens resistindo com unhas e dentes. Afinal, o que faremos quando restar somente abrir potes de palmito?

Mas para nossa história será preciso não um príncipe, mas um *gentleman*, um mago do sorriso e papo doce: Seu Manuel!

Seu Manuel, ao contrário de nossa colega, esse passa longe da escola. Terminou o quinto ano e mal se lembra do nome de suas professoras. Português bigodudo, dono da padaria em frente ao portão de entrada da escola onde trabalha Madalena. Manuel é desses homens das antigas, viúvo e mulherengo, usava camiseta tipo polo como se fosse uniforme de trabalho, todas iguais, mudando somente o tom de azul.

Mas como toda boa história, tem que possuir um momento de tensão... Madalena era obcecada por horários. Não tardava nem um minuto chegar na escola ou tão pouco para fechar aquele portão. Orgulho da Diretora que, como costumava dizer: forte, fraco, alegre ou triste, horário de entrada é horário de entrada. E *padapum*, fechava mais uma vez o portão. Nem um minuto de tolerância, para tristeza dos alunos que tentavam ali, com seu Manuel, comprar um docinho, bala ou chiclete para apaziguar tamanha amargura que pode vir a ser o processo do aprender.

Manuel, que a essa altura já tinha uma paixão pela Madalena e se sentia entre a cruz e a espada, ao mesmo tempo que queria vender e agradar seus jovens clientes, não queria dar a entender à sua musa inspiradora que ele era o responsável pelos atrasos dos alunos.

A essa altura, você como eu, provavelmente, deve estar responsabilizando os alunos pelo atraso, mas acredite, alheio a todo celular, filmes e jogos durante a madrugada ou a falta de pulso de alguns familiares com suas crias... sim, acredite ou não, a culpa do atraso era do Seu Manuel. Doces importados, salgadinhos de isopor com os mais diversos sabores, refrigerantes para todos os gostos e bolsos, queijadinha, cocadinha, goiabinha... Era impossível assistir às aulas sabendo que logo ali, na porta da escola, estava um verdadeiro paraíso de guloseimas. Inclusive, alguns professores justificavam a sua corpulência e eventuais atrasos na padaria do Seu Manuel. — Ah, mas antes de ser professor eu estava em forma! — dizia o professor de Educação Física.

Entre uma bala e um troco, seu Manuel olhava admirado sua deusa Madalena, vestida de avental florido, saia longa e cabelos digamos... relativamente penteados. Acho que é por isso que dizem que o amor é cego. Quando estamos amando, nosso senso de estética fica à deriva, perdido em algum lugar entre Portugal e Brasil, que nenhuma equipe de moda daria jeito. E Seu Manuel estava amando, e muito.

Já Madalena, não. Madalena estava a cada dia mais amargurada. Sentia as tristezas do mundo todo em suas costas. Como Atlas, carregava a responsabilidade de um mundo, se os pais não ensinassem aos seus filhos sobre responsabilidade com horário, ela ensinaria. *Padapum*, portão fechado.

A cada aluno atrasado comprando doce na padaria do Seu Manuel, uma raiva oculta ia crescendo no coração de Madalena. A raiva ao longo de meses e anos foi crescendo tanto que Madalena se recusava a comprar qualquer coisa



naquela padaria. Chegou a pedir aos pais para assinarem um abaixo-assinado para impedir a venda próxima ao portão da escola. Não passou de duas assinaturas, pois para a comunidade local aquela padaria estava muito bem localizada – era a única em um raio de quilômetros.

Seu Manuel seguiu sua vida, vendendo balas e pães, entre trocados e admirações. É, se Madalena soubesse das lágrimas que Seu Manuel derramava enquanto sonhava um dia em que esse amor dela por ele também despertasse, ah Madalena, o mar seria uma gota, Madalena.

Mas o dia da redenção chegaria em fim, desses dias onde o Sol se esconde lá na serra. Calma, não fiquem afoitos, sem desespero, eu conto aqui para vocês.

O portão já havia sido fechado, *padapum!* Madalena sorria internamente por saber de sua capacidade inflexível com as regras e morais estabelecidas para o bem-convívio de todos naquela escola. Isso é o fato de saber que sua Diretora não daria aos seus pitizinhos questionando a postura de todos, exceto a dela, que chegava mais tarde e saía mais cedo ao menos duas vezes por semana para tingir seus cabelos. Mas o que Madalena não sabia é que ali, do lado de fora da escola, caminhava em direção ao portão Bizet, aluna com uma deficiência na perna esquerda. Normalmente, seu pai a levava de carro, um Corcel 78 que resistia firmemente desde a Emenda Constitucional 11, mas que bateria suas botas, ou rodas, justamente no dia mais importante para aqueles alunos: Prova final! Bizet, ao encontrar o portão fechado, caiu aos prantos, um mar de lágrimas. Seu Manuel, ao presenciar aquela cena, saltou sobre o balcão, indo em direção à jovem educanda. Deixando a sua pequena padaria às moscas, juntamente com dois ou três boêmios poetas que estavam envoltos em suas ideias e nem perceberam aquela tomada de ação.

Seu Manuel, ao compreender toda situação, não tardou para tomar uma atitude:

— Madalena! Ma-ma-ma-ma-ma-ma-ma-ma-ma-madadena!  
Oh Mada! Ma-ma-ma-ma-ma-ma-ma-ma-ma-madadena!!!  
Madalena! Ma-ma-ma-ma-ma-ma-ma-ma-ma-madadena! Oh Mada!

E o portão se abre. — O que é Seu Manuel? O que é tão importante assim que...

O que toca é que Madalena sempre teve um olhar atento a essa aluna, cativada por toda garra e esforço para que, embora sua deficiência, estivesse sempre competindo de igual junto aos outros.

— Entra logo, menina! Ou vai ficar aí chorando o dia todo e perder essa prova?

A partir daquele dia, Madalena e Manuel passaram a trocar olhares, telefones, sorrisos, beijos... E dizem que também foi a partir daquele dia que Madalena compreendeu que toda regra rígida é uma regra excludente. E para a alegria de tantos alunos que acordavam uns minutinhos atrasados, Madalena passou a flexibilizar alguns minutos a mais no portão. *Padapum.* Portão fechado, não falo mais nada. Fim. Agora sou eu que estou atrasado para minha aula. ■



## NOITE DE NOVELA

*Janaina Regina Monteiro Barros*

As luzes da casa se apagaram, e o brilho suave da televisão se tornou o centro do universo naquela sala de estar. Era uma rotina sagrada: todas as noites, a família se reunia para assistir à novela “Poliana”. Havia algo de mágico naquele momento, algo que ia além do simples ato de sentar-se no sofá e assistir à novela, que tinha como abertura a música “O meu nome é Poliana”.

A música de abertura da novela preenchia o ambiente, trazendo consigo uma onda de nostalgia. Eu fechava os olhos por um breve instante, permitindo que a melodia me transportasse para épocas distantes. Era como se cada nota tivesse o poder de abrir um portal para minha infância, quando eu lia, com olhos atentos e coração aberto, as páginas do livro “Pollyanna”. Mais tarde, na adolescência, fora a vez de “Pollyanna Moça” me fazer companhia, ajudando-me a passar por várias descobertas e mudanças.

Aquela música era mais do que uma trilha sonora; era uma cápsula do tempo que guardava memórias preciosas. Lembrava-me das tardes de inverno com o livro nas mãos, que eu lia debaixo das cobertas e me perdia nas aventuras da pequena Pollyanna. Ela me ensinou sobre o jogo do contente, sobre encontrar sempre algo pelo qual ser grato, não importa quão difícil fosse a situação. Esses ensinamentos ficaram comigo, tornando-se uma filosofia de vida, um mantra de positividade que me guiou ao longo dos anos.

Pequenas e grandes conquistas foram alcançadas com a força desses pensamentos positivos. Eu sempre soube que podia alcançar o que desejasse, desde que mantivesse a mente aberta e o coração esperançoso. E agora compartilhava

essa mesma energia com minha família, enquanto nos aconchegávamos juntos para assistir à novela.

Minha mãe morava comigo nessa época e, junto comigo e meus filhos, participava desse momento incrível. O caçulinha entre nós, que na época era um bebê, quando ouvia a música, ficava hipnotizado, e a sala ficava tomada por uma magia inexplicável. A novela começava, e nós nos deixávamos envolver pelas histórias e personagens que, de certa forma, refletiam nossos próprios desafios e vitórias diárias. Poliana, com seu espírito indomável e otimismo inabalável, continuava sendo uma fonte de inspiração, não só para mim, mas para todos nós.

Era um momento simples, mas carregado de significado. Naqueles instantes, a magia da televisão, a nostalgia dos livros e a força da música se uniam para criar um ritual de união e amor familiar. E assim, noite após noite, fortalecíamos nossos laços, relembávamos a importância da positividade e revivíamos as lições preciosas que a pequena Poliana nos ensinara.

No fim das contas, não era apenas uma novela. Era um tributo ao poder das histórias e ao impacto duradouro dos pensamentos positivos em nossas vidas. E eu sabia que, assim como Poliana, nós também podíamos transformar nossas vidas, vivendo e sonhando um dia de cada vez. ■



# NAQUELA MESA

*Jaqueline Vieira da Silva Boaretto*

Cortar o cordão umbilical não é um ato físico. Há cordões que não se rompem e outros que se modelam ao longo de uma vida de convívio. Sentar-se à mesa para o jantar era um momento único no dia. O almoço às vezes acontecia com todas nós sentadas no chão da sala ou no sofá, e a mãe com a cuscuzeira com feijão cozido fresquinho e farinha de mandioca. Ela modelava os bolinhos à mão, o famoso capitão, e entregava para cada uma, nem precisava de prato. Conversávamos e dávamos muita risada. Noutras vezes, era arroz e feijão, com salada de cenoura ralada com limão e açúcar, que todas nós amávamos e para completar carne cozida. Também conversávamos sobre a escola, os amigos e sobre mastigar com a boca fechada, sem bater o talher no prato. Já o jantar era sempre na mesa. Com toalha forrada, pratos e garfos. Só nos sentávamos quando o pai já se sentara, nada de brincadeira na hora da comida! Falávamos pouco, ouvidos e olhos muito atentos. De vez em quando, uma irmã olhava para a outra e ficava vesga. Pronto! Era uma vontade de rir que vinha lá de dentro e que não dava para segurar! Começava o balançar de corpos, cabeças baixas, segurando o riso. Depois explodia a gargalhada e, por vezes, saíamos da mesa engasgadas de tanto rir e a mãe acudindo. Ninguém olhava para o pai nessas horas porque se os olhares se encontrassem era choro na certa. O olhar do pai falava demais, gritava pedindo que parássemos com as brincadeiras fora de hora. Ele mesmo pouco falava, a exaustão não deixava. Trabalhar seis dias por semana era cansativo demais... era boca demais e salário de menos. Mãe era coração e fazia de tudo para nos acompanhar em nossas aventuras pueris.

Com o ingresso paulatino na escola de todas nós, os almoços passaram a acontecer fragmentados. Na maioria das vezes não era possível reunir todas. Era no jantar que nos víamos e contávamos as novidades. O pai sempre escutava muito, observava muito. A cozinha tinha mudado,

a mesa era maior. A mãe e o pai tinham cadeiras cativas agora! Ninguém podia se sentar no lugar deles. Sai daí, é o lugar do pai! Mas eles nunca tinham determinado aquilo. Acho que as leis e códigos foram se criando pelo hábito. Já não tínhamos ataques de riso, mas ríamos muito em nossos jantares. Até o pai começou a contar os casos do trabalho! Passamos também a conversar a respeito de leituras e livros e foi ali que percebi o quanto ele gostava de ler no pouco tempo que tinha. Pai era razão!

Mais cadeiras foram agregadas àquela mesa com o passar do tempo, eram amigas, amigos e por fim namorados. Os lugares cativos do pai e da mãe ao seu lado se mantiveram. Os jantares não aconteciam com todos durante a semana, afinal trabalhávamos e estudávamos em horários diversos. Eram os fins de semana que passaram a agitar nossas juventudes e naquela mesa o pai sentava sempre e nos dizia como viver melhor, contava histórias que hoje na memória eu guardo e sei de cor.

Vieram os casamentos e netos que o pai e a mãe tanto amavam. Os jantares viraram almoços de domingo e naquela mesa o pai juntava a gente e contava contente, depois de aposentado, o que fez de manhã. E nos seus olhos era tanto brilho que cada um de nós que o enxergava como muralha ficou seu fã. Ele ansiava pelos encontros... já nos esperava no portão... Era também muito sincero e perguntava no final da tarde quando lhe daríamos a segunda alegria indo embora. Ele era assim.

Eu não sabia que seria em outra mesa que eu e minha irmã faríamos a última refeição e nos despediríamos dele. E hoje, toda vez que nos reunimos em torno daquela mesa, e pelo cordão umbilical que se formou, sabemos que “tá faltando ele. E a saudade dele tá doendo em mim, tá doendo em nós!” ■



# GENI E O ZEPELIM

*Jean Richard Maciel da Costa*

A Geni não morreu  
ela permaneceu  
ainda apedrejada  
ainda cuspidá  
ainda maldita

O Zepelim não voltou.  
O povo? O povo continuou.

A Geni não fugiu  
muito menos sumiu  
tá no meio da multidão  
tá no meio da devassidão  
tá no meio da escuridão

O Zepelim foi embora.  
O povo? O povo a traiu.

A Geni não se acovardou  
nem de longe implorou  
para ser bem quista  
pra ser bem dita  
para ser sujeita

O Zepelim já partiu.  
O povo? O povo ainda a explora.

A Geni na vida continuou  
mesmo caminho rumou  
ainda proscrita  
ainda cuspidá  
ainda maldita ■



# O MAR É O TREVO

*Jéssica Alves da Silva*

O trevo é um cruzamento, o mar também. Ele não quebra na praia; mas, quando amanhece, é bonito. Esse cruzamento fazia parte do trajeto de muitos trabalhadores que viviam em um vilarejo chamado Pedreira, justamente por estar localizado próximo a uma. Não é um arraiá, mas poderia ser.

Geomar era um dos trabalhadores que viviam da pedra: era motorista de caminhão nessa pedreira. Não era Pedro, não vivia da pesca. Vinha do sertão da Paraíba em busca de uma vida melhor. Conheceu Delzeni, que vinha do sul da Bahia e se casaram.

Ela tinha apenas 18 anos quando nasceu Joab, agora com quatro anos, e Jéssica, de apenas um. Delzeni não era Rosinha; mas, assim como ela, era umas das mocinhas mais bonitinhas e mais bem feitas do arraiá-pedreira ou pedreira-arraiá.

Geomar não saía de barco às seis horas da tarde, era de moto e de manhã. Sempre saía sozinho, mas nesse dia saiu apressado, estava atrasado e não estava só: um de seus irmãos, Muti, pilotava a moto. Ele tinha chegado de São Paulo um dia antes do previsto.

O caminhão não viu os dois, bateu na moto de Geomar e os abandonou. Muti gritou por socorro, deixado na guia para encontrar o mesmo destino que o irmão, que caiu morto no chão após o impacto da batida. E agonizou no passeio náufrago.

Não deram com o corpo deles jogado na praia, foi na guia. Morreu na contramão atrapalhando o tráfego. Os moradores do vilarejo, com o barulho da batida,

aglomeraram-se para descobrir a origem do burburinho, Delzeni foi junto. Qual não foi a surpresa ao ver o marido e o cunhado abandonados à própria morte.

Pobre Delzeni de Raimundo, não de Chica – Raimundo não era aquele baiano que morreu um mês antes no Domingo no parque, de Gilberto Gil? Mas essa é outra canção – agora parece que esmoreceu. Vive nos cantos da casa, andando, chorando, dizendo baixinho, morreu, morreu.

Esmoreceu, mas não deixou de lutar. Comprou um terreno em um bairro da cidade de Suzano, construiu uma casa e outra vida. Casou-se e teve mais um filho. Sempre que passava pelo trevo, pensava “morreu, morreu” e mostrava “ali, oh...”.

Dorival cantou a minha história, e o mar agora é o trevo. Dedico este texto à memória do meu pai, Geomar Alves da Silva, e do meu tio, Gildenor Alves da Silva. ■



# TODAS NUMA

*João Rosalvo da Silva Junior*

Caminhava num jardim de Acácias, sob a bruma da noite, enquanto Bruna passeava pelos pelos da minha cabeça, me enrolando os pensamentos. Era Clara a manhã em que a encontrei e agora só Dolores que me cai no peito, feito o peso das estrelas de nêutrons, que nem Estela foi capaz de acalmar.

Lágrimas nos olhos.

Nem brilho, nem a Flor dos lábios de Florinda foram capazes de acalmar.

Não fui à Glória nem ao inferno. Meu cérebro Hortência caleidoscópica girava e girava exalando cores mil enquanto Ingrid me protegia de todo mal. Clamei a Janaína a beira do rio, que Livia alí me fez repousar.

Pleno daquela luz límpida foi quem Luiza me fez despertar, já sem o peso do corpo e da alma. Sorri amarelo com a Margarida em seu cabelo e ela sorria Nívea.

Odara!

Bela e Plácida.

Perfumada qual a Quezia fumaça que cobria o jardim era agora a Regina dos meus dias. Sem joias era Safira. Sem vinho me servia Tulipas. Uma entre mil. Vitória do Brasil. Receptiva Xênia do meu coração estrangeiro, eu a encontrei só.

Zoé, assim, como a vida quer. ■



# CACOS DE SAUDADE

Joyce de Morais Santana - pseudônimo: Joy Santana

No rádio tocava uma música que ela não sabia distinguir se era alegre ou triste, no fundo sabia que não podia parar de ouvi-la.

Fechou os olhos e, pela primeira vez, pôde ver a imagem dos seus transpondo os versos da canção

*Minha jangada vai sair pro mar  
Vou trabalhar, meu bem querer  
Se Deus quiser quando eu voltar do mar  
Um peixe bom eu vou trazer*

O vento soprou na janela balançando os quadros de fotografias pendurados na parede.

Sua mão não pôde evitar tocá-los, eram todos eles ali, na foto, pendurados a uma lembrança não tão distante...

*Meus companheiros também vão voltar  
E a Deus do céu vamos agradecer*

O corpo velho e cansado de vó Cinira atravessou a sala, suas mãos marcadas pelo tempo trouxeram a sensação de que nela havia mais do que rugas rasgadas na pele, de que suas memórias valessem mais que ouro em sua pele dourada, ela olhando pela janela baixinho como quem cantava para si mesma, entoou os versos da canção

*Adeus, adeus  
Pescador não esqueça de mim  
Vou rezar pra ter bom tempo, meu nêgo  
Pra não ter tempo ruim  
Vou fazer sua caminha macia  
Perfumada de alecrim*

Ao dizer a última palavra, o vento soprou mais forte derrubando o quadro da janela.

Junto aos cacos de vidro no chão estavam as memórias do quadro, estampando os pedaços de retalho que alinhavam as linhas de vó Cinira.

Com movimentos lentos e o cuidado calmo de quem conhece a vida, ela caminhou até os cacos, juntou-os com uma vassoura e ficou observando aquela imagem, de Antônio no chão.

Seus olhos vívidos encheram de água e choveram como a tempestade de fora da janela, eram águas de saudade que embalavam Cinira, foram águas de saudade em que navegava Antônio.

Ultrapassaram ondas de inverno e verão junto a seus três rebentos.

O mar sempre foi coragem e medo, alimento e fome, vida e morte.

Na foto, Antônio e os seus atravessavam mar aberto jogando suas redes para o sustento de um povo inteiro.

*Meus companheiros também vão voltar  
E a Deus do céu vamos agradecer*

Observando o catar dos cacos estavam os três, que logo a envolveram num abraço apertado, pela janela o vento uivava, a chuva molhava os vidros, as lágrimas as temporadas.

Na cozinha as botas molhadas e o calor do momento, Antônio colocava os peixes sobre a mesa. ■



# É PRECISO SABER VIVER...

Juceli de Oliveira Carvalho

*Toda pedra no nosso caminho é para nos ensinar...*

Há quem pense que a vida é feita apenas de sonhos, coisas boas, de estradas lisas e céus sempre azuis. Ilusão, totalmente utopia. Como dizia Drummond, “Nunca me esquecerei que no meio do caminho tinha uma pedra”, enfim, a vida é tecida com fios de realidade, com pedras no caminho que insistem em nos desafiar a cada passo dado e a cada turbilhão que enfrentamos sem esperar.

De tempo em tempo, encontramos pedras tão grandes em nossas vidas que parecem impossíveis de serem removidas ou de nos desviar delas, mas quem disse que não podemos tentar? Quem disse que não podemos quebrá-las em pedacinhos e recomeçar a nossa construção? Cada pedra, por mais sólida que seja, guarda em si a possibilidade de ser removida do nosso caminho. Basta termos coragem, ânimo, objetivo, determinação e um pouco de paciência.

E não se engane que o percurso será fácil ou que estará livre de espinhos, pois até mesmo as belas flores carregam seus espinhos, para nos lembrar que a beleza muitas vezes vem acompanhada de obstáculos, angústias, fragilidades e dor. Os espinhos e as pedras que encontramos em nossa jornada dá-nos a chance de amadurecer, de aprender, de

crescer e de recomeçar.

Enfim, sobretudo, é preciso saber viver. Saber aceitar as pedras no caminho, os espinhos nas flores, as montanhas russas que formam a nossa vivência. É preciso ter cuidado, sim, para não sofrer mais tarde por uma falta de paciência e de reflexão, mas também é preciso ter determinação para encarar os desafios que a vida nos apresenta.

Não se trata apenas de sobreviver, mas de viver com intensidade, com dignidade, mesmo diante das tribulações. É preciso saber viver, saber encontrar formosura e gratidão nas pequenas coisas, ter força para matar um leão a cada dia.

Então, que possamos caminhar com sabedoria, removendo as pedras que nos impedem de avançar, aceitando os espinhos que nos fazem crescer, e priorizando sempre o caminho que nos leva mais perto da felicidade. Porque, afinal, é preciso saber viver nessa nossa jornada chamada vida. ■



Sabe o que move o mundo? Não são as respostas, mas as perguntas. Ah! Essa curiosidade que nos move, que nos faz pensar em sermos passarinhos desesperados num voo frenético nessa metrópole que nos consome, mas que, ao mesmo tempo, nos impulsiona a sermos o que quisermos ser.

Mesmo com dias cansativos, complicados e pensativos, seguimos nosso sonho, seja qual for, mas seguimos. E nessa busca incansável nos deparamos com problemas, doenças, necessidades diversas e pensamos: Será que o Sol nasce para todos? Ou preciso esperar o momento certo para alçar voo? E se o momento certo não for agora ou depois? Como saber? São tantas as perguntas que nossa mente entra em colapso e é preciso de um antidepressivo para continuar seguindo.

Ah! Passarinho se você soubesse o quanto nos inspira com esse seu voo frenético e desenfreado disposto a achar um ninho, faria desse voo morada para nossos medos e angústias.

Temos consciência que o mundo está em colapso e gira em torno de tanta mentira que nem precisamos dizer que o fim está por vir e o que fazer? Tentar voar o mais alto que pudermos. E, quando digo voar, podemos apenas nos deitar, abrir um livro e voar na nossa imaginação, visitar lugares nunca sonhados e acreditar que o mundo pode ser melhor.

Ah! Passarinho, se você soubesse o quanto nos inspira com esse seu voo frenético e desenfreado, disposto a achar um ninho, faria desse voo morada para nossos sonhos.

Sonhos? São as respostas das nossas perguntas? Podem ser, mas estamos tipo você, passarinho, que está disposto a achar um ninho nem que seja no peito do outro, pois se o mundo girar em ira, o planeta colapsar em mentira e a humanidade esquecer que sempre há o outro nem a inspiração do seu voo irá passar sem desalinho. E o que restará são as perguntas sem respostas, a curiosidade silenciada e o voo tão desejado não terão impulso.

Ah! Passarinho se você soubesse o quanto nos inspira com esse seu voo frenético e desenfreado disposto a achar um ninho, faria desse voo curativo para nossos corações partidos. ■



# VAM BORA, VAM BORA, OLHA A HORA, VAM BORA, VAM BORA

*Juliana Cavalcanti Candelária*

*Vam bora, vam bora*

*Olha a hora*

*Vam bora, vam bora*

Começou um novo dia e lá ia eu com meu pai a caminho da escola.

De segunda a sexta, pontualmente às 7h, ele me levava para o curso de Magistério e depois ia trabalhar. Conversávamos durante todo o trajeto sobre as coisas mais banais e sobre as coisas da vida. Quando chegava na porta da escola, me despedia com um beijo e ele me desejava um bom dia.

E lá ia eu, de uniforme, plena, cheia de sonhos. Apesar da pouca idade, sempre sabia o que queria (ou achava que sabia).

E foram esses momentos de muita sinestesia, de escuta atenta que encaminharam a futura professora para o Curso de Direito.

— Você gosta de ler. Tem bom repertório e excelente oratória. — dizia meu pai. — É naturalmente altiva. Pode ser juíza ou delegada de polícia, com certeza. — e ele, ao imaginar a cena, inflamava como um balão de gás hélio que alcança o céu.

Eu, que acreditava (e acredito) no meu pai com uma fé inabalável, “comprei” a ideia e, antes de terminar o curso, me inscrevi em um cursinho preparatório para vestibular,

conciliando com o magistério. Dediquei-me muito, sacrificando a insensatez permitida na adolescência e consegui ser aprovada no curso de Direito.

Eu, a menina-moça, mulher, ex-futura professora, tornei-me advogada. Passei no exame da Ordem dos Advogados do Brasil, advoguei em parceria com colegas de profissão e depois montei meu próprio escritório. Continuei lendo e estudando. Pós-graduei-me na Escola Paulista da Magistratura em Direito Público; minha carreira estava em ascensão, mas eu não. Apesar de ter me tornado uma doutora bem-sucedida, não encontrava felicidade no meu fazer, na minha rotina.

E um belo dia resolvi mudar e fazer tudo que queria fazer... fechei as portas do meu escritório e voltei a estudar. Fui cursar Pedagogia. Consegui uma oportunidade para lecionar na Educação Infantil em um colégio privado. Troquei meu par de saltos por um par de tênis, a roupa social por um uniforme e avental. Renunciei um alto salário em troca de abraços e beijos na hora da entrada e saída. Deixei para trás os processos encadernados para fazer parte do processo de ensino e aprendizagem e descobri que se eu quisesse fazer a diferença, durante minha passagem por este mundo, não adiantaria lutar para melhorar a justiça, mas deveria contribuir para formar pessoas melhores que soubessem agir com justiça.



Ser professora: era isso que queria. Queria compartilhar vivências e aprendizados, ser companhia nas descobertas de crianças, jovens e adultos e tornar esse processo mais prazeroso e incrivelmente especial.

Não parei de estudar. Depois da Pedagogia, cursei Letras e Artes. Pós-graduei-me em Alfabetização e Letramento, Deficiência Intelectual, Psicopedagogia, Gestão Escolar e Avaliação em Sistemas Educacionais.

E já mulher, professora, fui aprovada no concurso da Prefeitura de São Paulo, como Professora da Educação Infantil e Ensino Fundamental I. Continuo lecionando no mesmo colégio há 12 anos, mas agora no Ensino Fundamental II e Médio, em Língua Portuguesa. Reencontro os estudantes que foram meus pequenos; muitos que ensinei a ler e escrever agora são meus de novo, mas adolescentes nas mesmas salas de aula. Que privilégio ter alcançado o que desejei: vivenciar junto com eles o processo de aprendizagem e fazer parte das suas histórias de vida. Atualmente sou Formadora de professores do Ciclo Interdisciplinar, Projeto de Apoio Pedagógico – PAP e Arte.

A vida profissional segue e agora sou mestranda em Educação. Agradeço por tudo que Deus me deu. Agora eu sei exatamente o que fazer. Para a vida pessoal, os sonhos mais lindos, sonhei... me casei e me tornei mãe de duas

meninas. Hoje adolescentes. Tenho a honra e o orgulho de levá-las para a escola, como meu pai fazia comigo.

E, como ainda somos os mesmos e vivemos como nossos pais, sou eu quem fala pra elas:

*Vam bora, vam bora*

*Olha a hora*

*Vam bora, vam bora* ■



# SÁ MARINA

*Juliana Pio*

Com os braços alvos debruçados sobre a janela, Sá Marina flutuava absorta em seus pensamentos, submetidos à gratidão de ter encontrado Zé Bento: homem negro, forte, valente, vindo das bandas do Norte, arquétipo masculino que inspirava segurança. Alguém ideal para entregar o coração enamorado.

Sá Marina tornou-se euforia ao observar, ao longe, a silhueta de Zé Bento traçada no horizonte. O rosto do homem estava iluminado com o sorriso do encontro. Sá Marina era a graça concedida! Uma joia fina! Figura rara, bonita, prendada em muitos afazeres, moça de família, cujo pai, fazendeiro de posses, lhe garantiria um destino promissor.

O encontro tornou-se um hábito. com o passar do tempo, Sá Marina, a meiga flor com perfume de inocência, entregou-se sem reservas a Zé Bento. A certeza do amor sobrepôs-se a tudo! Para a jovem moça não havia dúvidas: vivências diferentes, origens díspares e destinos divergentes não impediriam a convergência dos corações apaixonados.

Porém, tamanha surpresa acometeu a moça quando, repentinamente, Zé Bento, a quem entregou-lhe o amor, foi-se embora sem lhe avisar. Percebeu que havia entregado a sua pureza a quem desconhecia o que é amar.

Com o peito rasgado ao meio, Sá Marina partiu. Mudou-se para as bandas do Arraial. Por um tempo, chorou o seu sofrer. Apanhou sem merecer, mas aprendeu a dura lição que a vida lhe deu: entregar-se demais pode fazer o coração padecer.

E assim, em tristeza descomedida, Sá Marina refugiou-se no seio da família. Precisava refazer-se. E qual flor, murcha e carente de seiva, recorreu às raízes que sempre lhe mantiveram forte para se recompor. Foi acalentada pelo afável colo de sua mãe e pelos braços protetores de seu pai. ■



O Sol se despedia no horizonte, derramando toda a sua imponência sobre as ruas da cidade. Eu dirigia meu carro, sentindo o calor do sol aquecendo minha pele enquanto ouvia a melodia de “O anjo mais velho”, do Teatro Mágico. Cada palavra da canção parecia desenhar memórias e entimentos em meu coração, que com muita saudade me fizeram recordar de tempo que já não voltam.

Lembro-me do primeiro dia em que ouvi essa música. Era uma noite especial, estava acompanhado de uma pessoa incrível, cantávamos embalados pela energia da multidão e pelo encanto das letras poéticas que falam amor, resistência, saudade e reencontros. Havia uma pureza e uma simplicidade naquele momento, uma certeza de que a felicidade podia ser encontrada nas pequenas coisas, nos gestos sutis, nos olhares trocados sem palavras.

Enquanto a música fluía, viajei pelas memórias de tempos passados, revivendo momentos preciosos e aprendizados que moldaram quem eu me tornei. Lembrei-me dos anjos mais velhos que cruzaram meu caminho, aqueles cujas palavras sábias e gestos gentis deixaram marcas em

minha alma. Eles eram como guardiões invisíveis, orientando-me com sua sabedoria adquirida ao longo dos anos.

Conforme os anos passaram, minha vida tomou rumos inesperados. Houve conquistas e derrotas, e em meio a tudo isso, a música se tornou um refúgio, uma âncora em meio às tempestades, e me faz recordar que, mesmo nas horas mais sombrias, há sempre um anjo mais velho, uma esperança escondida nas dobras do cotidiano.

Quando apanho meu violão e começo a tocar a melodia dessa canção, sinto-me conectado a algo maior. Há uma continuidade, uma linha invisível, que une meu passado, presente e futuro. A canção “O anjo mais velho” não é apenas uma música, é um lembrete de que independentemente do que aconteça, eu sempre encontrarei beleza e significado nas coisas simples.



# CANÇÃO DA PRIMAVERA

*Júlio Henrique Fim*

Aquele parecia ser mais um dia comum como outro qualquer, o relógio despertador marcava seis horas da manhã, hora de despertar, hora de trabalhar

*Pipipi... pipipi...pipipi...*

Soava quem todos os dias tinha por responsabilidade indicar o início dos afazeres para aquele que horizontalmente virava-se para cumprimentá-lo ou silenciá-lo.

A mão pesada de Noah levantava e, de súbito, calava seu amigo, desejando curtir um tempo maior o calor que o abraçava. Alguns segundos se passaram por aquele estridente silêncio, até que...

Bem-te-vi... bem-te-vi... bem-te-vi...

A ave de dorso pardo, canto acolhedor e barriga amarela anunciava que definitivamente era o momento de se levantar. Descobriu-se da coberta, calçou os chinelos, esticou seus braços em direção às alturas, a água fria despertou seu rosto e o fez lembrar “Preciso encarar a vida, seguir, caminhar”. Despiu-se das roupas de dormir, apropriou-se das vestes do novo dia, perfumou-se com os aromas da manhã, do pão que discretamente *tsiiiiiiiiiiii* estalava na chapa e do café quentinho que passava pelo coador e em sua xícara gotejava.

Quando já quase pronto para respirar o ar rotineiro e encarar o que lhe esperava ao descer as escadas, algo novo, incandescente, resplandece pela janela, os raios solares intensificam pelas frestas, um coro orquestral de pássaros ecoa um novo cântico, ressonante, convidativo, até que as mãos, aquelas mãos que pesadamente queriam retardar o despertar, agora, com a ânsia da pressa despertavam seu olhar, o coração acelerado o impulsiona a descortinar e, então, apreciar o inigualável espetáculo que a natureza o presenteia, a vida em movimento, se renovando, bailando, acendendo, as paineiras florindo, anunciando que ela chegou!

“Seja bem-vinda Primavera”, pensa Noah, “toca a canção do bem-viver, a canção do meu amor, cruza os rios do amanhecer, floresce os muros dos corações endurecidos fazendo a vida acontecer, anunciando que um novo tempo começou!”

E, como sonhando, com os pulmões cheios, o seu respirar, a gratidão eternizou. ■



# FRUTOS DA TERRA

Jussara Maria Santos

“Quero voltar”  
 “Mais menina o que tu vai fazer lá?”  
 Eu vou plantar, viver do que a terra dá  
 Acordar e escutar o som do meu coração  
 Que bate feito zabumba cheio de emoção  
 Que às vezes pula do peito só de pensar  
 No gostinho da pamonha e do suco de cajá.  
 “ — homi vamo simbora”  
 “ — Mais menina eu não sei viver em outro lugar”  
 Não sei viver sem esse caos  
 Pra todo lado que vou tem cenário cultural  
 Tem um grupo num boteco  
 Dividindo as angústias de um dia fatal

Pois me parece ilusão tudo aquilo que eu vejo  
 Tem tanta opção que não cabe nenhum desejo  
 É tanto corre corre pra abraçar o mundo  
 E quando se chega em casa o abraço já tá mudo  
 Se calou já faz um tempo e o que fica é o sentimento  
 De coração dividido  
 Pedacinhos dentro do peito

Naquele dia eu sonhei, a lua tava bonita,  
 Um sorriso eu vi de longe escutando um forrozin  
 Dancei um cadin  
 Corpos que balançavam pisando no miudin  
 Depois daquele dia eu vivo meio confusa  
 A poesia daquele olhar me fez querer ficar  
 Café com canela, gosto de rapadura  
 Mas de fato quando eu lia toda a situação  
 Como pode ser assim a gente se sentir  
 como se caísse sempre em contradição.  
 Memórias tão parecidas em vidas tão diferentes  
 Só a gente sabe o que sente  
 Daquilo que nos marcou tão profundamente

Somos sementes se plantando por onde a gente pisa  
 Sementes de tudo que é jeito, dando tudo que precisa  
 Somos frutos da terra, nascidos em muitos lugares  
 Não importa de onde vens, tens sempre muitos pilares  
 Quem aqui estava, quem aqui chegou  
 É preciso saber cuidar do terreno que arou

Tem que ter sabedoria para viver essa vida  
 Não se esqueça os ensinamentos diante das feridas  
 Há o tempo de cada coisa, há tudo determinado  
 Quem colhe fora do tempo não sabe o que o tempo pode dar  
 Seja sábio e escute seu coração  
 Ele bate mostrando a direção  
 Que teu corpo na terra deveria se guiar  
 Acontece que a sociedade é quem dita nosso viver  
 Então eu lhe digo  
 É preciso ter consciência pra não se deixar morrer  
 Cotidianamente nessa máquina de moer

Eu sou do povo da terra  
 Da terra que deu e dá  
 Os saberes ancestrais não morrerão jamais se a gente se  
 alembra  
 De quem plantou a semente há muito sem pestanejar  
 Lutou e carregou a gota contida  
 Que por muito reprimida se pôs a sacolejar  
 Hoje escorre fluída ainda com muita ferida, mas não se  
 deixa enganar  
 Mamãe me acompanha com toda a sua façanha  
 Oxum com seu doce aguar  
 Nas mãos calejadas pelo uso da enxada  
 Eu também carrego a espada do meu protetor  
 Ogum abre os caminhos liberta o peso da dor  
 Sou uma mas não sou só  
 Caminho de peito aberto  
 No meu sorriso exalo amor ■



## COMO NOSSOS PAIS

*Kátia Biroli*

Eu queria te falar de coisas bonitas, José. Dos meus dias, da minha vida e tudo que tem acontecido comigo. Alguns eventos, lá da escola, sei que te fariam rir e lembrar seus dias dentro daqueles mesmos muros.

Mas hoje não posso mais.

Às vezes, ao te observar, me pergunto se viver é mesmo melhor que sonhar. Porque você lutou tanto e sonhou na mesma medida. Qual dos dois foi melhor, o sonho não realizado ou a vida realmente vivida?

Só que hoje não posso mais te questionar.

Qualquer coisa que eu cantarole nesse lugar, ao pé do seu ouvido, sei que seria menor que a sua batalha. Sua fragilidade inspira tantos cuidados. Cuidado, meu pai.

Há perigos invisíveis, por aqui, para nós que estamos apenas parados aguardando o sinal para sairmos e retornarmos às nossas vidas. Entre seringas, jalecos e carrinhos de refeições pelos corredores, a esperança parece minguar, o peito apertar e o choro comprimir. Para abraçar seu neto travesso é que se fez seu braço, seu melhor abraço e a sua voz.

Só que hoje não há possibilidade de você falar.

Vigiando seu sono, imagino você me perguntando sobre as minhas paixões. Eu vou ficar nesse hospital, não vou voltar agora não, pois vejo vir vindo você, numa nova condição. Eu sinto todas as dificuldades de sua locomoção, alimentação e rememoração, na ferida viva do meu coração.

Há algum tempo eu te via na rua, caminhando até a feira, apostando na lotérica e conversando, lembrando e vivendo.

Na parede da minha memória essa lembrança é o quadro que dói mais.

Só que hoje eu estou aqui para te aliviar, dar a sua fruta, escovar seus dentes, te acalmar, transmitindo a (in)certeza de que tudo há de se ajeitar.

Minha dor é perceber que apesar de ter feito tudo para me afastar, você ainda é parte de muito de quem eu sou. Você poderia até dizer que tudo bem, mas hoje não pode mais. ■



— Bom dia!

Essa foi a última expressão que eu ouvi dele, ao sair do Fórum, depois de assinar o divórcio.

Foi nisso que o nosso amor se transformou.

Não sou inexperiente em términos de relacionamento. E minha maneira de dar a volta por cima está bem longe de ser saudável: vá para a balada, beba até cair, esqueça tudo e recomece!

Essa maneira nunca foi eficiente, porque, de fato, você nunca consegue realmente esquecer.

Não verdadeiramente.

Então, no ano passado, após o divórcio, decidi fazer algo novo. Aos 32 anos, saí de São Paulo – onde vivi por 27 anos – e me mudei para o interior.

Assim, não cruzaria com ele nunca mais...

O medo constante de encontrá-lo – na rua, no ônibus, em qualquer esquina – era insuportável. Não queria mais viver no estado de ter que “dar a volta por cima”.

A vida em São Paulo é ágil. Tudo é ligeiro.

E se a gente não tivesse feito tanta coisa? Dito tanta coisa? Inventado tanto?

E se não fizesse tudo tão depressa? Dissesse tudo tão depressa?

Será que a Cidade contribuiu para o fim?

De qualquer forma, não restavam muitas opções para mim. Eu tinha que recomeçar. E recomeçar a vida em um lugar completamente diferente me ajudaria a superar.

Eu tinha um projeto, pouco dinheiro e habilidade em administrar o meu orçamento. Estava determinada a fazê-lo render o máximo possível.

Nos sete meses seguintes, vivi uma gangorra emocional. Ora imaginava o amor que podíamos ter vivido: a história de amor perfeita, luxuosa e plena... Ora dizia: superei. A vida precisa continuar.

Caminhava por quilômetros, nadava, chorava...

E trabalhava. Trabalhava mais do que nunca. Mas a devastadora tristeza insistia em fazer morada dentro de mim.

E exagerava a dose. Saía, dançava, bebia e voltava a

me refazer.

A vida no campo, para uma moradora de longa data da cidade grande como eu, era completamente solitária.

Depois de um tempo, o telefone não chamava mais; as visitas das amigas nunca aconteciam e a vida precisava continuar.

Isso me fez questionar: será preciso ficar só pra se viver?

Atropelada por um caminhão – era assim que eu me sentia – recomeçava todas as manhãs, tirando forças não sei de onde. Recordando nossa primeira vez, eu aos 24, ele aos 29. Havia acabado um relacionamento há pouco.

Nos vimos pela primeira vez em um show. Ele tocava na banda. Uma amiga me convidou para ir.

Durante a apresentação, trocamos olhares. Ele no palco. Eu na plateia. Começamos a namorar neste dia. E hoje estou aqui, sem seus carinhos e sua atenção.

Meu Deus! Qual é o sentido da realidade?

A realidade não tem sentido... É dura...

Trabalhava. Trabalhava mais do que nunca.

A empresa era bem menor do que a que eu antes trabalhava em São Paulo. Todo mundo se sentava juntinho e o clima sempre foi de uma família. Com o tempo aprendi que novos vínculos poderiam ser criados. Aos poucos, a equipe foi crescendo e, em agosto, entraram pessoas novas.

Meu foco estava em produzir e por mais que o clima fosse propício, ainda não conseguia me desvincular da solidão. De estar só. Só, pra se viver.

No final do ano, uma festa de confraternização foi organizada na empresa. Nada grande, no parque da cidade, pela manhã. Eu não queria ir. Uma amiga insistiu. Quando chegamos, havia pessoas sentadas no gramado, embaixo de árvores, e desfrutando de um delicioso café da manhã num piquenique. O sol brilhava e deixava tudo muito mais agradável e bonito. No coreto, um karaokê bem animado. Fomos até lá. Ele no palco improvisado. Eu na plateia. Trocamos olhares, ele finalizava algo do Kid Abelha. Quando terminou de cantar, veio em minha direção. Pegou na minha mão, beijou-a e disse:

— Bom dia! ■



# DANÚBIO AZUL

*Kelly Cristiane dos Santos*

Como o corpo humano é incrível, principalmente nosso cérebro, que traz lembranças adormecidas de muito muito tempo que achava nem ter vivido.

As lembranças vieram, num desses passeios culturais que eu e minha amiga fizemos - assistimos ao espetáculo “Azul” - da Artesanal Cia de Teatro, no Sesc Belenzinho, SP.

A peça prende muita atenção, por ser um espetáculo infantil com um tema atual, o autismo, tendo bonecos como personagens, cenário bastante contemporâneo, abordagem bastante suave e envolvente, em uma das cenas toca a música, onde a mãe e o Azul começam a bailar como se estivessem nas nuvens. Ao ouvir a música Danúbio Azul, despertou em mim uma memória adormecida, me senti dançando, igual no evento da escola, em que participava, quando estava no 3º ano do fundamental; toda vez que ouço essa música vem essa rica lembrança daquele momento muito particular, tão significativo para mim.

Reconheço que a Escola e o Professor tiveram um papel importantíssimo na minha vida, oportunizando o contato

com música clássica, com dança, teatro, livros, etc.; a partir de então, abriu-se uma janela de oportunidade em conhecer o novo mundo e pensar a importância dessa descoberta, que carreguei para minha formação acadêmica, pois, embalada pelas ondas do Danúbio Azul, professora me formei e, também, oportunistei aos meus alunos conhecerem o mundo das Artes, suscitado em mim, através dessa música que transformou a minha maneira de ser e pensar – sonhar é possível ! Ir às nuvens, embalada pela canção, é possível! Tudo nos é possível!

Hoje me encontro integrante do Projeto AEL KEKA REIS e nele procuro fazer com que nossos acadêmicos tenham esse provocar do bailar, do sonhar, despertado em mim, pela música Danúbio Azul, resgatando o direito de sonhar, com seus movimentos de mudanças, convidando a viajar na leitura e na arte, sendo quem quiser ser, planejando uma sementinha transformadora que desabrocha. ■



# PROMESSAS DA ANUNCIAÇÃO

*Leon Cordeiro*

O horizonte vazio, procuro teu olhar,  
Mas só encontro sombras, escuridão a pairar,  
Nas asas do vento, ouço o eco do meu pranto,  
Meu coração cansado, eterno desencanto.

Será que tu vens ou é só ilusão?  
Um sonho distante, perdido na imensidão,  
Na melodia do tempo, só há silêncio e dor,  
No compasso do universo, desvanecendo o amor.

Teus olhos, ausentes, na vastidão,  
Guiam-me ao abismo, à profunda solidão,  
Tua voz, murmúrio esquecido no ar,  
Promessas desfeitas, impossíveis de alcançar.

No jardim da vida, murcham emoções,  
Cada passo teu ecoa desilusões,  
O destino a desenhar um caminho sem fim,  
Entrelaçados na tristeza, é assim.

Se tu não vens, tudo ao redor perde cor,  
A ausência da tua presença apaga o ardor,  
Na anunciação do vazio, a esperança se desfaz,  
E cada dia sem ti é um tormento que jaz.

Nos mistérios da noite, nos clarões do dia,  
És estrela apagada, minha sombria agonia,  
No horizonte distante, teu não chegar,  
E na anunciação, só resta chorar.

Mas se na curva do horizonte vejo o teu sorriso,  
Como um raio de sol, um prenúncio preciso,  
Nas asas do vento, teu nome a cantar,  
Meu coração ansioso, pronto para te encontrar.

Tu vens, num rastro de estrelas a brilhar,  
Despertas sonhos que nunca deixei de sonhar,  
Na melodia do tempo, o amor a anunciar,  
No compasso do universo, teu rosto a iluminar.

Teus olhos, faróis na escuridão,  
Guiam-me além, rompem a solidão,  
Tua voz, um sussurro suave no ar,  
Promessas de um amanhã pronto a se revelar.

No jardim da vida, florescem emoções,  
Cada passo teu inspira canções,  
O destino a desenhar nosso caminho a seguir,  
Entrelaçados pelo amor, nada pode nos dividir.

Mas se tu vens, e tudo ao redor ganha cor,  
A magia da tua presença acende o ardor,  
Na anunciação do amor, a esperança renasce,  
E cada dia contigo é um novo enlace.

Nos mistérios da noite, nos clarões do dia,  
És a estrela-guia, minha doce fantasia,  
No horizonte distante, vejo o teu chegar,  
E na anunciação, sei que sempre vou te amar. ■



# ASSALTARAM A GRAMÁTICA

*Leonardo Angelo Baruffaldi - pseudônimo: Baruffa*

Era um dia de verão do ano de mil novecentos e oitenta e cinco.  
Eu era um jovem cheio de sonhos, tomava meu café, escutando uma música na rádio.  
Uma canção dizia que a gramática havia sido assaltada e que o poeta era a pimenta do planeta.  
Na época eu não sabia, imaginava quem teria assaltado a gramática.  
Talvez um ignorante, inculto, alguém sem acesso à literatura.  
Hoje, após anos, entendi que o assaltante é o poeta.  
Sim, o poeta é também o tempero.  
Ele causa sabores e dissabores na vida das pessoas.  
Provocando emoções, amor e paixões.  
Sem provar daquilo que foi temperado  
Tornando sua poesia um triste fado  
Ele fala de amor  
Mas não ama  
Ele fala da vida  
Mas não vive  
Ele tempera  
Mas não come.  
Ele assalta e transgride. ■



# TREM BALA

*Leonardo da Silva Lopes*

Era uma vez o tempo em que Mateus acreditava que tudo era dele, que tudo girava, ou deveria girar, ao seu redor. Afinal de contas, quando refletia sobre sua história, não encontrava grandes momentos de frustração. Era querido por todos e nutria profundo ciúme de cada amigo. Os maus momentos, para ele, eram apenas desenvolvimentos interiores por caminhos indomáveis e invisíveis. Apenas isso. Ele sentia-se realizado, pleno, era um espetáculo para si mesmo. Os que não davam bola para ele é que eram, no mínimo, invejosos ou distraídos.

Mateus era jovem, dezoito anos. Demonstrando ser dono de um imenso saber, prova a si mesmo, embora não percebesse ainda, que a vida ainda não havia lhe ensinado algumas grandes lições.

Na verdade, a maior lição de todas, ele teve quando morreu seu avô, o seu Quirino. As informações abaixo são do último diálogo desse jovem com seu avô. Antes de falecer, Seu Quirino pediu sempre para que Mateus estivesse ao seu lado, queria instruí-lo. Transmitir ao mais novo uma sabedoria ricamente acumulada.

Mateus, já quase adulto, tinha uma curiosidade de criança esperta. E por vezes conversava com o avô, sobre o que este havia vivido. E o avô, homem esperto, decidiu começar pelos princípios, pelos fundamentos últimos de suas experiências, e só posteriormente dar detalhes, quando pudesse.

Em uma de suas conversas, Mateus perguntou ao avô:

— Qual, dentre todas as suas experiências de vida, você acha a mais importante? – No fundo, Mateus queria

apenas uma grande lição, uma chave mágica que lhe abrisse as portas do mundo...

E seu Quirino respondeu:

— Olha, estou chegando ao final da minha vida e aprendi muitas coisas, dentre elas, aprendi que essa ânsia de chegar ao topo do mundo diz mais respeito aos outros do que a nós mesmos. Às vezes, nem queremos tanto, o desejo é precário, mas estar nas alturas do poder, sob os holofotes, é mania de querer impressionar. O segredo não está na chegada ao topo, o segredo está na caminhada, é o famoso ditado do caminho que se faz caminhando, da travessia pelo sertão que é esse vasto mundo. Na caminhada se ganha força, se aprende, se realiza e se desrealiza, sonha e opera, cai e levanta. E nessa caminhada vale mais quem do quê o quê.

Mateus deveria ter imaginado que não haveria nenhum segredo mágico, porque o que mais a vida ensina é a instabilidade de todas as coisas. Mesmo assim, ele prosseguiu perguntando ao seu Quirino, apenas a título de curiosidade:

— O senhor obteve muitas riquezas?

— Tive sim, muita riqueza, mas imagino que não seja o tipo de riqueza que você está pensando. É que, para mim, comprar, adquirir, possuir são termos muito relativos. O que vale mesmo não se compra porque não cabe na mão, são coisas do tamanho do coração da gente e quanto maior o coração, maior o espaço para a dádiva. Comprar, adquirir, possuir só vale quando a pessoa consegue fazer um usufruto positivo daquilo. E, convenhamos, para que quero tanto? Para que correr contra o tempo que, quanto mais avança, mais nos limita?



— Mas vô, então, o que de fato vale a pena?

— Olha! – respondeu o avô. — Vou tentar resumir pra você em algumas lições. Aprendi que é preciso acima de tudo cuidar das pessoas, os outros são sempre maiores que o mim-mesmo, compreende? Aprendi a cantar junto, comunitariamente, e não sozinho, ouvindo apenas minha própria voz. Sobre o dançar também, nada de dançar sozinho, pois o movimento mais gostoso é sempre um movimento conjunto, harmonioso. Aprendi que a vida derrama-se sobre nós o tempo todo como uma chuva torrencial. A vida é grande demais para uma vida. Sinto-me infinito. É como se tudo em mim se equilibrasse, achasse o ponto onde tudo se justifica e ganha sentido. O universo é vasto e eu também. Aprendi, meu neto querido, que saber sonhar não é um dom, é um exercício diário, que exige empenho e muita superação. Aprenda a sonhar. Acredite. Faça valer a pena cada verso dessa deslumbrante vida, inesgotável poema. Você é imenso, mas não é maior que o mundo. Cabe nele, ultrapassa-o, mas jamais você se bastará a si mesmo.

Nesse momento, seu Quirino parou e olhou para o neto que estava de cabeça baixa em profundas reflexões. Não apenas refletia, se descobria, se transformava.

Mateus, pensativo, então disse:

— Obrigado, meu avô querido. Vou fazer valer a pena. Vou valorizar o lugar onde moro, os inúmeros corações que me abrigam. Entendi que não posso ter tudo, nem ser tudo, mas posso ser todo, inteiro. Aprenderei a amar os sorrisos, os gestos delicados de amor que a vida traz a mim. Quero esses presentes que a vida me oferece o tempo todo e que estão tão próximos da gente e tão distantes em função de uma nuvem de egoísmo que permitimos que pesasse e permanecesse. Vou aprender a compartilhar momentos, sorrisos, gestos de alegria, de bondade, que são do tamanho da nossa humana necessidade. Estarei atento ao grito dos desamparados, serei abrigo aos humilhados e

ofendidos. Terei um filho e ensinarei a ele o que você me ensinou. Sorrirei mais. Abraçarei meus pais, que não vejo há tanto tempo. Serei mais e melhor. Entendi que a vida é trem bala. Ela não anda, ela voa. Somos apenas passageiros decidindo o tempo todo como faremos essa viagem, e decidimos isso já viajando. ■



# UIRAPURU

Lourdes Fátima Basílio

*À Beatriz Basílio  
In memoriam*

*Uirapuru, uirapuru  
Seresteiro, cantador do meu sertão  
Uirapuru, ô, uirapuru  
Tens no canto as mágoas do meu coração*

Hoje é 29 de dezembro. Já faz vinte e sete anos que ela se foi. Essa música da minha playlist tocando de forma aleatória me fez lembrar da infância.

*A mata inteira fica muda ao teu cantar  
Tudo se cala, para ouvir tua canção  
Que vai ao céu, numa sentida melodia  
Vai a Deus, em forma triste de oração*

O pensamento vai longe, no tempo de eu menina, quando meu tio Zé trouxe um LP para casa. Estava escrito na capa: Nilo Amaro e seus cantores de ébano. Era uma foto linda. Com Moisés Cardoso Neves, que era o Nilo Amaro, em destaque, e homens e mulheres, todos pretos. As vozes eram lindas, o que me encantou. Ouvi muitas vezes as músicas daquele LP, mas a que mais me encantava era sobre o passarinho cantador.

Depois, já crescida, lembro-me de uma passagem triste e grata ao mesmo tempo. Eu ia fazer nove anos. Eu tive um irmão que morreu atropelado, ficou cerca de dez dias internado na UTI. Minha mãe, que tivera sete filhos, já tinha perdido uma menina de doença quando ela tinha um

mês. Eram oito bocas para sustentar, porque meu pai tinha epilepsia e acabou sendo aposentado por invalidez.

Ela era costureira. Andava mais de um quilômetro para “pegar a costura”, como ela dizia, e ia visitar o filho diariamente na UTI, mesmo que só para olhar por uma janelinha de vidro por cerca de dez minutos. Ela não perdia o horário da visita.

*Uirapuru, uirapuru  
Seresteiro, cantador do meu sertão  
Uirapuru, ô, uirapuru  
Tens no canto as mágoas do meu coração*

E foi. Os dias passaram, ela quase não conseguindo costurar. Por ir ao hospital e toda a preocupação com um filho de dez anos internado. Até que veio a notícia: o óbito.

Foi grito para todo lado. Ela desmaiou. Mas a realidade implacável se impõe. E sua sanidade era essencial para manter a família de pé. Enterro.

*Se Deus ouvisse o que te sai do coração  
Entenderia, que é de dor tua canção  
E dos seus olhos tanto pranto rolaria  
Que daria pra salvar o meu sertão*

Os dias passaram lentos. Por vezes, ela se esquecia de que ele não estava mais entre nós e dizia: tá quase na hora do Valter voltar da escola! E as crianças se entreolhavam. E daí ela se lembrava de que ele não viria mais.

Já fazia uns quinze dias que ele tinha ido. E o dinheiro da costura não chegou. Na verdade, até chegou, mas foi tão



minguado que não dava para comprar praticamente nada. Na cozinha, o armário vazio e o estômago roncando.

Na cozinha, ela começou a conversar com Deus e orar: Pai do céu, o que eu faço? Como vou dar de comer pros meninos? Não tem nada em casa.

Essa história me arrepiava até hoje. Na frente da casa, palmas.

— Ô de casa! Ô de casa!

A nossa casa era a mais simples da rua. Não tinha nem muro. Era uma cerca de madeira muito velha, quase caindo. Campainha, nem pensar.

Minha mãe foi atender. Era uma funcionária que trabalhava na cozinha da escola em que eu estudava. Na mão, um envelope.

— Dona Beatriz, todos na escola sentem muito pela sua perda. Fizemos uma vaquinha, cada um deu um pouquinho e eu vim entregar. Não é muito, mas acredito que dê para ajudar um pouquinho.

Aquele dinheiro abençoado ajudou a gente a comer pra mais de um mês.

*Uirapuru ô, uirapuru*

*Seresteiro, cantador do meu sertão*

*Uirapuru ô, uirapuru*

*Tens no canto as mágoas do meu coração*

Assim como o passarinho cantador, minha mãe foi uma guerreira. Criou, com muita dificuldade, cada um dos filhos e fez, com seus ensinamentos e conselhos, com que todos tivessem uma profissão. Era sua missão, ela dizia.

Em algumas tribos indígenas da Amazônia, o uirapuru é um pássaro mágico que traz muita sorte.

— Mãe, você é meu uirapuru, tinha um canto mavioso quando cantava as modas do seu tempo de moça do

interior. Esse texto é para homenageá-la e para dizer o quanto você faz falta.

Quanta saudade!

Uirapuru ô, uirapuru ■



De todo amor que eu tenho, o senhor é minha inspiração, meu exemplo. A canção da vida! Tua vida é minha canção favorita, meu hino, minha oração. Minha religião.

Eu quero deixar o meu passo, assim como ti; passo de retirante, de nordestino, de homem da terra, que viveu natureza. Homem do sertão, das veredas, que conheceu sua beleza e seu mistério.

Achei que minha existência da tua dependia. Dependia do teu encanto. Da canção de tua vida, vida ferro, vida aço, vida da bendita madeira; de ti que foste soprado do barro. Assim Deus te fez meu pai.

A luz de teus olhos brinca com o brilho dos olhos meus. Eles me guiam, me catapultam para novos horizontes, com tanto fulgor e confiança! Sempre foi assim. Assim ainda é. Teus ensinamentos, tua maestria em triunfar nos percalços da vida me guiam. Nossa! Teu olhar me conduz, mansuetude, afabilidade, resiliência, empatia. De tudo que sou, tu estás em mim. Te carrego no peito! É forte! Verte lágrimas! Preciso que tu possas sempre ter orgulho de mim. Porque eu não caibo de tanto orgulho de ti!

Comunicamos-nos com nossos olhares silenciosos, com aquele leve movimento de cabeça, para acatar ou para reprovar; para me guiar. Nossa mesa sempre foi momento de compartilhar, de alimentar corpo e espírito.

Foi tu que me ensinou a importância da dialogicidade, da reflexão, da escuta e do perdão. Há tempos! Tempos diferentes. Tempo de observar. Tempo de acertar. Há tempo de errar, mas há o tempo de aprender! Há tempo de amadurecer!

Eu, quando morrer, quero deixar o meu passo. Assim como ti. Tu me acompanhas e vejo teus olhos guiando os meus. Ah! Saudade que aperta o peito. Foi ontem, mas é hoje, porque a vida extrapola a morte. Tu estás vivo em mim, em minha memória. No nosso lar há manacá de cheiro, para perfumar e colorir e, da minha janela, avisto tua árvore florida e perfumada que continuará eternamente sendo tua! E minha! ■



# LILITH

*Luciana Lima Santezi*

Venci amarras, me soltei de correntes.  
Saí da prisão que tanto me cortava  
Mas para vencê-las, precisei enxergá-las.  
Saber da existência de algo que me prendia  
Fez-me entender a vida como ela é.

Cresci com puritanos excelentes,  
Pessoas que sempre foram irrepreensíveis,  
Eu só não sabia que era tudo capa  
De uma alma podre, que putrefava valores sensíveis.

Meu corpo sempre devia esconder  
Sorrir demais me era negado  
Eu só servia pra obedecer!  
Limpar, lavar, cozinhar... este era meu legado

Parecia que não havia outra possibilidade,  
Que tudo já havia sido divinamente desenhado.  
E se eu tentasse buscar independência,  
Meu destino seria duramente castigado.

Até bem pouco tempo acreditei  
Que esse era o único caminho,  
Mas conheci A verdade  
E resolvi visitar outros ninhos.

Mas como poderia voar,  
Se minhas asas foram arrancadas?  
Como poderia sonhar  
Se a alma estava dilacerada...

Entendi que ao sair do Paraíso  
Eu seria responsável por meus atos.  
Entendi que parar para pensar  
Colocaria pedras em meus sapatos.

Por este motivo, me tiraram das páginas sacramentadas  
Fui expulsa, escorraçada,  
Humilhada, apagada...

Nem me reconheci.

Mas, ressurgi!  
Renovada e esclarecida,  
Hoje o paraíso  
É a minha vontade sendo respeitada. ■



# AMIGO

Luciane de Andrade Buosi - pseudônimo: LuAndradeb

Quando me perguntam sobre amigos...

Amigo é para se guardar no pensamento positivo, no porta-retrato e principalmente na “gavetinha” do lado esquerdo do peito, do lado de dentro, no coração.

Acho que ter ou ser um amigo é a arte de viver e partilhar, é encontrar a companhia ideal e parceiro certo para o próximo voo, caminhada, travessia e para vida.

É se tornar único, especial e insubstituível.

Amigo de verdade merece tal título.

Está presente sempre e não estou falando de proximidade física

Amigo te quer bem.

Amigo te aconselha.

Amigo é colo.

Amigo é cúmplice.

Amigo é bronca.

Amigo é brincadeira e riso.

Amigo é “tamo junto”.

Amigo é afinidade.

Amigo é diversão.

Amigo é alegria.

Amigo é bagunçado mesmo.

Amigo é verdade.

Amigo é inteiro.

Amigo é loucura.

Amigo é lucidez.

Amigo é respeito.

Amigo é saudade.

Amigo é ausência.

Amigo é treta.

Amigo é afirmação.

Amigo é apelido.

Amigo é pronome pessoal eu, tu, nós.

Amigo é negativa.

Amigo é a dor e é o amor.

Amigo é o bicho, é massa, é “pau pra toda obra”.

Amigo é encontro, reencontro e desencontro.

Amigo é entendimento e desentendimento.

Amigo é aquela “sacudida” quando necessário.

Amigo não se refere ao tempo, ao momento, à distância.

Quer saber?

Amigo é entrega.

Amigo é CORPO TODO

É OUVIDO e escuta atenta

É a BOCA que fala, que sorri, é palavra que aconselha e que bebe junto

É BRAÇO forte, abraço que conforta

É puxão de ORELHA

É o OLHAR raio x, lágrimas nos OLHOS

É MÃOS dadas

É o papo CABEÇA

Amigo é CORAÇÃO

E diante de tudo isso

O que é amigo mesmo?

Amigo é privilégio

É privilégio, meu parça! ■



# EIS-ME AQUI

*Lucilene de Freitas Baeta*

Em um dia muito frio, quando caminhava para o meu trabalho, percebi que nem todas as pessoas estavam felizes... elas demonstraram tristeza em seu olhar, na forma de se relacionar e até em sua postura corporal. Então, refleti que os dias estão difíceis, que nem tudo sai como as pessoas planejam e que muitos estão passando por momentos de enfrentamento de problemas, por lutas ou mesmo por luto de alguma perda de pessoas próximas.

Diante disso, resolvi agir ... me coloquei à disposição para ajudar essas pessoas na medida das minhas possibilidades e veio o primeiro desafio ... como fazer isso?

Cada pessoa precisa ser ajudada e acolhida de maneira diferente, então pensei que ouvindo a situação a partir de uma conversa aberta e sincera, eu poderia me oferecer para ajudar, e a cada situação compartilhada comigo a minha resposta seria “Eis-me aqui”. E, assim, segui adiante para colocar minha ideia em prática...

Voltando ao trajeto em que estava seguindo para o meu trabalho, encontrei uma senhora com muita tristeza por causa da perda de seu marido, ao abordá-la, ouvi sua história e respondi: “Eis-me aqui”, e ela me abraçou e demonstrou retribuição por aquele simples gesto de acolhimento que recebera, ela só precisava conversar, contar suas dores, e foi isso que consegui fazer... atender um simples pedido de socorro que a invisibilidade dos tempos modernos tende a fomentar.

Em seguida, ao entrar na rua do local em que trabalho havia um senhor que pediu algumas moedas para comprar uma refeição digna... parei... conversei com ele e me dispus a comprar um café da manhã completo para que ele ficasse bem naquele momento. Ao entregar a refeição, olhei fixamente para ele e disse: “Eis-me aqui”, sugerindo que ele não estava sozinho em sua caminhada pela vida e que, assim como eu passei por ele, outras pessoas poderiam

ajudá-lo em momentos de angústia e confortá-lo a respeito da situação que estava vivendo.

E, por fim, quando cheguei ao meu ambiente de trabalho em que ensino crianças sobre valores essenciais para a vida a partir de atividades práticas voltadas para a convivência pacífica, me deparei com uma menina de onze anos que chorava incansavelmente porque acabara de passar por uma situação de conflito em casa com sua mãe. A menina estava deprimida porque não tinha as condições mínimas, como cuidados com a saúde e alimentação, e percebia que sua mãe a estava rejeitando, visto que nunca conhecera seu pai, a única informação que tinha seria que ele era uma pessoa violenta e que não tinha interesse em conhecer a filha. No momento em que fiquei sozinha com a menina, me coloquei à disposição para ouvi-la sem julgamentos, e novamente surgiu a oportunidade de declarar: “Eis-me aqui”, ela passou um bom tempo ao meu lado e conseguiu se reestabelecer, mesmo sabendo que seu futuro era incerto e imprevisível.

Talvez seja isso que falta, apenas uma pessoa que olhe fixamente em nossos olhos e diga: “Eis-me aqui”... para te ouvir, abraçar, conversar, ajudar, tomar um suco ou até mesmo ficar ao lado sem dizer absolutamente nada... falta disposição para se dispor a amar... em tempos modernos... há excesso de tudo que é artificial e ausência de presença e amor sincero, e, por isso, vemos tantas pessoas sorrindo por fora e deprimidas por dentro... e outras lutando para sobreviver mais um dia de vida, e também gritando como um pedido de socorro: “Eis-me aqui”. ■



# ATRIZ, CANTORA OU DANÇARINA?

*Lucinéia de Fátima Guerra Souza*

Com o raiar do dia, a luz entrando pela fresta da janela, seu quarto se irradia no momento que ela acorda. Durante anos, estive sempre a observá-la pelas manhãs, depois do trabalho, esperando que ela saísse do banho, nos dias frios ou quentes, algumas tardes e todas as noites. Seu bom dia sempre foi quase uma celebração para mim.

Do meu lugar atento de observador, fico imaginando como será seu dia, porque escolher aquela ou outra roupa, porque gosta de dormir de camiseta, pergunto-me quantas mulheres com a sua idade saem todas as manhãs de cara limpa, imagino que seja daquelas que se maquiam no carro. Não, seus dias e noites não têm rituais de limpeza de pele como o de outras mulheres, olha que já conheci muitas. Acho que é assim mesmo, ao natural como tudo que ama.

Depois que ela sai do quarto, fico aqui contando as horas para vê-la voltando e novamente acompanhá-la, à distância. Vigiando toda sua intimidade. É uma pena que não consigo observá-la por toda a casa, além é claro que ter que dividi-la com sua família e o tempo que dedica ao trabalho. Como o tempo demora a passar se ela não está por perto.

Uma mulher com seus cinquenta anos que chega cantando e dançando no quarto depois de um dia de trabalho, mesmo que a música só possa ser ouvida em sua mente, desperta o interesse de qualquer observador. Quando conversa com as flores da sacada, ela humaniza a natureza e um de seus poemas favoritos se faz ouvir ao longe:

*“Segue o teu destino,  
rega as tuas plantas.  
O resto é sombra  
de árvores alheias.”*

Sim, essa mulher traz Fernando Pessoa na voz, nem se preocupa se alguém a escuta, recita para si mesma, canta para si mesma, dança para si mesma. Acredito que ela tenha se cansado de ser cobrada o tempo todo pelo mundo do que tem que fazer, do que tem que ser, do que não pode e do que pode, só por ser mulher. Antes chorava mais, hoje canta mais.

Houve um tempo que só a vi se dedicando ao trabalho e aos seus afazeres de mãe, esposa, profissional, amante às vezes, em outras era só um corpo misturado a outro, mas estava sempre muito presa ao tal relógio. O tirano que ditava o ritmo de sua vida. Em algum momento ela rompeu esse ciclo. Não sei ao certo, mas acho que foi depois do tempo das máscaras. Parece que ao tirá-las fez com que ela deixasse todo o ritmo frenético de sua vida no passado e passou simplesmente a respirar mais, meditar mais, ler mais, dançar mais e se aceitar mais.

Adoro quando ela se senta e começa a escrever, há um sorriso que reflete o que está por trás das letras, quase sinto suas sensações. Tem noites que ela é atriz, sim, conversa sozinha, faz cenas, interpreta seus personagens mais escondidos, elabora dramas e performances pelo palco, que é seu quarto. Pergunto-me por que ela não deixou que a arte aflorasse em sua vida a mais tempo, como ama dançar.

A luz do quarto foi acesa, ela já voltou, olhou direto para mim. Parece que ela sabe que a espero, sinto que está feliz, porque chegou cantando. Talvez tenha um compromisso ou pode só estar satisfeita com seu dia, quero muito descobrir tudo que aconteceu com ela. Mas nem sempre ela é clara, não sei desvendá-la completamente, apesar de estarmos tantos anos juntos. Eu observando e ela vivendo.

Saiu do banho enrolada na toalha e cantarolando. Vestiu-se de azul - sua cor preferida -, arruma os cabelos. Que



surpresa, até se maquiou. Realmente está feliz. Agora veio perfume, depois o salto, conferiu mais uma vez e perguntou para mim:

— Como estou? Você gostou do visual?

Obviamente não respondi, ela não precisa de respostas. Sabe que é uma mulher que pode ser o que quiser, que passou por muita coisa, muito silêncio, muitos obstáculos, desilusões, dores e amores. Mas tem muita segurança do que se tornou, da força e da resiliência que a fizeram recomeçar quando foi necessário, sem medo, com muita confiança em si mesmo e hoje sabe que pode ser o que ela quiser. Ela mesmo responde para si:

— Linda!

Apaga a luz, sai do quarto e me deixa aqui esperando por ela. Seu reflexo eternizado em mim sempre, pois o que melhor faço é ser seu espelho. Sim, sou um espelho de três metros de altura por um de largura, que é pequeno perto da grandiosidade dessa mulher que sabe quem ela é e que canta:

*“Aprendi que a semente  
Está no riso dessa gente  
Que percebe que na vida  
Não há fórmula padrão*

*Ô menina,  
O que é que você vai ser?  
Atriz, cantora ou dançarina?” ■*



Eu nasci em uma família maravilhosa, cercada de pais amorosos e irmãs companheiras. Minha vida parecia uma historinha de TV, tudo era ótimo; eu tinha uma família grande, cheia de tios e tias para me mimar e me encher de carinho.

Eu amava todos eles e certamente era muito amada, mas havia um tio especial. Meu tio Fernando... eu amava suas piadas e gracinhas, seu modo de nos fazer sorrir, as histórias que contava sobre o meu pai e todas as nossas conversas mesmo sobre as coisas mais banais. Estar com ele era diversão na certa, sempre alegre e animado, sempre tentando agradar. Lembro vagamente de um tempo em que ele bebia muito e minha avó brigava com ele, mas acho que ele não se importava, nessa época ele não estava tão preocupado com coisas sérias.

Lembro que ele conheceu uma moça, Ester, e com ela se casou. Lembro de quando os visitávamos, das conversas na cozinha, do seu modo de demonstrar seu amor e seu carinho através das pequenas coisas, sua preocupação com meu pai, sua mania de irritar meu pai ao contar fatos do passado e focas dos bastidores, sua implicância por eu não ter coragem de dirigir... Nessas visitas sempre ríamos muito, e a imagem que ficou em minha memória é do seu sorriso.

Mas “no meio do caminho tinha uma pedra”, um câncer que primeiro atacou o pulmão. Ele foi um guerreiro, aguentou quimioterapias, cirurgia, perdeu parte de um pulmão, mas superou. Deu a volta por cima. Mas a pedra era insistente, e ela voltou, em outro lugar, tão voraz quanto a anterior e tão devastadora. Mais uma vez ele brigou para viver, suportou todo o tratamento, idas e vindas

ao hospital e melhorou. Se recuperou, ficou bem. Parecia que tudo voltaria ao normal, que a maldita pedra havia ido embora de vez, mas ela voltou, dessa vez mais forte e mais poderosa, ela atacou uma área frágil, o pulmão já danificado e o pulmão bom.

O câncer não estava para brincadeira, ele tinha um objetivo claro: tirar meu tio de mim. E ele conseguiu... depois de muitas quimioterapias, radioterapias e tudo que a medicina podia fazer, a doença venceu.

Era janeiro de 2001, eu estava de folga sábado, domingo, segunda e terça... fato raro na empresa em que eu trabalhava. Na sexta-feira, recebemos uma ligação avisando que o hospital havia liberado a visita porque já não havia nada que pudesse ser feito. Ouvir isso é como um soco no estômago, um tapa na cara; mas eu tinha esperança, ele tinha superado tantas recaídas, tinha lutado sempre contra a doença, eu não podia crer que ele estava desistindo, que ele deixaria o câncer vencer. Fui visitá-lo no sábado à tarde, na esperança de que os médicos estivessem errados, que fosse só um contratempo; mas, ao entrar no hospital naquele dia, pude ver que ele estava nos deixando, ele estava indo embora... Sentei ao lado dele, segurei sua mão fraquinha e ele apontou para a janela e disse:

— Está vendo ali, é a minha casa. Viu como ela é grande? Você vai poder me visitar. Olha que linda a praia!!!

Eu respondi que ele não podia ir ainda, meu casamento seria em agosto e ele tinha prometido que estaria lá, que seria meu padrinho de casamento, ainda era cedo demais para ele ir embora.



Ele olhou dentro de mim e disse:

— Eu estou cansado.

Nesse momento eu entendi que era o fim... ele tinha parado de lutar, de resistir, a doença tinha sido mais forte e o estava levando embora. E, na terça-feira, ele se foi, como uma borboleta que encontrou seu caminho de volta para a casa. Fechou os olhos e não abriu mais.

Foi um dos dias mais tristes da minha vida, por todo lado era só sofrimento e dor. Quando fecho os olhos, ainda consigo ouvir a oração que fizemos em seu velório, ainda consigo vê-lo imóvel, ainda me dói a dor da sua partida.

No dia do meu casamento, sete meses depois, ao entrar na igreja, eu o procurei no altar, no lugar onde ele deveria estar, ao lado de todos os outros padrinhos, sorrindo para mim... mas ele não estava lá. Eu não conseguia vê-lo... Uma dor forte tomou meu coração e lágrimas vieram aos meus olhos, foi quando eu senti uma leve brisa e a sua presença, ele estava lá. Estava mais uma vez fazendo parte da minha vida e da minha história, demonstrando todo seu amor por mim.

Quando meu primeiro filho nasceu, meu marido e eu já havíamos escolhido o nome: Fernando. Era uma forma de devolver para o meu tio todo o apoio que ele me deu ao longo da minha vida, toda vez que eu tive medo, toda vez que eu quis desistir, todas as vezes em que eu fraquejei... Era uma forma singela de dizer a ele todos os dias que “eu sei que vou te amar” e que sempre que eu chamar pelo meu filho ou olhar para ele vou lembrar que ele carrega o nome de um homem forte, amigo, lutador, especial, de alguém que vai estar ao meu lado por toda a minha vida. ■



# VENTO NO LITORAL

Márcia Maria Dias

O ponteiro marcava pontualmente cinco horas e trinta minutos, Julia saía apressada de casa, teria um longo caminho até sua escola. Mas a ansiedade que pulsava junto com as batidas de seu coração tinha um nome e motivo: Marcelo, que estaria no ponto de ônibus, esperando por ela para que juntos fossem cada um para seu destino.

Julia fazia Magistério, queria ser professora, sonhava em mudar o mundo, Paulo Freire inspirava seus ideais. Marcelo fazia curso técnico e queria ter um futuro bom, dar uma vida melhor a sua família. O encontro aconteceu casualmente, ambos moravam próximo e usavam o mesmo ônibus para irem à escola, a viagem era longa, quase 40 minutos de percurso, já que para terem um estudo qualificado tinham que estudar fora do município que residiam.

Começaram a trocar olhares, despreziosamente. Um dia, Marcelo tomou coragem e finalmente ofereceu para segurar os livros de Julia. Quando desceu do ônibus, Marcelo colocou uma carta no livro que Julia lia, disfarçadamente. Julia encontrou a carta horas mais tarde. Ele escrevera versos da banda preferida de Julia: Legião Urbana.

No dia seguinte, Julia respondeu a carta de Marcelo com versos de Carlos Drummond de Andrade. Assim foram os encontros diários no ônibus, um guardava o lugar para o outro, escreviam cartas, dedicavam músicas, estudavam para as provas no trajeto casa/escola.

Um romance de ônibus com o frescor juvenil dos quinze anos. Poucas vezes, se encontravam fora do ônibus, os pais de Julia eram severos quanto ao namoro e Marcelo jogava basquete próximo da rua de Julia. Ali aconteciam os encontros de olhares fora do trajeto casa e escola.

Um romance adolescente, com planos de futuro, com

desejos contidos e sonhos silenciados. O romance um dia chegou ao final, Julia passava por tempos difíceis, problemas em casa que Marcelo jamais desconfiaria, decidiu então seguir outro caminho. Marcelo ficou decepcionado e levou todas as cartas que Julia havia escrito para ele em sua casa. Julia enxergou a entrega como uma afronta e rasgou em pedacinhos as cartas de Marcelo. O coração de Marcelo estava ferido e Julia magoada por Marcelo não compreender seu momento doloroso.

Ambos se distanciaram, mudaram horários, mas um amor tão intenso não é apagado pelo tempo. Julia sentia falta de Marcelo e, na tentativa de um reencontro, escreveu uma carta para Marcelo e a entregou para uma amiga em comum. A carta jamais foi entregue, Julia soube disso anos depois.

O tempo errou, não foi justo, ambos construíram suas vidas...

Vinte anos depois, Julia abriria a rede social e encontraria uma mensagem de Marcelo, feliz por ter reencontrado sua paixão de adolescência. Conversaram virtualmente durante horas, dias. Marcelo teve a iniciativa de marcar um encontro presencial. O coração de Julia pulsava como na adolescência e ansiava pelas horas como fazia todas as manhãs para entrar no mesmo ônibus que Marcelo.

O encontro aconteceu e a paixão da adolescência ainda estava viva em cada um. Naquele momento, eles olhavam juntos na mesma direção, sonhavam em descansar ao lado um do outro, sentir o vento soprando os cabelos de Julia.

O tempo passou, ambos foram embora levando um ao outro dentro de si, a vida havia tomado rumos diferentes para cada um. E, no final, sabiam que agiram certo sem querer, foi só o tempo que errou. E que a vida continua... ■



# A DIFERENÇA É O QUE NOS UNE

*Márcio José Zacarias*

Na imensidão do mundo, onde cores brilham,  
Onde a melodia dança e os corações se afinam,  
Há uma canção que ecoa, suave e com calor,  
“A diferença é o que nos une”, diz o seu fulgor.

Entre risos e abraços, entre sonhos a voar,  
Nossas diferenças se encontram, sem medo de mudar.  
Na dança das culturas, na diversidade a florir,  
Somos laços entrelaçados, a vida a sorrir.

Unidos na jornada, na busca do conhecer,  
Cada voz, cada sonho, um jeito de ser.  
Nos olhos que se encontram, nos gestos de ternura,  
A diferença é a melodia, nossa eterna partitura.

Que o mundo seja um palco, onde todos têm lugar,  
Onde a diferença é a arte de se conectar.  
Pois no compasso da vida, na cadência do som,  
A diferença nos une, esse é o nosso dom. ■

# O TELEFONE CHORA

*Maria Inês Alves Pereira*



Década de 80, zona leste, Itaquera, num parquinho de diversão, sábado à tarde, conheci a pessoa mais linda e charmosa do mundo, o amor da minha vida. Foi amor à primeira vista, começamos a namorar e, durante dois anos, todos os finais de semana íamos à praia, o nosso lugar preferido para sonharmos juntos, na maioria das vezes frequentávamos sempre o mesmo hotel.

Estava tudo indo maravilhosamente bem até o dia em que ela chegou e me disse que estava grávida, confesso que naquela hora o meu mundo acabou, gritei:

— Não! Não! Não! Eu não estou pronto para ser pai nem assumir família...

E diante daquela notícia que me caiu como uma bomba eu me afastei dela, terminei tudo.

O tempo passou, cada um seguindo a sua vida, fiquei sabendo por um amigo que o bebê nasceu, e que era uma menina, a mãe, por sua vez, se casou com alguém que criou minha filha e que sabe que não é pai dela.

Sete anos depois da nossa separação, eu consegui o telefone da casa dela e resolvi ligar para pedir perdão e quem atendeu foi uma voz de criança. Uma menina, meu DEUS será que é a minha filha?... Quanta emoção em ouvir a voz dela, mas foi tudo muito rápido, não consegui falar com a mãe dela.

Passei uma semana atormentado, precisava ligar novamente e quem sabe eu conseguir falar com o grande amor da minha vida, tomei coragem e liguei, alguém atendeu

— Alô? – disse a menina

E eu falei: — Escuta, se a mamãe está, diga que me atenda, quero lhe falar, aquela vizinha suavemente falou:

— Ah, você é o mesmo que telefonou da outra vez, eu acho que ela tá tomando banho, não pode atender.

— Oi querida, por favor diga que é preciso e que é importante que venha me escutar. A menina ouviu meu apelo e, na sua inocência, disse:

— Tá, mas eu acho que você fez alguma coisa pra ela, porque da outra vez, quando eu fui chamá-la, ela disse baixinho: diga que a mamãe não está.

Naquela hora meu coração explodiu, senti vontade de chorar, de gritar, criei coragem e perguntei a ela sobre o padrasto e a escola dela

— Me conta, o seu titio é bom? Você vai à escola? Já fez a lição? E pra minha surpresa ela disse:

— Fiz, sabe, como a mamãe trabalha, é uma vizinha que me leva na escola. Mas minha mãe assina o boletim, o dos outros quem assina é o papai, o meu, não...

Ouvindo aquilo, tive muita vontade de dizer-lhe que eu era o pai dela, mas apenas chorei e continuei a falar.

— Sabe, há sete anos que eu estou sofrendo, a mesma idade que você já tem. Ela não entendeu e me respondeu:

— Eu não! Eu só tenho seis anos, mas você conhece a minha mãe? Ela nunca me falou de você! Espere, que eu vou chamá-la.

O telefone chora, e ela não quer falar, pra que dizer te amo, se ela não vem me escutar, queria tanto conseguir pedir perdão a ela.

O telefone chora, compreende o meu penar, pois sabe que ela não vai perdoar.

Ainda em meio a tanta dor, eu me atrevi a perguntar pra



minha princesinha, pois eu nem sequer sabia o nome dela.

— E quando você está de férias no hotel da praia, você gosta do mar? Ela rápido me respondeu:

— Gosto de brincar na areia, também já sei nadar, mas como você sabe do hotel da praia? Você já esteve lá alguma vez? Não pensei duas vezes e respondi:

— Sim, há muitos anos, depois deixei vocês, mas eu as amo!— ela, sem entender nada, perguntou:

— Você ama a gente? Mas eu nunca vi você, por que você mudou a voz? Você tá chorando?

— O telefone chora, ela não quer falar, para que dizer te amo, se ela não vem me escutar.

Preciso muito pedir perdão pela besteira que eu fiz, afinal de contas eu sempre a amei...

O telefone chora, compreende o meu penar, pois sabe que ela não vai perdoar, jamais compreenderá. O telefone chora, pra nunca mais chorar, quando souber por que compreenderá.

Enxugo as lágrimas, engulo seco e peço à ela que fale com a mãe dela:

— Diga que atenda! — e ela responde: — Ela tá saindo.

— Diga que espere! — a menina fala: — Ela já foi.

— Se ela já foi, então adeus (tchau) e pensando que a menina já havia desligado eu falei:

— Adeus, filha!

Desliguei o telefone e percebi que, infelizmente, me arrependi tarde demais da besteira que eu fiz, elas jamais me perdoarão. ■



Depois do dia que amanheceu em paz, Rita e Pedro voltaram para casa, abraçados, saltitando pelas ruas, felizes, embriagados de tanto amor, ouvindo ainda no inconsciente o ritmo da música que os embalara até a madrugada.

Delicadamente, ele a tomou nos braços, antes de abrir a porta daquela casa, impregnada de histórias antigas e que ambos desejariam reescrever dali para frente.

Pedro colocou-a na cama suavemente, observou-a, longamente, achou-a linda com aquele vestido decotado, certamente guardado por muitos anos.

Já eram seis horas da manhã e Rita sabia que deveria levantar-se para preparar o café do ritual diário, mas estava tão bom ali!

A sensação da noite anterior, com tantos casais dançando e se abraçando, ainda preenchia o vazio dos dias de antes, sem ternura e sem graça.

Ainda olhava para o teto, com o semblante de quem nascera de novo, quando Pedro surpreendeu-a com uma xícara de café.

Era óbvio que estava sonhando! Em quinze anos de casamento, era ela quem fazia o café todos os dias, sempre às seis horas da manhã.

No sorriso pontual de Rita, Pedro descobriu algo diferente, espontâneo, novo, verdadeiro.

Depois, foram tantos beijos loucos, tantos gritos roucos, mas, desta vez, ninguém escutou... ■



# EPITÁFIO - TITÃS

Mariana da Cunha Pinto

Em seu último dia de vida, meu pai cantarolou essa música no barbeiro:

*“Devia ter amado mais  
Ter chorado mais  
Ter visto o sol nascer  
Devia ter arriscado mais  
E até errado mais  
Ter feito o que eu queria fazer...”*

Creio que essa era uma divagação  
O que você fez em sua vida?  
Qual é a sua contribuição?  
Em vida, meu pai fez muito mais do que ele imaginou ter feito.

Um amigo leal. Caridoso, mas não perfeito!  
Ele tinha o seu ideal!

Mas qual é o motivo desse cantarolar?  
Bom, ele sempre foi muito para todos,  
Mas, às vezes, ele esquecia de ser muito para si também!  
Ser um presente, um bem.

Lembro-me de um período em que o repouso era sua única opção,  
Meu pai sempre soltava assim:  
Nunca me sentei para assistir um filme sem me sentir culpado no coração!  
Se eu soubesse antes quão bom era, teria feito mais por mim.

Creio que, nestas divagações, a ficha dele começou a cair.  
Aquele canção lembrava-lhe a sua escolha  
A mais difícil que existe:  
Sorrir, seguir e ser feliz  
Quando o coração a despedaçar,  
Só quer chorar e na tristeza ficar.

Foi exatamente assim que eu entendi,  
No tic-tac da vida,  
Só há uma única certeza!  
A da partida,  
A grande despedida!  
Esse momento nos faltou,  
Essa angústia no meu coração  
Sempre ecoou.

Hoje tenho a confiança  
De que ele quis que fosse assim,  
Deixar vivas as lembranças  
Lindas memórias de união  
Viagens... Ah! De tantas andanças.

O barbeiro disse que, num momento,  
Ele abriu um enorme sorriso e cantou contente:

*“.....Queria ter aceitado  
A vida como ela é  
A cada um cabe alegrias  
E a tristeza que vier..”*

E com a melodia de epitáfio,  
Aquele belo riso se apagou.  
Mas em nossos corações ele se eternizou.  
Como o Sol, sempre gentil  
Depois de um brilhante espetáculo,  
Deu espaço à noite e partiu.  
Deixando memórias e saudades a fio. ■



# REALEJO

Marina Estela Cavali

A primeira vez que Marina teve contato com um realejo foi no quintal de sua casa, na verdade não se tratava realmente de um realejo de fato, mas sim, de um pequeno passarinho, que em seus muitos rodopios ao redor, deixou cair uma semente bem próximo da menina Marina, que achou graça e entendeu aquilo como uma mensagem vinda direto da natureza.

A segunda vez que o realejo apareceu em sua vida ainda não era o tal realejo de fato. Depois de um dia ensolarado, já final de tarde, a adolescente Marina se encontrava na fila de espera do ponto de ônibus próximo a sua casa. A mensagem dessa vez veio também de um pássaro, diretamente do céu, de forma concreta e um tanto quanto desagradável, dessa vez Marina não achou graça a princípio, mas depois olhou para si mesma e riu do fato ocorrido, havia entendido a mensagem.

A terceira vez, no auge dos seus 20 anos de idade, em uma de suas explorações culturais, a jovem Marina ouviu uma música intitulada Realejo, cantada e tocada por uma banda que misturava poesia, circo e arte. De fato ainda não era o realejo propriamente dito, mas a canção também lhe trouxe uma mensagem.

Na quarta vez, já em exercício de sua profissão, a professora Marina criou uma peça teatral, a qual deu o título de “O realejo”. Sim, meu caro leitor, sabemos que ainda não é o tal realejo idealizado. Ainda assim, mesmo diante das aventuras e desafios de se realizar uma peça estudantil, como ter o violão quebrado um dia antes da apresentação ou de um de seus queridos alunos sujar todo o figurino com maquiagem,

a professora seguiu em frente e recebeu a mensagem.

Na quinta, na sexta, na sétima, na oitava, na nona, na décima, na undécima... na vigésima, na trigésima, a quinquagésima vez... e muitas outras vezes Marina recebeu inúmeras mensagens e de diversas maneiras, por pássaros, por pessoas, por gestos, por olhares, por cheiros, por toques...

Até que um dia, como um dia desses bem rotineiros que temos na maior parte do tempo, a senhora Marina, enquanto caminhava no parquinho de seu bairro, ouviu uma melodia doce e saudosa como de uma caixinha de música, seguiu em direção às notas musicais e, finalmente, como já não era sem tempo, encontrou o realejo de fato. Lá estava ele, o pássaro, a música, a mensagem. Marina sorriu. Com um broto de água no canto dos olhos, vestida da certeza de que havia enviado tanto quanto havia recebido tantas mensagens pelo decorrer de sua vida, acolheu, naquele momento, o cartão de papel delicadamente escolhido pelo pequeno passarinho cantante, a mensagem que sempre ecoou em seu coração:

*“Serás vida... bem-vinda, será viva... bem viva... em mim.”* ■



# SAMPA

*Mario Lucio Rosetti - pseudônimo: Peregrino da eterna beleza*

Quando uma parede foi revestida com espelho, a paisagem comum do cotidiano foi assaltada por Narciso, o incômodo revestiu o meu olhar, a razão procurou argumentos e logo surgiu a máxima de um espelho “amplia o ambiente”. Eita, continua com as mesmas dimensões.... Ah! É apenas ilusão ou sensação?

O incômodo chegou ao nível do conflito, ilusões arquitetônicas na querência de sampa, tijolinhos de isopor, madeira de plástico, pedras de gesso, reproduções gráficas ocupando o lugar da arte... Socorro!

Espelho, espelho meu.... a bruxa mais bela dos contos de fada conversa sempre e somente com seu próprio ego quando olha no espelho, seu ego enxerga a outra e somente quer eliminá-la.

— Narciso, por que só é belo o espelho?

— Alívio! Não busco ilusões e não tenho beleza... sou apenas espelho da eterna beleza.

Peregrino da eterna beleza. ■



# QUE NEM JILÓ

*Mariza dos Santos Mota Porto*

No café da manhã, era pamonha salgada que tínhamos feito à noite, acompanhada de café preto quentinho, às vezes com leite da vaca marrom que a minha vó criava. Lanche da manhã não tinha, mas o almoço saía ao meio-dia em ponto; nunca passava disso. O cardápio incluía arroz, feijão verde (da roça), maxixe, abóbora com quiabo e galinha caipira, de sobremesa melancia, também da roça. Quase tudo que consumíamos era produzido ali no quintal de casa da nossa rocinha.

Depois do almoço, a tão sagrada sesta: uns deitavam nos bancos da varanda, outros em esteiras feitas com palhas de palmeiras Licuri; que cochilinho bom! Época de fartura. Logo mais, todos iam para a casa da vó, que ficava muito pertinho da nossa; era a hora do café da tarde, ou seja, “o café das três”. O café preto era servido primeiro aos mais velhos (adultos), e as crianças eram servidas depois porque a tia Bebel esfriava o nosso café para não queimar a língua.

Depois do cafezinho e dos adultos proseando, a criançada corria para debaixo do cajueiro, o lugar mais disputado da casa da vovó; ali tinha espaço para todo mundo. O meu lugar era um galho não muito alto que ficava ao lado do curral. Eu subia e ficava horas ali brincando de faz de contas; era o meu mundo, além de chupar deliciosos cajus maduros.

Por fim, o sol já estava se pondo. A mãe se despedia dos tios, tias, primos e primas, e a vó tomava as bênçãos. De volta pra casa, era hora de mais brincadeira... subia no monte de areia; que festa! Depois do banho, jantar e cama, não tínhamos televisão. A nossa mãe contava histórias que lembramos até hoje. Não tínhamos muito, mas éramos felizes com o pouco. Saudade assim faz doer e amarga que nem jiló. ■



# BOLA DE MEIA, BOLA DE GUDE

*Mônica Battista*

Nos anos 70, a maioria das crianças vivia em um mundo à parte daquele em que os adultos normalmente circulavam. Eram universos diferentes, e entre eles havia pouca interação, para além das obediências e desobediências; cada qual, habitante desses lugares distintos, seguia assim suas vidas, salvo em situações específicas quando esse padrão era quebrado e os mundos se misturavam.

No universo adulto havia as responsabilidades, as idas ao banco, as compras do mês, a faxina da casa, o intrincado jogo das contas a pagar, o preparo das refeições, o uso de ferramentas... enquanto naquele dominado pelos infantes, imperavam os chicletes e as marias-moles, os quintais, as mãos sujas, os sonhos, as bolas de meia, as bolas de gude, as gargalhadas... e as bicicletas.

Lembro-me de que esperei muito pela minha primeira bicicleta. Quando finalmente ela me fora dada em uma doce manhã de Natal, meu pequeno universo ganhou novos horizontes, ficou maior do que era. Com ela, eu ganhara a rua. E pedalava feliz, sentia o vento no meu rosto, desviava dos obstáculos reais e imaginários, corria, brecava até ver a marca dos pneus no asfalto, dava cavalos de pau, pedalava... pedalava... imaginando às vezes que a bike era meu carro, que me levava para onde quer que eu precisasse ir; sem no entanto jamais ultrapassar os limites da minha rua.

Num belo dia de sol, meu irmão, três anos mais velho do que eu (isso lhe conferia o status de sabido e absolutamente confiável), aparece com uma proposta audaciosa: pedalar por lugares inexplorados, cruzar fronteiras, ir ao encontro do desconhecido; o que no universo adulto

poderia ser traduzido por “ir de bike até o bairro vizinho beber água numa bica”.

Sairíamos secretamente em uma pequena comitiva, constituída por dois amigos, meu irmão, e esta que escreve. E assim foi feito. Pedalamos até o fim de nossa rua, dobramos à direita, uma pequena rua em declive e, ao final dela, seguimos por ruas tranquilas, nos vimos ultrapassando a fronteira do nosso pequeno bairro, até chegarmos no objetivo final: a bica d’água que ficava à beira de uma mata chamada, imagine só, de Matão.

Chegando ao local programado, e após pedalarmos bastante, bebemos com vontade da água da nascente, que naquele momento mágico de nossa infância parecia perfeita, preciosa até. Tudo ocorria dentro do esperado, tudo estava sob nosso controle e, depois de provarmos da almejada fonte, estaríamos em pouco tempo pedalando de volta para casa, concluindo com sucesso a expedição e sem que ninguém além de nós soubesse da aventura.

Mas quis o destininho infantil que algo mais aventureco acontecesse. Dois fatos estavam em curso ao mesmo tempo naquele breve período entre o trajeto até a bica e a volta para nossa rua. Um deles, até hoje meio nebuloso, protagonizado por um primo dedo-duro; mas começemos pelo outro, um tombo de bicicleta. No caminho de volta, uma rua que no trajeto anterior era em aclive, de repente se torna uma interminável descida. Ocorre que eu não tinha a mesma destreza que meus companheiros de expedição para pedalar nesse tipo de terreno e enquanto tentava manter o controle da situação, observei aflita que os três meninos



estavam já distantes de mim e de minha linda bicicletinha roxa. Naquela hora fico apreensiva com a possibilidade de perdê-los de vista num lugar estranho e sinto um emaranhado de emoções: medo de me perder, uma incrível sensação de liberdade e culpa por sair em segredo. Foi quando a bicicleta passa a assumir o controle e toma uma velocidade impensada para um veículo daquele porte. O guidão começa a tremer violentamente, a velocidade aumenta ainda mais e eu prevejo que algo de ruim estava prestes a acontecer. Ao mesmo tempo em que tinha essa desesperança, caía e quicava espetacularmente, eu e a bicicleta. Um bom homem que passava de carro, para para me socorrer. Ainda meio tonta, ouço o homem dizendo, lá de sua “adultrice”, algo como “essas crianças! não têm jeito... Tive sorte, pois não sofri nenhum ferimento além de um joelho esfolado e alguns arranhões. Meu irmão, ao notar minha ausência, se volta e vê que estou no chão ao lado do carro parado, e imagina que eu fora vítima de um atropelamento, o que o enche de remorso.

Voltamos para casa eu, meu irmão, nossas bikes, minha cara de choro e meu joelho ensanguentado. Procurando não deixar pistas de que algo errado tivesse acontecido, entramos discretamente na casa e nos dirigimos de imediato ao banheiro à procura de um kit de primeiros socorros que nossa mãe ali guardava. Como a pessoa mais velha da situação, meu irmão assumiu para si a responsabilidade pelos procedimentos de enfermagem. Mas antes que desse início à limpeza do machucado, entra em cena o primo, que estivera o tempo todo à espreita em algum momento desta

narrativa; talvez na hora em que a aventura secreta era planejada ou quando do momento em que virávamos a primeira esquina saindo de nossa rua; ou quem sabe quando parte da comitiva voltava na frente. Ele não apenas havia contado todo o ocorrido para nossa mãe, como acrescentara por conta própria, aos gritos e com requintes de exagero, detalhes mentirosos, como algo sobre termos ultrapassado o limite do município ao invés do bairro.

Ouvimos tudo calados do banheiro. Eu chorava baixinho, meu irmão limpava o sangue do meu joelho enquanto maldizia as mentiras sórdidas do primo. Mamãe ficou muito chateada, mas depois que tudo passou, ela acabou acreditando na nossa versão, que se tornara até aceitável diante das calúnias proferidas pelo nosso delator.

Apesar da confusão e do pequeno drama, esse foi um dos acontecimentos que fazia com que saíssemos, crianças e adultos, daqueles universos distintos, e nos uníssemos por breves porém intensas ocasiões, que, por isso, ficam na memória. É bom saber que aquelas crianças ainda se fazem presentes pra nos dar a mão de vez em quando. ■



## UM VOO MELHOR

*Mônica Leopoldino Silva Fernandes*

Antes de abrir os olhos, ela teve certeza de que ainda não era a hora. Sentiu a escuridão pela fresta da pálpebra semi-cerrada e sentiu medo, ela não queria acordar para mais um dia ruim, cheio de más notícias para o país e para o mundo, cheio de medo de perder mais uma pessoa querida. Ela apertou os olhos e ficou tentando convencer a si mesma de que daria para dormir mais um pouco, que o relógio demoraria para tocar.

Ele que sempre dormia mais, andava amuado nos últimos tempos. O encorajador da companhia acordou com o breve movimento do corpo dela se virando na cama, tentando se aninhar. Ele também tentou manter os olhos fechados, mas não pôde, abriu num flash, como se a rapidez tornasse as coisas mais amenas, como se o fato de enxergar menos o fizesse sentir menos dor.

Não trocaram uma palavra, evitaram movimentos mais bruscos, mantiveram-se firmes, concentrados, pensando um no outro e em si mesmos. Precisavam passar mais um tempo afastados do mundo que andava mais cruel do que o de costume. O mundo estava safado, deixando expostas suas feridas mais feias e fétidas, estava cheio de omissão e morte, estava apartado, pequeno, chato. E embora fosse o mesmo mundo, era também um outro mundo repleto de vírus e de falta de ciência, de muitas mentiras filmadas e fotografadas que a cada dia se tornavam mais convincentes e, mesmo quando eram rebatidas e nocauteadas, levantavam-se e voltavam ao ataque.

Alguns minutos e muita tortura depois, eles abriram os olhos. Ambos sabiam que o outro estava acordado, mas fingiram não saber. Ele se levantou devagarinho e se sentou na cama. Acendeu a luminária no nível mais baixo da luz e abriu a gaveta em busca do remédio. Ela ouvia tudo, percebeu o barulhinho do alumínio sendo rompido para que ele tirasse o comprimido da embalagem, sabia que tinha pouca água na mesa de cabeceira, pensou na importância de lavar aquela garrafa que costumavam levar para cima todas as noites, sentiu a luz passando pela fresta dos olhos ainda fechados e se moveu lentamente, dando um último abraço no travesseiro.

O remédio e o abraço não eram suficientes, eles queriam mais porque estavam cansados, pior que isso, derrubados por causa do trabalho online, do voo que tiveram que dar, dos saltos todos que a cada minuto pareciam mais e mais altos, mas os deixavam muito perto do ponto de partida. E a sintonia fez com que os dois decidissem juntos enfrentar mais um dia de isolamento. Ele se virou para trás procurando os olhos dela que se abriram no mesmo instante. Ela deu um meio sorriso e os dois disseram juntos: Bom dia!

Eles não tinham planos porque não estavam conseguindo pensar, eles não tinham mais ideias porque tinham pensado demais e não gostavam tanto de ser quem eram com sua cultura toda, suas canções, seus poemas. De forma curiosa e triste, sabiam que o que sempre os ligou de modo intenso era insuficiente diante da decepção



que vinham sentindo com as pessoas, com suas próprias reações, com a vida.

Ele perguntou se ainda tinham café e leite e emendou afirmando que, se corresse, daria tempo de comerem juntos antes que cada um fosse para seu canto falar com as “bolinhas cortadas” das câmeras fechadas nas intermináveis reuniões. Ela sorriu amarelo e falou pouco. Não era a mesma, aquela que sempre tinha alguma ideia. Sem sair do lugar, voaram em pensamento, buscando algo distante. Depois dos longos giros de ideias, finalmente retornaram ao mesmo lugar e souberam que tudo o que queriam naquele momento difícil era o que já tinham: Um ao outro! O rádio estava ligado, cheio de números sobre oxigênio e falta dele. Ele bateu no botão, olhou para ela que soltou o traveseiro que não trazia aconchego. Ela se sentou na cama, ele virou todo o corpo em sua direção. Ambos respiraram profundamente, para testar os pulmões ou para resistir e pesar. Sorriram, agora mais confiantes sem o som do rádio, sem falta de ar, com um pouco menos de medo. Fizeram menção de levantar, de pegar o telefone celular para saber se estava tudo bem com a família. Sabiam que o medo ainda estava ali pertinho, fungando em seus cangotes. Pensaram por um tempo e trocaram os aparelhos pelas mãos um do outro. Fizeram tudo isso sem falar uma palavra, porque estavam cansados e apreensivos, porque não tinham muita coisa boa pra dizer. Mas sabiam que podiam trocar o pouco que tinham e que,

na verdade, aquilo era muito. Deitaram-se, aninharam-se um no outro e voaram em seus melhores pensamentos e suas melhores sensações. ■



# ODISSEIA

Natali Gonçalves Inagaki

Nessa Odisseia da vida caminhei, caminhei... sonhei e andei sem pressa degustando cada pedacinho do caminho; sua essência, seu sabor, às vezes frio, às vezes calor, porém o que mais importa no caminhar é não desistir e sempre continuar, “quem está na chuva é para se molhar”, não retroceder, somente avançar, nem sempre é bom, nem sempre é mau, na estrada da vida tudo é desigual.

Ao sair do porto, pensamos apenas em águas serenas, mas seguindo o caminho nas vias fluviais encontramos maré alta, encontramos maré baixa porque na vida nem tudo se encaixa.

Sigo sozinho na amplidão do mar sem destino e sem pressa para chegar.

Chegar aonde, se tudo se esconde? Se esconde da Alma que busca entender o segredo escondido, o porquê de o mundo ser tão dividido.

Por que tantas raças, tantas religiões, tantas virtudes e contradições?

Na verdade, pra seguir nesta viagem, o percurso é muito sério, muito cheio de mistérios e ninguém sabe pra onde vai.

E eu “A Pequena Eva” querendo a última astronave para me salvar, não percebi que, na verdade, tudo mudou nesta viagem da vida, abriu-se uma brecha no espaço e no tempo; o mundo girou e eu girei numa velocidade indefinida.

Então me perguntei;

Onde estão as aventuras que tenho para contar?

E os grandes monstros que tive que enfrentar?

E as guerras?

Ah! As guerras!

E as dores e as feridas que suportei?

Neste exato momento, me teletransportei e vi a guerra dos homens do mal, de ditadores opositores se acabando e

levando outros, tudo pelo egoísmo, pela ganância, desejo ardente de corações andrajosos que não veem e não percebem que são teimosos demais.

O que estão fazendo com este planeta tem gosto de veneno. É muito triste a destruição, dói a alma e fere o coração.

Foi muito rápida a passagem e tantas descobertas, tecnologia e industrialização, tudo desprendido da humanização. Ficamos sempre entre a razão e a emoção.

É muito triste para quem já viveu o sabor do amor sentir o gosto da dor e ver:

Águas revoltas em discordância, fruto da intolerância.

Águas passadas que não vemos mais, pois nessa viagem não se volta atrás. Águas tão fortes que batem no peito, parecem dizer que não há mais respeito.

Águas bravias em muitas vias.

Águas paradas em muitas estradas.

Águas pluviais em muitos quintais.

À noite, a água serena parece dizer que a vida vale a pena, mas volta o dia e o rio rebolado fazendo um estrago danado, muitos na proa e até numa canoa levam uma vida simples e boa, mas, de repente, começam a se perturbar, pois o rio fica louco e desemboca pouco a pouco em afluentes até chegar ao mar, e os fortes vendavais nos jogam contra o cais para não voltarmos jamais. E com uma brecha no espaço e no tempo ficam apenas as lembranças da boa terra, das escarpas e das serras e da vida que se encerra.

E quando perguntarem de onde vens? Responderei apenas, venho de uma viagem Rio-Mar com águas translocadas, com pessoas desesperadas sem saber para onde ir, fui jogada pelo destino e, por isso, estou aqui. ■



# A MENINA DANÇA

Natasha Sonna Santos Verde

Faltava pouco para as 17h quando Cecília subitamente se viu envolta por uma sensação angustiante, afundando cada vez mais em seu sofá. O celular toca e ela dá um sobressalto, era sua amiga Vanessa lhe convidando para ir para praia, dizendo que, no dia seguinte, iriam realizar uma trilha para conhecerem um lugar inesquecível. Sem pensar duas vezes, ela aceitou. Mal olhou a bateria de seu celular e jogou todas as roupas na mochila, biquínis e chinelos foram desajeitadamente incluídos, sua felicidade era tamanha que sua estratégia de pensar claramente em sua organização ficou de fora, ela estava ansiosa por essa viagem de última hora, decidindo se apressar.

Cecília perdeu o fôlego assim que chegou na rodoviária, já era tarde e o último ônibus estava prestes a sair. Por um instante, ela se lembrou que estava sem documento, e de forma desolada começou a insistir para embarcar assim mesmo. O motorista, depois de muita insistência, permitiu o seu embarque. Durante a viagem, Cecília se refugiou em sua música favorita, “A menina dança”, ao colocar seus fones de ouvido. Rapidamente, ela mergulhou em um mundo à parte, esquecendo a angústia que a acompanhava. Com os olhos fechados, era como se pudesse sentir-se dançando naquela estrada. Depois de um tempo, no último gesto em que se imaginava, como em um despertar, ela observa a escuridão pela janela e seu semblante rapidamente muda. Passadas mais de quatro horas de viagem, Cecília pede ao motorista para lhe avisar quando chegasse no ponto certo, o motorista consentiu com a cabeça, sem lhe dar muita atenção. Ela começou a se angustiar novamente, a

escuridão tomava conta e ela não sabia exatamente onde estava. O motorista para o ônibus e resmunga: — Passei do ponto, olhando para ela de forma seca, é melhor você descer rápido e pegar o último ônibus no sentido contrário. Desesperada, Cecília desceu do ônibus e atormentada atravessou a rua. De repente, avistou uma luz que a deixou cega e o último ônibus apareceu. Quando finalmente desceu no ponto certo, sua amiga não estava lá. Em um acesso de coragem, ela se dirigiu a uma casa, na tentativa de usar o telefone, mas estava vazia e o relógio já marcava meia noite. Sua respiração estava ofegante e o estado de perigo tomou conta de seu corpo. Rapidamente, ela direcionou seu olhar para o ambiente com atenção e, em um momento de epifania, tentou recordar o trajeto, visto que já havia visitado a casa anteriormente. Com uma expressão de determinação incomum, ela deu passos rápidos, confiando em sua intuição em meio àquele deserto escuro, pensamentos sombrios passavam à sua cabeça, mas a coragem se tornou mais forte do que o medo. Uma bicicleta passou, e ela sentiu calafrios no estômago, acelerou o passo até finalmente avistar a casa.

Naquele momento, não estava com medo. Estava finalmente livre daquela situação. No dia seguinte, chegaram à tão esperada praia. Cecília se emocionou ao avistar seus amigos reunidos naquele paraíso e não resistiu a desabafar: — Quando pisei neste lugar, tudo parecia desmoronar ao meu redor, o tempo esgotado me fez questionar tudo o que eu conhecia. Mas agora, dentro desta menina, a menina dança. Agora, sua mente estava mais leve e sua face iluminada, dançando ao som do sol que brilhava no horizonte. ■



## AZUL DA COR DO MAR

*Nelsi Maria de Jesus*

Eram dois jovens de distintas classes sociais: Cleo tinha 16 anos, fora criada pelos avós maternos, porém morava com uma tia solteirona e rabugenta. Ela era alegre, inteligente, desprendida, cheia de vida e sonhadora. Em seus sonhos, desenhava um bom emprego, admirava as mulheres elegantes e para concretizar o que almejava, desde muito cedo pensava em arrumar um trabalho para sustentar seus sonhos e a si. Conheceu Daniel. Dizem que os opostos se atraem. Daniel era mais velho um ano, “filhinho de papai”, playboy, rebelde sem causa, não gostava de estudar e nem pensava em trabalhar. No começo do namoro, andavam pelo bairro, iam a lanchonetes e conversavam. Cleo transferiu o ensino médio para o noturno com a intenção de trabalhar durante o dia. E lia, lia muito. Era devoradora de livros. Seus autores preferidos eram Freud, Jung, Melanie Klein e os clássicos da literatura, como Aluísio de Azevedo, Machado de Assis e Fernando Pessoa. Assim como gostava muito das revistas de moda. Estava sempre atualizando.

O jovem casal gostava muito de ouvir música. Sempre juntos, mesmo com o passar do tempo. Cléo trabalhava como secretária júnior. Muito jovem começou e já fazia dupla jornada.

Daniel, por sua vez, foi trabalhar na empresa da família dele e já tinha seu próprio carro. Sempre que possível, ia levar ou buscar a doce e amada Cleo na escola. Num desses dias, quando Daniel chegou, encontrou Cleo falando ao telefone, ele ficou enciumado porque ouviu ela se despedir dizendo: “tchau, boa noite”. “Também te amo muito”. “Não se preocupe, eu me cuido”. Nem sabia com quem ela falava e disparou: “pensei que só amasse a mim”. “Amo muito você”. “Mas também amo minha tia rabugenta.” Se abraçaram e foram fazer um lanchinho na casa dele. No dia seguinte, ela

prestaria vestibular. Estava irrequieta, ansiosa por esse dia, mas logo saberia. Foi muito bem classificada, pois era estudiosa, prestou moda. Passou.

Costumava desenhar roupas femininas. Daniel estava sempre com Cleo, felizes. Ele a apoiava e ficavam horas analisando os desenhos e planejando o futuro. Dizia que a amava, ela só não sabia em qual ordem, porque ele também amava os Beatles, Rolling Stones e Tim Maia. Se fosse ordem alfabética então Cleo era a segunda da lista! Rsrs.

Decidiram alugar uma kitnet para morar juntos. Não tinham absolutamente nada. Conseguiram algumas painéis, dois pratos e alguns talheres. Compraram um fogãozinho e uma cama de solteiro e foram morar juntos. Tudo tranquilo. A paz e harmonia reinavam naquele pequeno apartamento.

Embora Daniel trabalhasse na empresa do pai, esse o transferiu para uma filial em outra cidade com o propósito de afastar o casal, porque os pais dele achavam que era muito jovem para assumir compromisso. Não conseguiram! O jovem ficava no interior trabalhando durante a semana e, na sexta-feira, à noite, já estavam juntos novamente. De certa forma, essa situação era favorável para o casal porque sobrava tempo para Cleo se dedicar aos estudos e ao trabalho uma vez que ela fora convidada por uma indústria de modas para produzir desenhos de roupas. E começou a se destacar no ramo. Ela era notada por ser proativa, tinha iniciativa e criatividade. Muitos convites surgiram para eventos aos quais Daniel se esforçava para acompanhá-la. Nem sempre era possível, pois ele também atendia muitos compromissos na empresa onde estava se destacando.

Cleo tornou-se sócia-proprietária da empresa e abriu filiais em várias cidades, por isso viajava bastante, e no rádio do carro “Azul da cor do Mar” a acompanhava. Gostava tanto dele, tinha seus ideais, era ambiciosa, tinha motivos para sonhar.



Daniel retornou para São Paulo, agora na qualidade de Diretor-Presidente da empresa, uma vez que ele era o filho mais velho e seu pai falecera em consequência de um acidente vascular cerebral hemorrágico.

Um amor que começou na adolescência e que perpetuou até a vida adulta. Formavam o casal perfeito.

Cleo se tornou uma mulher poderosa. Ditadora de moda, com milhares de seguidores. Lançou moda em Paris, Londres e Nova York. Foi capa das revistas mais famosas do mundo, incluindo Vogue. Tinha uma incrível capacidade de liderar pessoas. Era uma mulher incrível: cabelos longos, olhos amendoados, de elegância ímpar. Meiga, suave como uma pluma, doce como mel e compreensiva aos extremos. Seus sonhos eram azuis da cor do mar. Tinha um coração grato e espalhava amor. Nunca perdia a oportunidade de colorir o seu dia e de ser gentil. Nunca fora afeita a futilidades.

Embora estivessem numa situação bastante confortável financeiramente, sentiam que faltava alguma coisa para completar a felicidade de ambos. Assim, após conversarem bastante, decidiram entrar na fila da adoção, uma vez que já sabiam há muito tempo que não poderiam ser pais biológicos. E Cleo gostava tanto dele. Sempre atendia seus pedidos com muito amor e carinho.

Enquanto não chegava a vez deles na fila da adoção, viajavam ouvindo e cantarolando suas músicas favoritas: Azul da cor do Mar e Eu gostava tanto de você. Seguiam em frente firmes, fortes e confiantes.

Muitas vezes, a esperança invadia os corações do casal numa perspectiva de que aquele dia teriam uma criança no lar deles. E esperaram...até que, numa segunda-feira de verão, num dia de céu azul da cor do mar e sol radiante, Cleo estava na Agência de Moda, em reunião, despachando com sua equipe quando o celular vibrou. Olhou, não reconheceu

o contato. Desligou. Passados alguns minutos novamente foi interrompida pelo celular e repetiu a ação anterior.

Na terceira vez, atendeu. Era a assistente social informando que precisavam ir até a instituição para uma entrevista com a diretora, pois a vez deles havia chegado.

Cleo ligou para Daniel e com voz embargada pela emoção disse: “amor, seremos papais”. Daniel: “que notícia maravilhosa, minha querida”, “aí meu Deus, mal posso acreditar que teremos um bebezinho em nossa casa.

Cleo não conseguiu terminar a reunião e entregou a pauta para sua assessora.

Ao chegar em casa, seu fiel escudeiro, um Husky Siberiano, de olhos profundamente azuis da cor do mar e pelos branquinhos como neve, foi saudá-la com uma lambida na mão estendida para acariciá-lo. Seu nome era THOR.

Ela se abaixou e sussurrou no seu ouvido: “Meu querido, seu amiguinho está chegando”. E adentrou pela casa, louca para tomar um banho. Após o banho de quarenta minutos, foi para o closet, escolheu a roupa, pensando nas cores preferidas de Daniel. Depois de algum tempo, optou por um chemise rosé. Desceu as escadas em direção à biblioteca para buscar uma leitura enquanto esperava por Daniel. Quando escutou o portão se abrindo, o livro de Daniel Munduruku intitulado O Banquete dos deuses caiu de suas mãos. O coração acelerou. Afinal, esse era um dia muito especial.

Correu alucinadamente para receber Daniel, se jogou nos seus braços e beijou-o no rosto, o que foi retribuído com carinho e emoção. Pegaram a maleta, que já estava organizada, e foram buscar o bebê. Cléo diminuiu sua rotina de trabalho para ficar mais tempo com Pedro. Seus pais o amavam incondicionalmente.



O tempo foi passando... Pedrinho, após o período regular das aulas, fazia artes marciais, natação, inglês. E precisava fazer leitura diária de um capítulo de livro que escolhia na biblioteca da escola. A vida seguia Azul da cor do mar.

Um dia, Pedrinho pediu aos pais para conhecer o lugar onde o pegaram. Eles o levaram até a instituição. Ele visitou todos os espaços, brincou um pouco com as outras crianças e, na volta, Pedrinho perguntou aos pais se podiam ajudar aquelas crianças de alguma forma. Cleo e Daniel ficaram surpresos e questionaram se tinha alguma sugestão. E por incrível que possa parecer, ele sugeriu criar uma ONG. A ONG Criança Brincante tinha como propósito oferecer espaço de formação e de esportes, cursos profissionalizantes de podologia, culinária, artes cênicas, cabeleireiro, informática, inglês, natação, vôlei, futebol.

Um ano após a fundação, implementaram o curso de alfabetização de adultos. Na abertura, Cleo fez um discurso e finaliza: “quem sofre tem que procurar pelo menos achar razão para viver... ver na vida algum motivo pra sonhar, ter um sonho todo azul. Azul da cor do mar.

Essa ONG dá assistência a muitas famílias. E contribui para a formação de crianças cujos pais não têm condições de assisti-las. E pensar que tudo isso começou com uma pobre menina que um dia sonhou, teve um sonho todo azul...azul da cor do mar. Abraçou cada dia com amor e esperança para fazer valer a pena cada dia. ■



A vida é uma jornada repleta de altos e baixos. Experimentamos alegrias e tristezas, vitórias e derrotas ao longo do caminho. Em nossa trajetória, muitas vezes, idealizamos que tudo deve acontecer “no nosso tempo”. Ansiedades, angústias, medos e aprendizados nos acompanham nesse percurso.

No entanto, é sábia e nos revela a importância da virtude chamada paciência. Ah, paciência, uma palavra tão doce que nem sempre é nossa aliada, mas fundamental para enfrentar os desafios da vida e percorrer os caminhos sinuosos.

Na infância, ansiamos pelo amadurecimento rápido para conquistar nossa independência. Na adolescência, desejamos experiências e liberdade para explorar o mundo. Já na vida adulta, confrontamos a realidade de que muitos dos nossos sonhos e objetivos exigem tempo, esforço e dedicação para serem alcançados.

É aí que encontramos nossa amiga paciência, que nos ensina a importância de esperar pelo “tempo certo”, valorizando os processos e entendendo que esse “tempo” pode ser nosso aliado, não nosso adversário. Ela nos faz reconhecer o valor das pequenas conquistas, dos gestos simples e dos detalhes, e nos ensina que nem tudo está sob nosso controle. Os obstáculos podem se transformar em oportunidades de aprendizado e crescimento. Uma mente serena é essencial para compreender que dificuldades momentâneas podem se traduzir em oportunidades futuras.

Além disso, a paciência nos torna mais compassivos e empáticos. Compreendemos que todos estão travando suas próprias batalhas e que cada um tem seu próprio ritmo.

Isso nos torna mais tolerantes e compreensivos uns com os outros, valorizando o tempo de cada um e oferecendo apoio quando necessário.

Num mundo onde tudo parece acontecer instantaneamente, a frustração pode surgir pela falta de resultados imediatos. Precisamos da sabedoria para entender que as melhores coisas da vida frequentemente levam tempo e que, no momento certo, os frutos serão colhidos, recompensando todo o esforço.

A vida nos proporciona maturidade e paciência, fundamentais para uma jornada plena e gratificante. Aprender a ser paciente é um processo contínuo, mas um dos maiores presentes que podemos nos oferecer.

Afinal, como diz o ditado, “a paciência é amarga, mas seu fruto é doce”. ■



# ERA UMA VEZ

Norma Chie Wakizaka

*Era uma vez.  
O dia em que todo dia era bom.  
Delicioso o gosto e o bom gosto  
das nuvens serem feitas de algodão...*

Certa vez, uma jovem deixou para trás toda uma vida, que agora cabia dentro de sua mochila de pano.

Lembra dos felizes dias na Paris do Oriente, a cidade japonesa de Harbin na antiga Manchúria e da sua grande família de onze. O passeio com as amigas pela avenida *Kitaskaya* seguindo o cheirinho do pão redondo russo e do café da cafeteria *Mars*. As suas janelas refletem as cores do entardecer do rio *Sungari*, em vermelho vivo.

*Eram dias de ingenuidade e de inocência, sem muita preocupação.*

Lembra dos aterrorizantes dias no fim da guerra, em 1945, quando seu amado esposo Samon foi levado para a fronteira russa. Um pensador nato que, no lugar de um livro, empunhara uma arma. Esta pesava mais na alma do que no braço. Os rumores de prisão num campo de trabalho na Sibéria congelavam o seu coração. Tudo virara cinzas, restando uma única foto, do casal cheio de esperança.

*Eram dias em que ao crescer, todos querem voltar do início.*

Mitsue olha para trás e vê pela última vez o seu lar. Precisa viver e voltar para casa. Qual casa? O Japão está tão distante. Agora é apátrida e uma refugiada japonesa na China.

Sob o intenso azul do céu de Harbin, o sol aquece, trazendo um raio de esperança. O retorno para o Japão começa hoje. As poucas crianças saltitam alegres, apesar dos seus corpos magros e sofridos.

Na estação ferroviária, os soldados de Mao Tsé-Tung fiscalizam microscopicamente o primeiro grupo de repatriados japoneses (setembro de 1946).

São quase mil pessoas a serem transportadas em vagões de carga. Ninguém sabe que a viagem de três dias tornar-se-ia uma romaria de trinta dias.

Mitsue dá o primeiro passo em direção à fila de inspeção.

Uma soldada carrancuda examina a mochila. O rosto tão jovem era uma máscara de indiferença. Cabelo dividido em duas tranças, roupas escuras desbotadas largas e um fuzil pende pesadamente nas costas. Ela tira da mochila um pacote e pergunta rispidamente: — O que é? — Mitsue responde em chinês: — “é *paomi* (fubá), o prato favorito de minha família”.

Subitamente o rosto da soldada se transforma, agora numa simpática menina sorridente que aperta forte as mãos de Mitsue.

— Oh, nós também comemos *paomi*. Os japoneses nunca comeriam fubá, dizem que não é comida de gente. Como você fala tão bem nossa língua e come nossa comida?

— Eu nasci japonesa, mas sou chinesa de coração. Amo esta terra onde nasci. Falamos chinês em casa. Sempre comemos *paomi*, como sopa, bolo doce, pão, bolinho,



panqueca e de todas maneiras possíveis. Vivemos aqui há trinta anos, este é o nosso lar.

Shin (este é seu nome) fica feliz em conversar com Mitsue e explica como faz o *paomi* na sua casa, que é assado em chapa quente no calor da lenha.

Imagine esta cena, em meio ao caos do fim de uma guerra, duas meninas falando sobre comida!

Shin lembra das risadas de seus irmãos, brincando no quintal enquanto esperavam assar o *paomi*. Seus olhos ficaram tristes, cheios de saudades de casa. Rapidamente se recompõe e diz:

— Puxa, você é uma de nós!

Ao ouvir estas palavras, uma lágrima furtiva desce pelo rosto de Mitsue. Lembra da família reunida na grande mesa, onde imperava a comida chinesa: *wantan* (sem carne, apenas finíssimas massas sobre o caldo quente, como todos os chineses dos tempos de guerra), *gyoza* e o *paomi*, delicioso bolinho de fubá com geleia de maçã. Seus irmãos menores ficavam correndo em volta do fogo esperando pelos bolinhos.

— Nossos fubás nos unem, realizando o que tantos líderes e militares não conseguiram. O respeito é a chave para entender e aceitar as diferenças. – reflete Mitsue.

Olha para o rosto de Shin, tão nova, carregando uma arma ao invés de um livro ou uma flor.

Com um abraço apertado as duas se despedem, sorrindo. Seus olhos falam o que se cala nos corações: somos irmãs!

— Vá, siga em frente. Boa viagem, irmãzona.

— Adeus, irmãzinha. Seja feliz.

Ah! Se tudo fosse uma grande brincadeira de crianças, onde as brigas acabam em beijos e abraços.

Ah! Se não existissem nem heróis e nem vilões, apenas crianças sem fronteiras.

*É só não permitir  
que a maldade do mundo te pareça normal.  
Pra não perder a magia de acreditar na felicidade real.  
E entender que ela mora no caminho e não no final.  
Era uma vez...*

Aos **vencedores, paomi!!** ■



# PORQUE PAGU ME FAZ POESIA!

*Paula Gardenia Lucena Gallego - pseudônimo: Paula Pagu*

Nas minhas andanças femininas, eu sempre acreditei que, entre medos e vitórias, possivelmente nós, mulheres, viemos como um tipo de fênix com alguma força de fogueira ancestral.

Toda vez que queremos de alguma forma mostrar a nossa coragem em ser mulher e lutar por nós, por quem veio e principalmente para quem vem, conseguimos ir avante na vontade em ter direitos, valores, sorrisos e agrados na vida mais justa para todas as meninas. Nessa musicalidade cotidiana, me sinto mais viva e mostro com minhas rimas que vale a pena sermos unidas.

Nessas narrativas de vida, musicalidade e leitura, vem meu amor por Rita Lee, desde guria, de muito menina.

Sabia que Rita sempre seria algo que mulher pode se sentir alguém a se chamar de história de força, de vida, de Pagu.

A música Pagú é muito isso, um presente em sua voz para todas as mulheres.

Pagú que é a Patrícia Galvão e eu Pagú que sou Paula Gardênia desde os meus tempos de faculdade e de hoje, em que me sinto viva nela e espero que ela em mim através dos meus estudos literários e movimentos culturais.

Meu nome para arte e cultura é Pagu, porque das músicas, acervos e textos de Patrícia Galvão me senti ativa e dela representada a luta por aquilo que se sonha, em sua voz no tanque e no palanque.

Sinto-me intensa, macha pra saber que a batalha em ser mulher é força bruta, numa vida diária pra se fazer ser ouvida, e jamais calada!

De todas as rainhas e heroínas da vida com suas coragens que nem precisam ser agressivas, mas sempre atrevidas ...PAGU! ■



# SEU ALCEU FEZ A PITUCA CHORAR...

*Priscila Aparecida Santos de Oliveira*

Aos sábados, a casa acordava com a música. Música alta que contagiava toda a vizinhança. Vassoura para um lado e o pagode para o outro. Pano passando para cá, e o pagodinho na palma da mão do lado de lá.

Para a tristeza de seu pai, a menina, carinhosamente chamada de Pituca, insistia nas bandas de pagode de sucesso dos anos noventa. Um tal cantor com roupas coloridas entoando um refrão que se repetia, repetia e repetia.

No sofá, seu pai pegava o violão sete cordas e, mesmo com o som alto estourando para todo o bairro, ele arranhava as notas de um chorinho no seu silêncio. No intervalo entre uma música e outra do CD, ele gritava:

— Pituca, você tem que ouvir chorinho! Isso sim é música...

— Depois eu coloco, pai, deixa eu terminar de arrumar a casa primeiro!

E lá ia Pituca, varrendo, dançando e fazendo coreografias ao som do pagodinho.

Seu Alceu era boêmio, gostava de chorinho, bolero, Los Panchos. Queria deixar esse legado para seus três filhos. Mas de que forma? As músicas da moda pareciam ter ganhado todo o espaço naquela casa grande, simples e musical.

A música parou e foi a deixa:

— Acabou esse CD, filha?

— Sim, pai. Agora você já pode ouvir o seu chorinho.

— Eu quero que ele seja o seu chorinho também. Senta aqui, Pituca. Ouve esse choro, que coisa mais linda.

Pituca abriu seu coração e ouviu as primeiras notas do cavaquinho junto com o banjo e o bandolim. O som da flauta doce tornava tudo mais harmônico. O pandeiro marcava o ritmo. Que emoção!

Enquanto Pituca descansava da faxina no sofá, observava admirada que seu pai arranhava alguns tons do chorinho no violão. Encantada, o admirava dedilhar as cordas ao mesmo tempo que também sorria. Os olhos fechados buscavam as notas em algum lugar do céu, enquanto o sol atravessava a fresta da janela da sala e iluminava o seu rosto. Os pés marcavam o tempo da música e a cabeça curvada dava espaço para o braço do violão, ritmando no seu corpo a melodia, numa dança suave e cadenciada.

— Lindo, pai! Chorinho é emocionante, mesmo. Volta na primeira música.

— Volta! Viu, só Pituca? Isso sim é música!!!

Ele sorriu, como se tivesse vencido uma batalha e conquistado o coração da Pituca com o chorinho. E venceu! No outro final de semana, o CD do grupo de pagode já ficou de lado e lá estava o chorinho em alto e bom som.

Pituca assobiava alguns choros e boleros e ainda arriscava o espanhol cantando Los Panchos.

O irmão mais velho batucava os tempos do pandeiro no choro na penteadeira da mãe, que estava preenchida por perfumes. Os preferidos dela, o de flor de laranjeiras e alfazema, pulavam enquanto o batuque acontecia. E ela alertava:

— Menino, não vai quebrar meus perfumes!

Já a caçula, a Pituquinha, corria e brincava pelo corredor e, às vezes, soltava um trequinho do refrão do choro: “lá, láaaa... lá, lá, lá, lá... lá, lá, lá”.

Este era o momento em que o pai buscava seu violão, já velhinho, com as cordas desafinadas e desgastadas e dedilhava o choro que contagiava toda a vizinhança.

— E ... olha lá... o vizinho tá gostando do chorinho também! Tá ouvindo ele assobiar, Pituca?!

— Ele virou chorão também!

Conseguem imaginar a alegria de um pai em ver seus filhos - e até o vizinho - gostarem de uma boa música? Era assim que Alceu se sentia.

Mais tarde, alguns anos depois, com a chegada do primeiro neto, o chorinho virou música de acalanto na hora do soninho do bebê. Depois, o encontro do banjo, do bandolim, do pandeiro e da flauta virou memória.

Em dois mil e dezessete, quando o Pai da Pituca se despediu deste plano, o chorinho virou a ponte entre a lembrança e a saudade. Hoje, ao ouvir o chorinho, a Pituca chora de saudade de seu pai. Saudades do sol atravessando a fresta da janela, do sorriso, dos olhos fechados buscando o céu.

Entre o choro e o chorinho, as lágrimas de saudades ganharam trilha musical.

Seu Alceu fez a Pituca chorar! ■



# PAI... CIÊNCIA

*Priscila Darwiche*

Ciência de que tanta responsabilidade deveria ser compartilhada  
De que, entre dores e alegrias, há na vida pausas  
De que nesse tempo tão breve, há riquezas, há tristezas e há belezas  
E na singularidade em que se apresenta... Paciência!  
Na rigidez das exigências... Paciência!  
Dentre choros e dissabores, dentre dúvidas e temores... Paciência!  
Paciência é colo disponível, é o olhar que compreende...  
Não basta apenas estar, é necessário existir, resistir, reinventar... É necessário criar, criar-se, recriar-se, reescrever...  
Talvez nem haja tempo para ler... Paciência!  
Paciência é o braço que recebe e a mão que alimenta, paciência são passos largos, são movimentos lentos  
Paciência é dar um jeito, no próprio jeito de não haver saídas  
Saia, entre, rasteje, escale, pule, equilibre-se... Movimente-se!  
E nas pausas que a vida pede, descanse, respire, reencontre-se, recupere-se...  
Não se perca entre tocas de lobos ou entre embarcações por jacarés ameaçados... O meio do caminho pede paciência, seguir pelo caminho exige que você a tenha.  
E num emaranhado de teorias e leis, encontre a lucidez, respire sensibilidade  
Que não lhe envaideçam os elogios dos mestres, mas que se curvem ao olhar de uma criança... Se lhe pedem que a veja, a enxergue; se lhe exigem que a escute... a ouça! Se esperam que a auxilie, permita-se viajar em sua infância, ressignificar suas dores, enfeitar sua alma.  
Paciência... A infância tem o tempo de um suspiro... Talvez o suspiro de paciência que necessita o continuar.  
Respire... Continue...  
Afinal, “A vida é tão rara... Tão rara!” ■

# O MESTRE-SALA DOS MARES

Priscila Pettine

133



O navegante negro  
Como o da canção da Elis,  
Atracou em meu peito  
E não pude resistir.

O almirante me mirava  
E nascia algo ali  
Entre a palavra e o toque  
A amizade então surgiu.

Nos surpreendia a noite  
Em tom ébrio sobre nós  
Jorrando sons insanos,  
Como no mundo de Oz.

Gloriosa foi a noite em que apareceu  
Jorrando maestria  
Inundando o coração,  
Sei que a sorte então foi minha,  
Me salvando do dragão.

Enrubesceu a face,  
Navegou em minha arte,  
E se fez de inspiração.

E de modo glorioso,  
Pelo mar mais tortuoso,  
Embarcou ao lado meu.

Mas foi tão velozmente,  
Tão depressa, e de repente,  
Também desapareceu.

Só restando tua imagem,  
Teu semblante em minha arte,  
Marca em forma de canção.

Salvarei nossa memória,  
Teus encantos,  
Tua glória,  
Teu enredo em meio ao meu.

Lembrarei todo teu porte,  
Teu tempero,  
Tua sorte,  
Batalhas e derrotas vis.

Confundindo o mar de azar,  
Que estava a me afundar,  
Me salvando veio assim,

Aquele moço glorioso,  
Negro e todo esplendoroso,  
Salve! O tom vitorioso,  
De quem há muito tempo atrás  
Tive a sorte de encontrar. ■



# MINHA VIDA

*Rafael Marques da Silva*

Lupe era uma linda menina de 5 anos que vivia com seus pais em uma cidade metropolitana de São Paulo. Ela frequentava a escola, tinha muitos amigos e amava ouvir histórias.

Sua mãe, Beth, era psicóloga e artista plástica. Rui, o pai de Lupe, era professor de História. A pequena Lupe era muito amada e querida pelos seus pais e também por sua bisavó, a senhora Bertha.

Aos finais de semana, Lupe visitava a sua querida bisavó de 97 anos, que morava em uma tranquila cidade do interior de São Paulo, amava livros, gatos e era a fã número 1 da cantora Rita Lee.

A bisá Bertha adorava ler, contar histórias e cantar as músicas da Rita Lee para a Lupe. Ao lado da lareira, com uma xícara de chocolate quente, ela viajava ouvindo as histórias e as canções que a bisá contava e cantava.

— Lupe, você já ouviu alguma música da Rita?

— Quem é Rita, bisá?

— Ah, a Rita Lee foi e sempre será uma das maiores cantoras do nosso país. A música que eu mais gosto de ouvi-la cantar se chama “Minha vida”. Diz mais ou menos assim: “Tem lugares que me lembram minha vida, por onde andei. As histórias, os caminhos. O destino que mudei.” Lupe, querida, quer ouvir mais uma história ou mais uma música?

— Bisá, quero uma história de aventuras com dragões, dinossauros e seres encantados...

As preferidas de Lupe eram as histórias de mistérios e fantasias com bruxas, feitiçeras, fadas, magos e duendes.

A pequena Lupe também gostava de histórias com príncipes e princesas africanos. Com essas histórias que a bisá contava, ela conheceu os quatro cantos do planeta Terra. Entretanto, aquela música da Rita, que a bisá cantou, ficou ecoando em sua cabeça... “Tem pessoas que a gente não esquece nem se esquecer”.

A bisá Bertha também falava de assuntos tristes e necessários que fazem parte da natureza da vida, como a morte. Lupe não entendia muito bem:

— O que é morrer, bisá?

— Morrer é dormir e nunca mais acordar, Lupe.

— Eu nunca mais vou dormir. Não quero morrer!

— Lupe, não é bem assim. Pode dormir tranquila.

— Então como é, bisá?

— Quando uma pessoa morre, nós nunca mais a veremos, mas ela continuará viva em nossas lembranças e memórias. Sabe, quando a sua mãe era criança igual a você, seu cachorrinho de estimação morreu. Ela sofreu muito, mas guardou as boas memórias dele.

— Todo mundo morre?

— Sim, Lupe. Um dia todos nós iremos morrer. Pode ser por doença, acidente ou velhice.

— Eu não quero que você morra, bisá!

— Ah, Lupe. Vou me lembrar disso com carinho!

— Bisá, é sobre isso que a Rita Lee fala naquela música quando ela diz: “De você me lembro mais, de você não esqueço jamais”?

— Pode ser sobre isso também, Lupe. Eu nunca tinha pensado nessa música por esse lado.



Na volta para sua casa, Lupe continuou pensando na morte, no que significava morrer e cantarolando a música da Rita Lee... “Cenas do meu filme em preto e branco, que o vento levou e o tempo traz”. Ela se lembrou do dia que o seu peixinho morreu, ficou muito triste naquele dia e chorou bastante.

Sua mãe disse que morrer era fechar os olhos para sempre e virar uma estrelinha no céu. Rui, o pai de Lupe, explicou que para ele quando uma pessoa morre é como se ela virasse em uma curva na estrada. Nós não conseguimos mais vê-la, mas ela continua existindo em algum lugar. Ficam as boas lembranças e as memórias do tempo que vivemos com essa pessoa.

Lupe adormeceu e sonhou com príncipes, princesas, dragões, fadas e com a Rita Lee cantando a música “Minha vida”. Já era madrugada quando o telefone da casa de Lupe tocou e seu pai o atendeu. Rui foi até o quarto da filha e a acordou:

— Filha, lembra! Precisamos conversar.

— O que aconteceu, papai?

— Arrume-se, precisamos sair.

Com a ajuda de sua mãe, a menina se vestiu.

— Para onde estamos indo, mamãe?

— Vamos para a casa da bisá. No caminho a gente conversa.

Durante a viagem até a casa da bisá Bertha, seus pais lhe contaram o que havia acontecido. A bisá, após mais um dia comum como tantos outros, repleto de livros e canções, faleceu subitamente enquanto dormia um sono bem gostoso e tranquilo.

— A bisá entrou em uma curva na estrada, papai?

— Foi isso mesmo, Lupe! Você quer falar sobre o que está sentindo?

— Estou com saudades da bisá Bertha!

— Eu sei disso, querida! Tente se lembrar dos bons momentos que você teve com ela, das histórias e canções que ela lia, contava e cantava pra você. Depois, se você preferir, podemos ver fotos e falar sobre a bisá Bertha sempre que você quiser.

Lupe se lembrou da canção preferida da bisá e cantarolou: “Tem lugares que me lembram minha vida, por onde andei, as histórias, os caminhos, os destinos que eu mudei, cenas do meu filme em branco e preto, que o vento levou e o tempo traz, entre todos os amores e amigos de você me lembro mais, tem pessoas que a gente não se esquece nem se esqueceu...”

— Bisá, “de você me lembro mais, de você não me esqueço jamais” !

Seus pais a abraçaram e falaram que tinham certeza de que a bisá Bertha também sentiria muito a sua falta, mas que as boas lembranças e recordações também iriam consolá-la. ■



# REINO MEU, REINO MEU

*Regiane Cristina Mendes Melo*

No reino encantado de um Estado atípico, o jovem herói, resoluto de suas conquistas, almejava conquistar o coração da donzela mais formosa que ele conhecera. Samanta era o nome da gentil moça, ornada de joias preciosíssimas, vestidos das melhores grifes, maquiagens de altíssima cobertura...

Samanta era perfeita para Bruno, um jovem cidadão interiorano com um currículo invejável de batalhas e lutas em seu curto tempo de vida.

Ela representava o troféu que ele tanto merecia, o prêmio que ele tanto buscava por seus inigualáveis feitos... Samanta, ah, doce donzela desprotegida!

Mas os costumes daquele reino pregavam que apenas uma mulher não bastava para um homem tão cheio de conquistas e Bruno, que era cumpridor fiel das leis de sua terra, possuía mais 3 noivas, as quais ele delicadamente nomeara como : Segunda, Quarta e Sexta.

As noivas semanais do excelso campeão sabiam da existência de Samanta e do lugar que esta ocuparia assim que fosse dada às bodas para o protagonista, porém Samanta desconhecia a existência das demais e, na ilusão de ser ímpar e insubstituível, a manceba construía altas torres de castelos suntuosos e repletos de delírio.

O casamento foi pomposo, digno de um Rei. Samanta, ainda muito jovem, assumiu o título de Princesa, pois as demandas de uma Rainha ainda eram demasiadamente severas para ela.

Bruno era um monarca caridoso, sua única preocupação limitava-se a exigir de seu povoado que se amassem, que alcançassem o deleite sublime da felicidade, que se fartassem de tanta paixão. E para aqueles que ousassem desobedecer a principal lei, os carrancudos e sorumbáticos, punições extremamente dolorosas e severas.

Sexta, a mais consumida por aquela condição de segunda opção, iniciou uma trama muito bem elaborada para

derrubar os castelos de sonhos daquela que casara-se com seu homem. Atormentava-lhe a ideia de vê-la radiante, plena e sem vestes a cavalgar pelos maravilhosos bosques do reino.

O fruto da paixão do jovem casal foi anunciado ao soberano que não contendo suas lágrimas decidiu que sua atenção e amor seriam, daquele momento em diante, dedicados apenas à Samanta e ao filho que esperavam. No entanto, sexta acompanhada e fortalecida com suas aliadas igualmente desprezadas, executou com maestria sua conspiração.

Já era tarde demais... Nunca mais a Princesa fora vista!

Para o Reinante, apenas a saudade de uma vida cheia de promessas de regozijo e exultação, a realidade, apenas a saudade...

O reino do Amor nunca mais contemplaria um dia ensolarado novamente. ■



Naquela manhã nublada,  
notei que precisava manter a minha dignidade  
Quando minha cor da noite  
Era fator para resgatar a minha identidade

Entrei no elevador social  
Olharam de soslaio pra mim  
Pra que o elevador de serviço?  
Não posso ser submisso.

A mulher cor de leite se afastou e reclamou  
Não quero ceder. Quero a vitória!  
O açoite ficou com meus antepassados  
Não posso ficar engessado.

Ergui minha cabeça  
Sou preto com orgulho  
Pra que ter medo  
Diante de tanto preconceito?

Enquanto o elevador subia  
Cenas de navios negreiros  
Vinham à mente  
Como verdadeiras serpentes

Picadas destas que são marcas  
De um passado doloroso  
Que ainda reverberam no meu presente  
E não são menos espinhosos

O elevador parou  
As portas se abriram  
Em meio aos descontentamentos  
Névoa nenhuma barrou meu seguimento

Respirei fundo!

Lembrei-me de meus avós pretos  
Minha luta é com minha identidade  
Sou herança da memória.  
Sou fato da história.

Não quero ceder. Quero a vitória! ■



# SINA

Renata Aparecida da Silva Fico

Em uma tarde encantada, o céu azul pintado à mão, o destino, o desejo, a sina. Arthur Caetano caminhava pelas ruas de paralelepípedo do centro de Paraty. Estava por lá, passarinhando como seus pais outrora faziam, pois gostavam muito. O ar, o mar e as cores daquele hogar<sup>1</sup> e os acordes de “Sina”, canção de Djavan, bailavam em seus ouvidos, vindos de algum canto, um bar.

Caminhava perto da igrejinha enquanto refletia sobre as veredas da vida, travessia. A música atravessava-o. Aquele ritmo fascinante e a poesia das letras o faziam sentir como se cada nota fosse escrita para ele; era algo profundo, uma conexão consigo mesmo. Além de homenagear a matriarca da família de sua mãe, a avó Caetana, seria seu nome uma homenagem à música brasileira que seus pais tanto admiravam?

Pai e mãe, ouro de mina – o verso da música ecoava em sua mente enquanto observava as pessoas passando, cada uma imersa em suas vidas, olhares. Teve vontade de fazer uma tatuagem com esse verso. Arthur Caetano sabia que, assim como a música de Djavan, sua trajetória era repleta de contrastes e sinestésias. Seu nome, escolhido por seus pais, carregava o belo, a lembrança de suas raízes e da rica cultura de seu país. De algum modo, “Sina” refletia tudo isso – a complexidade inerente do viver.

À medida que o sol começava a se pôr, colorindo o céu de tons amarelos, Arthur Caetano sentia-se grato por aquele momento, o encontro. A música e sua habilidade única

de captar a essência da experiência humana era como uma ponte entre ele e os sentidos íntimos de seu nome, um elo entre o passado e aquele presente, entre o azul e o amarelo, tudo o mais, pura beleza e jazz.

Soube que a vida, cheia de desafios, o convidava à determinação de viver em consonância com sua sina – abraçando sua herança, explorando novos horizontes e encontrando beleza nas travessias, superar os desafios e querer caetanear o que há de bom. ■

1

Palavra de origem espanhola que significa - lar

# UM GIRASSOL DA COR DO SEU CABELO

*Roberto Carlos Soares Sobrinho*



Ainda moro nesta mesma rua. O paralelepípedo revestido pelo asfalto ruim que vive esburacado. A penúltima casa, do lado direito de quem sobe a ladeira. O alpendre com samambaias e antúrios, a tinta bege retocada a cada dois ou três anos. O telhado apodrecendo rápido, o cimentado do quintal rachando aqui e ali, com o capim amaldiçoado. Do outro lado da rua ainda há poucas construções, e a sua antiga casa, por tantos anos alugada para sua família, foi vendida e depois abandonada. Agora, à noite, tem um ar fantasmagórico e talvez esconda algum ladrão de galinhas – é o que temos de mais valioso por aqui. Mas, durante o dia, as crianças instalam uma balbúrdia com seus jogos e brincadeiras e até me divirto um pouco com suas fantasias heroicas. São sempre destemidas nas suas lutas intermináveis contra o mal. Éramos assim?

Meu irmão, o primogênito, casou-se em São Paulo. Provavelmente você deve ter sabido por causa desse povo mexeriqueiro. Acho que é feliz, apesar de continuar escondendo os sentimentos. Quando telefona, aos domingos à tarde, pergunta as mesmas coisas – do tempo, dos seus conhecidos, de alguma novidade – mas responde superficialmente às minhas perguntas. Minha irmã continua com aquele traste e sequer consegue engravidar. Escondida dele, ela passa por aqui durante a semana. O pai, finalmente desistimos de procurar. Que se dane. E a mãe morreu. Mas não consigo falar disso agora.

No fim das tardes ajeito no alpendre a cadeira para ver melhor o pôr do sol. Você já percebeu que o sol vai se pondo em pontos diferentes ao longo do ano? Entre janeiro e

março ele se põe atrás da mangueira do seu antigo quintal. A copa meio desfolhada deixa transpassar alguns raios, e o céu fica ainda mais bonito. Nunca mais deu manga. As árvores abandonadas também não frutificam? O mato crescido no último verão é que tem atrapalhado a minha vista. De lá têm vindo muitos insetos e até uma cobra. Pequena, esverdeada, que espantei com a vassoura. E lembrar que seu pai cuidava com tanta dedicação daquele pomar: da mangueira, das jabuticabeiras e das goiabeiras, árvores das nossas frutas preferidas. E da horta, de onde, para minha surpresa, certa vez você arrancou uma cenoura, limpou no vestido mostrando o alto das coxas, e deu para eu comer. Passávamos tanto tempo no quintal que sua mãe, talvez preocupada, gritava e voltávamos limpando a boca lambuzada de alguma fruta. O sol desaparece tão rápido quanto os lampejos dessas evocações.

Agora em maio, com as primeiras ondas de frio, antes de trabalhar volto ao alpendre para ver secar o orvalho. Em pouco tempo, o céu sem nuvens se torna tão azul. O azul da sua obsessão. Uma mania fácil de explicar: imagino que desde o nascimento não há um dia sem que alguém, admirado, elogie seus olhos. Um sumidouro anil marinho. Por isso, quando encontrei na feirinha a estrela do mar, juntei todo o meu dinheiro para lhe dar de presente. E embulhei no celofane azul. Sua felicidade foi tanta que achei que podia me aliviar daquela paixão secreta. Aos trambolhões confessei o essencial de um amor intenso: a quantidade de horas que gastava pensando em você, a vontade de fugirmos para um lugar distante, a necessidade de todos os beijos que há muito ansiava. De supetão, avancei para beijá-la, mal tocando seus



lábios, e sussurrei se queria morar comigo. Tamanho absurdo que não sei se aquela expressão de asco foi pelo toque dos lábios ou pela proposta indecente. Afastou-se de mim. E depois mandou sua mãe dizer que estava doente ou que tinha saído, nos vários dias subsequentes que bati na sua porta.

Daqui da minha cadeira vi você passar com o novo marido: as entradas da calvície, a barriguinha saliente e os cambitos. Uma cara de parvo. Então quais são os encantos dele? Os seus estão mais chamativos. A textura de adolescente no corpo maduro, o andar esguio e flutuante, o cabelo de girassol tropical, avermelhado. Derrubei um dos vasos de samambaia, mas não foi para chamar a sua atenção. Antes preferia observá-la sem o risco de você acelerar o passo. Não queria que visse a miséria da casa, a minha própria miséria. E não teve jeito. Como se levasse um susto, você virou para cá, os olhos anis, sumidouro, e pareceu não ver essa carcaça, mas nossa infância e adolescência. Talvez tenha sorrido, quase um esgar da boca em um rosto condescendente, simpático. E um ar de desprezo para o marido quando ele pediu que adiantasse o passo. Pensei em correr até o portão e gritar sobre a minha mãe. Mas fui lentamente e já tinham virado a esquina.

Agora prolongo as manhãs e as tardes que se tornaram de espera. Quem sabe a que horas você pode passar. Sozinha, como quem está perdida. Como quem se divorciou e precisa com urgência de uma casa para alugar ou para passar alguns dias. Como quem se arrepende e quer recuperar o tempo perdido. Há algo poético nessa esperança, como se distinguísse os prótons e os elétrons da luz solar, o viço do verde das samambaias e dos antúrios, o alaranjado do ocaso por trás da mangueira. Amanhã começa a lua cheia. Você sabe do meu misticismo com as fases da lua. Lembra de

quando e como nos conhecemos? Já está tudo pronto. O vestido. O vestido azul que eu mesma costurei e que ficou perfeito em mim. Você vem?

Será que é tarde demais? ■



# TENTE OUTRA VEZ

*Rodrigo de Macedo França – pseudônimo: Rfrança*

Tentaram nos matar e escolhemos não morrer, e sim, viver para nos eternizar;  
Tentaram nos adoecer e escolhemos nos imunizar com amor-próprio;  
Tentaram nos mudar e escolhemos nos refazer, nos ressignificar, nos reconstruir;  
Tentaram nos derrubar e escolhemos nos levantar;  
Tentaram nos aprisionar num “armário” e escolhemos sair e escancarar suas portas;  
Tentaram nos esconder do mundo e escolhemos aparecer e revelar nossas identidades;  
Tentaram nos silenciar e escolhemos falar, cantar e dançar;  
Tentaram nos entristecer e escolhemos sorrir, erguer a cabeça e seguir;  
Tentaram nos apagar e escolhemos nos escrever, nos publicar;  
Tentaram nos condenar e escolhemos nos absolver e nos emancipar das prisões e julgamentos humanos;  
TENTAM nos tirar os direitos conquistados, mas lutaremos pela justiça, igualdade e liberdade;  
Tentaram, Tentam e tentarão se levantar contra nós, mas nunca conseguirão,  
pois SOMOS RESILIÊNCIA! SOMOS RESISTÊNCIA!  
SEMPRE nos levantaremos para lutar por nossos direitos, principalmente o de sermos e existirmos! ■



# CONSTRUÇÃO

Rogério Dias Micheletti

O tempo é a narrativa que dele fazemos. Quando nos damos conta disto, nada mais resta senão fazer uma escolha. Que escolha é essa? Depende da pergunta que nosso espírito estiver pronto para formular.

Pedro pedreiro habituou-se a trabalhar o dia inteiro. A cada lata de concreto, a cada nova viga com suor erguida, a cidade se estendia e ganhava vida numa dissonante música urbana. Sinfonia de buzinas, roncões dos mais variados motores, sirenes, gritos e silêncios.

Via o sol recolher-se para o merecido descanso através dos vidros do sempre abarrotado coletivo enquanto ruminava o dia seguinte: precisaria de mais materiais da casa de construção; tinha de economizar no marmiteix, não teria para todo o mês; sem outro ajudante não entregaria o serviço em tempo...

Já em seu velho, mas acolhedor sofá, jantava a mesma refeição da qual não tinha mais ideia do que era. O gosto era sempre o mesmo, apesar do caprichoso tempero de Josefa, sempre se virando com os mesmos alho e sal de todos os dias. Via, e talvez até ouvisse, as últimas notícias na telinha plana. Via os lábios de Josefa mexerem-se incansavelmente. Das suas duas crianças via o ritmo acelerado dos corpos ainda pequenos, mas nada entendia. Apenas via.

Naquela noite, no entanto, coisa estranha: Pedro, nosso pedreiro, não dormiu seu sono de treva profunda até que o alarme anunciasse o recomeço. Observou demoradamente o mofo do teto que há muito prometera limpar e pintar. Entre as antigas manchas, notou que ali incrustavam-se recordações, como o dia da mudança, quando, recém-chegados da seca, acharam graça por ter tanta água naquela cidade que até no verão ela achava de se esconder na sujeira, ou, cerca de um ano depois, quando faltava esperança no prato e as manchas no teto tinham dobrado de quantidade e tamanho, ou ainda agora, quando a labuta pesada, só com muita fé, um bocadinho de feijão paga, e nos cômodos diminutos o mofo se espalha e tira do sujo ar umedecido a graça.

De súbito, então, deu-se conta de que nossa cabeça é feita para contar histórias. De que essas histórias acontecem num tempo e lugar. Diante dessa descoberta, virou-se, abraçou e amou sua mulher como se fosse a última.

Antes do alarme do celular, ainda por pagar, levantou-se e tomou café como se fosse o último.

Atravessou a porta a ranger como se esta dissesse-lhe um estridente, prolongado e sombrio “bom dia.” Ganhou as ruas como se fosse sábado.

Chegou à obra como se fosse tarde de domingo e subiu andaime por andaime com os olhos embotados de cimento e desencanto, enquanto olhava as ruas e avenidas distantes como o sonho da vida boa, da vida plena. O sentido da vida corria longe pela longínqua via cinzenta e fria, no asfalto úmido de outono.

— Cê tá bem? – perguntara uma voz rouca advinda de algum lugar remoto.

— Bota o equipamento de segurança antes que a chefia te pega e te faz descê. Tá achando que pode vuá feito pardal, compadi? – insistiu a voz, desta vez um pouco mais próxima.

“Vuá feito pardal...” a comparação irônica ecoava-lhe à mente. E essa mente voou com as asas da rasga-mortalha sobre a existência esvaziada tão cheia de desnecessidades.

Pedro pedreiro equilibrou-se com os passos de um bêbado sobre os andaimes flácidos da construção óbvia e cantou como se fosse o primeiro.

Memória e cotidiano embrulharam-se no instante. Foi então que, envolto por asas mágicas, errou pelo ar tal pássaro de asa ferida em desenhos exclamativos de uma alma reticente.

Pedro espalhou-se pela realidade concreta e fria do asfalto encharcado atrapalhando o passeio público, todavia a visão da mente sobre a matéria de Otto Rap ainda renderá instantes funestos de curtidas em stories digitais sem narrativas, colorindo nossas existências sob as cores do velho Goya. ■



# MEU MUNDO E NADA MAIS

*Rosana Dal Bello Bezerra*

Todos os dias, depois de ser ferido na escola com palavras duras e cruéis, Guilherme entrava com os olhos marejados na cabana secreta de lençóis que construiu no canto do seu quarto. Lá guardava seus tesouros mais valiosos, seus brinquedos favoritos, suas figurinhas raras e todos os seus segredos. Dentro da cabana havia um caderno em que ele desenhava seus personagens, heróis, jogadores e carros favoritos.

Uma vez, ele levou o caderno para a escola para mostrar aos seus amigos, mas Gabriel, um colega bagunceiro que encrencava com todo mundo, tomou-o de sua mão à força e rasgou o desenho mais perfeito e caprichado que havia levado horas para terminar.

Gabriel ofendia Guilherme frequentemente e por mais que a direção ligasse para a sua mãe, ela não aparecia, e se aparecia, não resolvia o problema de comportamento do menino e, por mais que tentasse, Guilherme não conseguia revidar as maldades ou lhe desejar o mal. Por várias ocasiões, conseguia fugir, se esconder ou inventar qualquer desculpa para faltar à aula e se ver livre, por pelo menos um dia da chacota, humilhação e surra, onde, provavelmente, outros meninos inocentes tomariam o seu lugar. O garoto brigão tentava ferir de todas as maneiras quem atravessasse o seu caminho, mas também se sentia ferido de alguma forma, e as histórias e canções bonitas não lhe comoviam mais.

Toda vez que apanhava ou era ofendido, Guilherme desenhava o garoto, alvo de sua tristeza, na figura de um anjo sorrindo e feliz, com auréola e tudo. A cabana era seu refúgio e os desenhos, sua oração. Isso jamais resolveria os seus problemas, mas, pelo menos, eram alguns momentos de paz que ele passava consigo mesmo, sonhando com seu mundo e nada mais.

Guilherme desenhava o anjo por dois anos, até que, um dia, a mãe do menino valentão faleceu de uma doença

grave. Gabriel havia sido abandonado pelo pai quando nasceu e como não havia outros parentes, foi levado para um abrigo.

A partir daquele dia, Gabriel permaneceu quieto por alguns meses na aula. Estava mudo, estava mudado e daria tudo por um modo de esquecer a paz que nunca teve. Não perturbava, não xingava, não batia em ninguém. Guilherme entendeu que apesar de se sentir ferido, sua ferida não era tão grande quanto a dele, então parou de desenhar o anjo e passou a desenhar o colega de classe dentro de uma cabana, protegido por seus tesouros mais valiosos.

Em poucos meses, ele teve a grande sorte de ser adotado, já que crianças mais velhas são menos procuradas para adoção. Sua nova família era boa e amorosa, e ele foi curado de suas feridas.

Outros meninos continuaram a ser ofendidos todos os dias por outros valentões; sem motivo, sem causa, sem razão, sem porquê, sem fundamento. Só de olhar, só de existir, só de respirar, e Guilherme continua a voltar da escola todos os dias pensando por que algumas pessoas acham que ferindo os outros vão transferir seus problemas para outro lugar e, talvez, o que nos resta seja mesmo os desenhos nos cadernos secretos da nossa mente, onde possamos diminuir o mal dos que nos ferem, cicatrizar a ferida dos feridos e aumentar a esperança dos que curam. ■



# ALUCINAÇÃO

*Rosana Rodrigues Nagata*

Como todos os dias, acordou, preparou-se para mais um dia. Sabia que o mundo era real, não se interessava por nenhuma teoria, nem por nenhuma fantasia nem no algo mais... Olhava as pessoas nos olhos, era observadora, cumpria com sua obrigação, amava as pessoas e tudo o que vivia.

Durante o caminho, ainda no ônibus, levantou-se para dar lugar a uma mulher segurando um bebê, enquanto todos faziam dela um ser invisível. Conversaram um pouco, na medida que pôde, falaram sobre a vida, porque, às vezes, alivia; e a moça parecia um pouco aflita, estava atrasada, o bebê não estava bem, mas a patroa não queria saber dos problemas pessoais dela, pareciam que eram feitas de matéria e espírito diferente...

Nas ruas, via um pouco mais do mesmo, as pessoas naturalizaram a falta de dignidade humana, a solidão das pessoas cinzas normais, a violência do dia e da noite. O assombro da dor humana de cada transeunte torna-se vaga na passagem do dia a dia.

Era professora, as pessoas cobravam perfeição em suas atitudes e brilhantismo no desenvolvimento de suas aulas, só se esqueciam que, embora se esforçasse muito, não era perfeita e tinha muito o que aprender e aprendia a cada momento em todos os seus fazeres. Sabia reconhecer seus erros e sentia amor ao lidar com as pessoas, que eram diferentes, mas pertencentes ao mundo em que vivem e, por isso, iguais.

Ao voltar, a cena de policiais cumprindo seu duro dever e defendendo o seu amor e nossa vida... Crianças nos faróis, doces noites no tráfego intenso; luzes que colocam em foco a verdade da vida.

Não, ela nunca vai se interessar por nenhuma teoria, a sua alucinação é suportar o dia a dia, porque amar e mudar as coisas lhe interessa muito mais. ■



# O MUNDO ANDA TÃO COMPLICADO

*Rosangela Aparecida Paschoal Brighenti Dayyoub*

Dia 4 – o dia da mudança:

Acordei novamente com a música do Roberto, acho que alguém por aqui é apaixonado por ele, só realmente não sei como fazer para descobrir qual dos mil e tantos apartamentos insiste em utilizar “Abandono” do rei como toque de despertar para o prédio inteiro em pleno sábado. Nota mental: ouvir mais minha mãe antes de sair alugando apartamentos. Mas a promessa das aventuras deste prédio icônico me seduziu logo de cara, sem contar que, para uma estudante de arquitetura, poder morar em um local idealizado por Niemeyer é algo indescritível.

Olho para o celular e penso se tenho realmente que me levantar agora, teoricamente ainda tenho 30 minutos até o meu alarme com “Que país é esse?” tocar, mas acho que depois de ouvir o rei repetidas vezes vou acabar sonhando com ele, caso ainda consiga voltar a dormir.

Decido que é melhor me levantar e tentar arrumar o que dá antes de entregarem os móveis. Não pense que é muita coisa não, neste pequeno cubículo, a quantidade de coisas está estritamente contada: uma geladeira pequena, um fogão de quatro bocas, uma cama, um sofá para dois, uma mesa também para dois (nem sabia que existia algo assim), e alguns bancos dobráveis de madeira, para quando recebermos os amigos.

Minha avó se ofereceu para costurar e “crochetar” almofadas de tamanhos variados para utilizarmos tanto na decoração como para sentar. Se bem a conheço, terei almofadas lindas, coloridas e em quantidade suficiente para receber toda a galera da faculdade.

Minha mãe fez questão de providenciar algumas plantas que nem sei se sobreviverão, não herdei o dedo verde

da família, mas me sinto confortável de olhar para elas penduradas na janela enquanto tomo minha caneca de chá toda manhã.

Olho para o lado e vejo o Jr. dormindo como uma criança, a boca aberta, esparramado pela cama – sim, não vai ser fácil me acostumar a isso, mas, quando se ama, é preciso fazer algumas concessões. Ontem ficamos conversando até tarde, contando sobre tudo o que nos aconteceu durante o dia, fizemos planos para o final de semana – a primeira feijoada com a turma, e somente quando nossos olhos já não aguentavam mais ficar abertos é que decidimos dormir. A sensação foi tão boa, não precisar se despedir, não precisar fazer todo o percurso de volta para casa. Essa sensação de proximidade, de cumplicidade é tão boa. Fomos muito criticados por termos decidido começar uma vida juntos sem nem ao menos termos terminado a faculdade, sem termos empregos estáveis, sem uma casa própria, sem economias de anos, sem termos “um gato pra puxar pelo rabo”, como minha mãe sempre fala. Mas estar aqui juntos é tão bom que não me incomodo em ter menos espaço na cama, de contar o dinheiro para as compras do mês ou até mesmo de ter que abaixar a tampa do vaso toda vez que vou ao banheiro.

Quando estamos juntos me sinto invencível e não aceito que me digam que sou muito nova para saber o que é o amor. Sei que nosso amor é verdadeiro, que vamos construir uma vida juntos e que nosso mundo será diferente, não importando que neste momento ele ainda seja frágil e pequeno. Prefiro ouvir “o mundo anda tão complicado” e pensar que o Renato escreveu a letra para nós dois, e que, de alguma forma, ele nos diz que sim, “tudo vai dar certo!” ■



## O PEQUENO BURGUEÊS

*Samir Ahmad dos Santos Mustapha*

Quando vi no mural da Faculdade o meu nome na lista dos aprovados fiquei sem reação. Voltei para casa pensando o quanto a minha vida iria mudar dali em diante. Ao entrar na porta do barraco, minha esposa, com meu filho mais novo em seu colo chorando, ficou surpresa com meu olhar marejado:

— Passei, passei! O filho de Dona Luzia e do Seu Alcides vai ser doutor! – extravasei.

Era o longínquo ano de 1968. Eu, um morador do morro, preto e pobre, que com muita labuta terminara o colegial, já que estudava à noite para trabalhar, e, agora, tinha a audácia de querer estudar Direito, o mesmo curso de tantos bacanas engomadinhos que eu recepcionava no escritório de meu chefe.

Mas, depois da alegria inicial, viria a dura realidade: a faculdade era particular! Gastei uma fortuna com livros e taxas. Eu nunca vou esquecer os empréstimos que peguei, inclusive com o meu patrão, que descontava de meu mirrado salário cada centavo que me adiantava.

Tempos turvos, cinco anos nos quais não me lembro de ter dormido. Do subúrbio para o serviço no centro, de lá para as aulas, onde tinha que me esforçar muito mais que os colegas de turma, bem alimentados, com o dia livre para os estudos. Com a falta de grana, economizava no jantar e almoçava a minha marmita o mais tarde possível, para aguentar o restante do dia. Chegava meia-noite à minha casa, minha esposa com os pequenos com saudades do pai e, claro, um punhado de problemas: o aluguel atrasado, a ameaça de corte de luz, problemas no encanamento...

Mas, felizmente, eu consegui me formar, mas da formatura não cheguei a participar. Enquanto meus colegas preparavam a grande festa, comemoravam o carro zero de presente que ganhariam dos pais, meu sacrifício era outro: sobreviver e ter perspectiva de futuro para os meus!

Faltou dinheiro para a beca, e também pro meu anel, que eu sempre sonhei em ter, para me sentir um doutor de verdade. O senhor Romeu, o diretor careca e arrogante, não teve a chance de me entregar o diploma, o meu canudo de papel. Uma festa de gala na qual não fui convidado.

Os anos passaram, penei muito mais que qualquer outro colega que estudou comigo. No meio a tantas decepções e desenganos, vire e mexe encontro alguém, normalmente um filhinho de papai, que hoje em dia diz que sou um privilegiado, um exemplo para “minha raça” pelo sucesso na vida. Um pequeno burgueês!

Ora, veja só. Ninguém sabe o que passei com tantas lutas, dores, sacrifícios. Mas não há de ser nada! Orgulha-me ver meus meninos crescidos, formados, lutando por um mundo melhor. Sinto que o meu suor, e de outros tantos que vieram antes, fez que acumulássemos um conhecimento, de sangue e lágrimas, para conquistas sociais para muitos que vieram depois. Saber que hoje em dia há mais oportunidades para os pobres, pretos e periféricos sonharem nesse mundo cão. Mas algo não mudou e passo essa lição aos jovens: quem quiser ser como eu, vai ter que penar um bom bocado! ■

# CORPO INSTITUCIONALIZADO OU CONFINAMENTO INVOLUNTÁRIO

Silvia Maria Garcia Pinto - pseudônimo: Silvia MH



São Paulo, 1 de setembro de 2018

Seis horas da manhã  
Da cama, o corpo desperta.  
Confusão mental. Qual dia devo cumprir hoje?  
A vigilância interna alerta, é agora!  
Ando pela escuridão do quase dia, e vejo poucos habitantes.  
No local inominável, entro.  
Às sete horas,  
Atravesso a passagem e o primeiro acesso se faz no  
encontro dos meus semelhantes, detentos de poucos risos  
e muita ironia no ritual de antecipação.  
O desejo do logo fim.  
Conicionados atendemos ao sinal interno, início do  
exercício funcional.  
Em cada área restrita, limitados, trocamos verdades com  
cidadãos em “início de formação”.  
Quase sempre, a verdade. A arte pela arte se faz pelo  
carisma e amizade, aqui não existe simpatia.  
Doze horas, encerro.  
Vou para outro local de mesma ordem condicional.  
Conversas paralelas, diretas e indiretas atravessam o meu  
destino, mas o sinal insistente anuncia agressivamente  
o meu reinício. Feito colagem de mim mesma, cumprio  
igual função, mas preservo uma parte do “eu”, pois corre  
o risco do aniquilamento do “ser”. Nesses lugares nada  
acontece por inteiro.  
É inevitável perder a luta. Na falsa ideia de permanência  
todos são facilmente substituíveis.

Autocontrole

Cuido para não me tornar vigilante de outros.  
Dezoito horas e vinte minutos,  
quase noite, hora da saída (outra falsa ideia de existência).  
A quase liberdade me faz esquecer de pensar e, na ânsia de  
desfrutá-la, paraliso.  
Lembro que minha ausência não altera os sentidos. Nada  
se perde.  
Somente a falta de um corpo, objeto de punição, fruto  
dos desejos alheios.  
Mas estou feliz, quase sempre sorrindo.  
Sigo os conselhos daqueles que se livram do peso da  
convivência.  
(ainda existe ternura aqui dentro, ainda não me abandonei). ■



# PERAÍ!

Taís Freitas de Souza

— Ô, pai, conta do dia que cê conheceu a mãe!

A pequena Papoula sempre pedia para Denis ou a avó Eulália contarem histórias. Estava naquela idade de repetir e repetir as mesmas narrativas. Mas as histórias reais, especialmente sobre a mãe, essas eram sempre as mais agrídoces, mas as que a menina mais gostava.

Denis suspirou, ajeitando-se no banco de madeira entre as ervas e temperos, antes de trazer à tona aquelas memórias que lhe eram tão preciosas. Queria mesmo era que Rosa estivesse ali, para contarem juntos sobre aquele dia maluco, para a menina curiosa que a filha se tornara.

Olhando impaciente o relógio de pulso que ganhara da mãe no final de ano para não mais se atrasar, Denis tamborilava as pontas dos dedos no volante, mas daquela vez não era sua culpa. Olhando a cobertura colorida da Rodoviária da Luz, pensava em como poderia ter desviado daquele que era o lugar mais congestionado de São Paulo, naqueles primeiros anos da década de 1970. Prometera para a mãe que a encontraria na missa das seis, na São Francisco. Ela estaria acompanhada da filha de um amigo empresário, recém-chegada de uma temporada de estudos na Europa. Denis sabia bem as intenções de seus pais; não concordava, mas não custaria nada conhecer a moça. Um cinema, talvez. Outra olhada no mostrador e os ponteiros logo formariam uma linha vertical perfeita. Denis bufou, encostando a testa no volante. Mas o toque firme de uma mão em seu ombro o fez se erguer num sobressalto. A menina de gorro do lado de fora também parecia espantada, porém, para a surpresa de Denis, que já buscava moedas nos bolsos, ela apenas falou:

— É hoje, moço... que teu passado te alcança. E vem de braço dado com teu futuro.

E correu, talvez para dentro da rodoviária. A frase ecoou por um tempo nos ouvidos de Denis, até que uma buzina o alertou para o espaço à sua frente. Tratou de fechar o vidro da janela, optando por abrir só o quebra-vento. Dali

em diante, o tráfego só melhorou e não demorou a cruzar o Anhangabaú, subindo pela Avenida São João. Viraria à direita na Rua Líbero Badaró e nem daria tempo de sua mãe reclamar.

Acelerou sua Brasília vermelha, tentando passar pelo amarelo, mas só conseguiu ficar sobre a faixa de pedestres, sendo xingado por vários transeuntes. Denis continha sua ira, e já ia esbravejar, quando sentiu uma onda de calor se espalhar por seu corpo, indo desmanchar sua expressão contraída pela raiva. Entre as pessoas que atravessavam a rua, aqueles cabelos crespos ao vento eram inconfundíveis.

— É a Rosa. – balbuciou Denis, sem conseguir desviar os olhos dela ou reparar na orquestra de buzinas que se formava atrás de si.

De repente, Denis se lembrou do caderno que ela esquecera na faculdade no dia anterior. Estava no banco de trás e decidiu que não esperaria para devolvê-lo.

Rosa corria pela São João acima, quando Denis saiu do carro, chamando seu nome. Não ouviu. Dobrou a esquina na Rua São Bento e chegou a vê-la entrando no famigerado edifício Martinelli. Sentiu um arrepio; seu pai falava horrores sobre aquele prédio.

Assim que passou pela precária portaria, Denis viu Rosa no meio do corredor. Ele já ia entrando, mas alguém o impediu.

— O pessoal do banco já foi embora. – alertou o sujeito corpulento da portaria, notando que Denis estava muito bem vestido e agitado ao ver Rosa entrar no elevador. — O “turno” da noite tá começando agora aí dentro – continuou o homem, sarcástico. — É por sua conta e risco, rapaz.

Ignorando-o, Denis correu até o elevador; o perfume amadeirado de Rosa ainda estava no ambiente. Ficou ali, impaciente, observando em quais andares o elevador estava parando, supondo que isso o ajudaria. Logo a porta ao lado se abriu, saindo dele muita gente apressada. Denis entrou



e o ascensorista, que parecia saído de um filme faroeste, perguntou-lhe o andar.

— Sei lá...! Décimo sexto. — lembrou-se do número onde o elevador “vizinho” parara.

A porta pantográfica permitia vislumbrar entre os andares. Vozes, ruídos e cheiros dos mais variados se misturavam. Apesar de o ascensorista falar muito, a única coisa que Denis ouviu foi o número do andar e a música animada que se espalhava pelo corredor.

O lugar cheirava a fumaça, álcool e fruta estragando. Estava cheio, na maioria homens com os olhos grudados numa TV passando futebol. Móveis vermelhos e paredes brancas com um brasão do Corinthians entre bandeirinhas de crepom. Os olhos de Denis perscrutavam o lugar, quando um gol explodiu num grito e os presentes o pressionaram contra o balcão. O atendente colocou uma dose de cachaça à sua frente. Acuado e com pressa, ele bebeu, fazendo uma careta. Arriscou perguntar sobre Rosa, mas isso pareceu agitar ainda mais aqueles homens. Outro copo veio. Estava cercado, então Denis o entornou de novo, disfarçando um ligeiro espasmo facial e provocando “vivas” dos presentes.

— Obrigado mesmo, viu! Mas eu tenho que ir. — disse Denis, encurralado, diante de um terceiro copo. Quando olhou para a TV e gritou: — Olha o gol do Corinthians!

Todos se voltaram para o aparelho aos gritos, enquanto Denis subiu desenfreado pelas escadas uns três andares até que, arquejando, apoiou-se à parede. A visão do piso xadrez do bar e o álcool ainda lhe davam vertigem, quando um barulho ritmado crescente veio do final do corredor, este bem mais sombrio que os outros. Denis só relaxou quando viu que era uma criança num carrinho de rolimã. Ia perguntar sobre Rosa, quando a pequena o puxou pela mão, mais andares acima. Denis já perdia o fôlego quando pararam.

Diferente de outro andar, aquele era cheio de sons. Um rádio ligado, falatório, crianças correndo com uma bola e... a voz de Rosa, gritando um nome no fundo do corredor. Animado, Denis se recompôs, tratando de se apressar. Mas, assim que conseguiu driblar as crianças, ele topou com um grande móvel que saía de uma sala com placa para alugar; não conseguiu desviar. Caíram o móvel, quem carregava e tudo o que estava dentro se espalhou. Na confusão, Denis tentava se erguer em meio a papéis carbono, pôsteres de astros da TV e cadernos, além de cacos de vidro de um vaso de avencas, que jazia espatifado no chão. Foi quando viu Rosa entrando por uma porta e se desesperou:

— Peraí! — seu grito ecoou pelo corredor, fazendo calar as outras vozes.

Denis se levantou de forma desajeitada e correu, deixando para trás os insultos dos carregadores no meio do caos. Parou diante da luz que se projetava na penumbra do corredor, vinda da porta aberta do apartamento. Viu Rosa lá dentro, de costas. Denis foi entrando devagar no pequeno apartamento, ao mesmo tempo caótico e acolhedor, até parar quase ao lado de Rosa, que olhava consternada para uma plácida senhora na poltrona.

— Bem que minha mãe falou... — disse ela, com a voz um pouco embargada, vendo Denis de soslaio. — Ela ia todo dia falar com a santa e ontem não apareceu.

Rosa se inclinou, tocando o pálido rosto da senhora, ligeiramente inclinado sobre o encosto. Denis se aproximou, causando certo espanto em Rosa, que agora o olhava diretamente.

— Você não é estagiário na entomologia? — Denis fez que sim, dando-se conta de que havia perdido o caderno pelo caminho. E com expressão desconfiada, ela continuou: — Que é que cê tá fazendo por aqui? E o que é isso aí na sua cabeça?

A resposta foi interrompida por protestos vindos de três homens que acabavam de entrar. Um deles, com uma



imagem de anjo quebrada nas mãos, exigia que Denis pagasse pelo prejuízo. Porém, quando olharam para a falecida na poltrona, silenciaram.

— Ele veio me ajudar aqui. — afirmou Rosa, quebrando o pesado silêncio.

— Ah, não, a tia Palmira não! — choramingou um dos rapazes.

Mais pessoas não tardaram a chegar, manifestando, das mais diversas formas, seu espanto e tristeza pela morte de tia Palmira, como era carinhosamente chamada por moradores do prédio. Logo teve início uma discussão sobre o que seria feito do corpo, já que a mulher não tinha parente vivo. Para vários moradores, chamar a polícia estava fora de cogitação. O debate já se acalorava, quando alguém se lembrou do médico decadente que emitia atestados na sala que dividia com a Escola de Relojoeiros. Um garoto correu até lá e voltou com o tal homem.

O doutor, de longe, já constataria a morte e, enquanto preenchia os papéis, a pequena aglomeração que crescia até o corredor recomeçava a discussão, agora sobre o funeral. O homem dos pássaros, do 23º andar, fez questão que o velório fosse lá, lugar do qual tia Palmira tanto gostava. Várias pessoas, especialmente mulheres acolhidas em algum momento pela falecida, dispuseram-se a ajudar. Rosa garantiu que ela, a mãe e as outras da irmandade da Boa Morte cuidariam da cerimônia. Então, o único problema que restava, era a preparação do corpo, que exigiria dinheiro, transporte e alguém de fora do Martinelli; tudo o que os moradores não queriam.

— Eu cuido disso. — afirmou Denis, causando alívio e surpresa aos presentes, ao que ele, olhando para Rosa, justificou: — É que meu tio, ele... ele tem uma funerária. — silêncio e expressões confusas até que ele completou: — Mas eu posso fazer isso aqui mesmo, viu. Só vou precisar de umas coisas. Se vocês puderem me ajudar.

A aglomeração foi se desfazendo, muitos indo buscar tudo que Denis pedira. Rosa e duas moças permaneceram. E enquanto mexiam com cuidado na falecida, um vulto cinza saiu apressado debaixo da poltrona em direção à porta aberta. Uma moça gritou:

— É o Pedro. Segura ele!

Rosa tentou, mas quem alcançou o coelho foi Denis que o segurou firme. No entanto, acometido por uma estranha vertigem, ela acabou tendo que segurar ambos. Ajudou-o a sentar entre as almofadas de crochê. Uma das moças segurou o coelho, enquanto Rosa viu sangue em suas mãos. Logo notou que vinha de um pequeno corte na cabeça de Denis, certamente onde se quebrara o vaso de avencas.

Então, Rosa abriu uma aromática bolsa de tecido, uedeceu um lenço num líquido esverdeado, que aplicou no ferimento, arrancando outra careta de Denis. Enquanto isso, ela contava que o coelho chamava-se Pedro em homenagem ao filho de Palmira, que tinha medo de trovão, assim como o menino, e que devia estar escondido desde a noite e que... Silêncio. Os olhos negros dela encontravam os azuis dele, verdadeiramente, pela primeira vez, pra nunca mais se largarem. Pelo menos, era o que eles desejavam.

— Cê é engraçado, pai! — riu a pequena Papoula. — A história é tão legal, mas sempre cê fica assim, com essa “cara de não sei”.

O cheiro do café feito por Eulália chegava até eles, e a menina entrou em casa ao chamado da avó, deixando o melancólico Denis com suas lembranças, mais antigas que muitos daqueles túmulos à sua frente. ■



# DESFECHO CRUEL

Tâmara Rodrigues Ferreira

Era uma noite como todas as outras noites. As crianças brincavam com seus cards, as meninas passavam com seus uniformes de costume para treinar o tão amado futebol. Tudo corria como o esperado. Mães e pais acordaram cedo e, de madrugada, saíram para pegar as conduções tantas para chegar do outro lado da cidade, da ponte para lá, em busca de suas sobrevivências diárias. Naquele horário, todos voltavam para seus lares.

De repente, iniciou uma correria enorme, era por volta das 20h30, desde crianças até idosos gritavam sem parar: É fogo! É fogo!

Passaram com baldes de água, a favela começou a pegar fogo! As pessoas vendo as suas coisas, pertences, livros, panelas, fotografias sendo incendiadas por motivo ainda não conhecido...até aquele momento.

A Associação dos moradores chamou os bombeiros, a gritaria era tanta que o choro era ouvido até mesmo do alto dos prédios nas varandas gourmets repletas de pessoas que, até então, só conheciam a existência de moradores por meio de suas Smarts de muitas polegadas. Naquele momento, o choro subiu os andares.

Os olhares das crianças desesperadas eram vistos com muita preocupação pelos seus... mas totalmente ignorados por quem deveria ampará-las.

Marta gritava:

— Direitos humanos? Pra quem? Nós vivemos honestamente e somos os alvos de criminosos? E esses mesmos que vêm nos oferecer, de anos em anos, uma cesta básica em troca de confiança... São ratos de gravatas!

No canal mais famoso noticiava o incêndio. As labaredas estavam cada vez mais altas e assim falavam:

— Incêndio na favela Menino Chora, a investigação está ocorrendo no local, mas provavelmente seja por motivo dos famosos gatos e gambiarras de fiação elétrica.

O olhar de Toinho transbordou tantas vezes naquela noite que chegou um momento que o peito calou e as lágrimas secaram. Não tinha mais o que fazer a não ser esperar, pois suas esperanças estavam queimadas sem poder nem mesmo recuperar o seu registro geral e muito menos a sua dignidade.

No dia seguinte, os moradores voltaram e se depararam com o nada. Tudo destruído. Procuravam dentre os destroços, em meio à fuligem, seus pertences.

Moradores esperaram durante meses, anos, explicações, ajudas, colaborações que não chegaram, mas muitos outros focos de incêndios aconteceram, deu no rádio e também na tv com a mesma explicação coberta de falácias.

A memória ficou com suas cicatrizes, sangue, medo do amanhã e a especulação imobiliária batendo à porta para erradicar a favela e sua história. ■



# TÁ LÁ UM CORPO ESTENDIDO NO CHÃO...

*Urubatan Miranda da Silva*

Nas ruas, o silêncio nebuloso não assusta  
pois a cor que veste o corpo é preta  
e se contrasta com a noite triste, pálida  
que é silenciada pelos passos vazios.

“Tá lá um corpo estendido no chão...”

A rua-terreiro refaz outros caminhos  
contornos e se traveste às duas da manhã.  
Na madrugada, ouve-se um grito-gargalhada  
Exú baixou... Está na porteira!!  
Ele é porta bandeira, a cuíca, o samba...

“Tá lá um corpo estendido no chão...”

A travessia preta, transforma-se em rios  
que escorrem pelos quilombos, aldeias, periferias  
constroem estratégias, cultivam nascentes  
e fazem ecoar novas vozes...

Tá lá um corpo estendido no chão

Não há mais silêncio, nem amém...  
o toque do tamborim anuncia aos poucos  
novos passos, novas melodias, a gira  
num jogo brincante que risca o chão  
e transborda no próprio corpo. ■



# CANTO PARA O SENEGAL

Valnei dos Santos Souza

## *A música que marcou minha infância*

A musicalidade está presente constantemente na minha vida, seja por gosto pessoal de ouvir diariamente, seja por utilizar na minha atividade profissional. Posso dizer, lecionar sem musicalidade, sentia faltar algo, quase impossível a música não se fazer ouvir sobre algum tema. Se observarmos bem uma criancinha de um ano, ao ouvir alguma canção, sobretudo que já tenha costume de escutar, pelo hábito da família curtir sempre o seu som preferido, irá expressar um gesto de dançar e até balbuciar a melodia, chamo de música intrínseca.

Sou fruto do amor musical, pois, ao nascer, no mês de outubro de 1976, em Salvador-BA, se referiam rapidamente como “filho do carnaval”. Quando a alegria, os namoros se afloram, na festa mais popular do país. Sendo assim, minha amada mãe e meu pai, no embalo da musicalidade carnavalesca, se apaixonaram, e eu cresci os vendo ir trabalhar neste período, nos Ternos de Reis, tradicionais, quando não, ia apreciar os blocos passarem na avenida.

Na fase de minha infância e adolescência, os Blocos afro, como Ilê Aiyê, Araketu, Olodum, estavam se fortalecendo e quando espaço na avenida, dado toda às suas lutas por conquistas em meio aos grupos tradicionais elitizados, neste ínterim várias músicas nas rádios embalavam à multidão, passando nas Rádios, nos programas de Televisão, várias Bandas e uma delas se destaca a Banda Reflexu's, com várias músicas, nos faziam cantar a todo tempo. Destaco a música Senegal, entre outras igualmente marcantes, porém a particularidade desta letra e música é dada aos termos

que remetem aos nomes dos povos, às referências da cultura africana senegalesa, mencionando grupos étnicos, que nos fazia errar a letra. Pergunto: quem nunca errou ao cantar até o refrão da música Senegal?

Esta música me marca, por nela conter um mosaico de referências que também fala de resistência do povo negro, minha infância cantando na escola e disputando quem sabia cantar certinho os termos, muitos de nós somente ouvíamos através da rádio, mesmo havendo o vinil com o encarte. Acessar o LP era para poucos, na realidade periférica do subúrbio de Salvador, não obstante, poderíamos encontrar alguém que tivesse comprado o disco, porém era muito raro, por contentar-se pelo fato de a canção tocar a todo tempo. Em se tratando de Salvador, ainda hoje é uma cidade bastante musical e de variados ritmos, do Axé Music até a música clássica.

Era bem divertido encontrar alguém que, ao mencionar a música Senegal, dirá não sei nem o refrão, e creio que, atualmente, encontraremos muitos amigos e amigas que cresceram ouvindo esta melodia e imediatamente se familiarizaram, ainda que não saibam cantá-la propriamente. Mas me emociona ao ouvir esta canção e nos trazer toda uma historicidade da cultura afro-brasileira, no contexto dos anos 80, era o resgate sobre as histórias africanas, em que os blocos e as bandas afro baianas tinham como manifestar nossa negritude-diaspórica musical, resistente e criativa. Relembro sempre a letra, que evita que sejam inventados termos que nunca existiram. ■



## MAIS UMA VEZ

Zuleika Juliene Ferreira Cantolli

Muitas vezes me questionei sobre aquelas frases prontas: “O sol é para todos!” ou “O sol vai voltar amanhã...” Embora tenham sentidos diferentes, a intenção é a mesma, levar esperança, mas esperança para quem? Engraçado que tudo envolve o sol, o mesmo sol que muitas vezes me queimou no farol enquanto tentava levar o primeiro pão do dia para casa, nesta época eu só tinha sete anos. Sim, em verdade este sol voltou muitas vezes, mas o da esperança não!

Alguns anos depois, cheguei a questionar se havia aquele sol, não conseguia ver esta luz toda. No período escolar, período escolar uma ova, da primeira parada, mal cheguei à terceira série, mas neste tempo acho até que foi um pouco pior, a professora tentava, do jeito dela “me salvar”, eu não queria estar ali, sentia que ninguém estava do meu lado, para mim era um lugar ruim, sentia que ali não existia amor, mas a verdade é que tem gente que não sabe amar, quase fiquei assim também, mas aprendi a ser diferente, quer dizer, me ensinaram. Mais tarde fui obrigado a frequentar, e tive a oportunidade de conhecer alguém que mudou a minha história, professora Yara, olhando assim, ela era igual aos outros, mas, por dentro, era diferente! Sei lá, tinha um lance, acho que ela era de família bem humilde e só teve oportunidade de estudar depois de casada e, mesmo tendo mudado de vida, continuava humilde. Ela sempre me incentivava, falava coisas que era para minha mãe falar, mas coitada da minha mãe, ela não conhecia estas coisas não! Mas a professora Yara sempre dizia: “Precisa estudar! O estudo ninguém poderá te roubar!” Se for pra pensar, foi ela que me empurrou pra frente, foi ela que cortou a linha do meu destino e deu uma endireitada.

Durante muito tempo, ela foi o meu sol, eu tive um sol depois de tanta escuridão!

Muitas vezes, tentei desistir, a realidade pesava, mas ela nunca deixava, na real, era ela que não desistia de mim.

Às vezes, estava deitado, descansando para poder dormir e ouvia a voz dela na minha cabeça: “nunca deixe as pessoas minarem os seus sonhos!” Quando contei a ela que meu sonho era ser juiz, ela enlouqueceu, falou quase gritando: “Acredite em seus sonhos e lute por eles!” Nossa! Falou com tanta força que cravou dentro de mim, acho que ela sonhava meus sonhos mais fortes que eu. Acredito que ela pensou que eu queria fazer Direito, fiquei sem jeito de falar que era juiz de futebol, mas ela era esperta e percebi que, uns dias depois, o professor de educação física que sempre implicava comigo passou a me dar mais atenção.

O tempo passou. Nunca mais vi a professora Yara, também não me tornei juiz de futebol, entretanto, carreguei para a minha vida o pedacinho de sol que aquela mulher deixou em mim, sabendo que o negócio era mesmo acreditar nos sonhos e correr atrás, meu sonho mudou inúmeras vezes, mas agora consciente de que poderia contar com alguém crucial na realização de cada um deles, eu mesmo, ainda que ele mude várias vezes e mais uma vez. Afinal, como dizia a professora Yara: “Quem acredita sempre alcança!” ■

# ÍNDICE

## A

Adriana A. Defensor Moraes .....	5
Adriana Rosa Cristo .....	6
Alessandra Lopes Xavier Oliveira .....	7
Alexandre De Brito Soares .....	8
Aline Castro Almeida - pseudônimo: Line Chan .....	9
Ana Carla Lourenço Ximenes .....	10
Ana Deise de Assis São Martinho .....	12
Ana Lucia Pereira Da Silva .....	13
Ana Maria Cesário Moraes - pseudônimo: Euzinha .....	15
Ana Regina Barbosa Spinardi .....	16
Andreia Cristina Marin .....	18
Andréia Fernandes de Souza - pseudônimo: Déia Nandes .....	20
Andreia Pereira dos Santos - pseudônimo: Andreia Tairon .....	21
Artur Antonio Azevedo Amorim .....	22

## B

Braz Gomes da Silva Filho .....	24
Beatriz de Araújo da Costa Barros .....	26
Bruno Carvalho .....	28

## C

Carlos Roberto Bortolloto .....	29
Carolina Cerqueira .....	30
Cinthia Krayuska de Araujo .....	31
Cláudio Santana Bispo .....	32
Creusa A. Lima Ruiz .....	33
Cristina Artagoitia Vicente .....	35
Cristina dos Santos .....	37

## **D**

Dalila Rodrigues do Amaral.....	38
Daniel Rodrigues de Souza - pseudônimo: Daniel Lucavis.....	40
Daniela de Lima Solla.....	42
Daniela Lívia da Costa Espósito.....	43
Danielle Souza da Costa Primo.....	44
Danilo de Goes Prado - pseudônimo: Danilo Siannys.....	45
Débora de Almeida Azevedo.....	47
Denise Aparecida de Melo da Silva.....	49

## **E**

Edenilce Souza Gomes.....	50
Edna Maria Aparecida de Andrade Cerqueira.....	52
Eduardo de Oliveira Santos.....	53
Eliane de Jesus Santos Martins.....	56
Elisangela Cardozo de Oliveira Souza.....	57
Elisete Mendes Scatolin de Almeida.....	58
Elizabe Freitas de Almeida.....	59
Erika Luzia da Fonseca.....	60
Evandro Fantoni Rodrigues Alves.....	61

## **F**

Fabíola Ribeiro Chacim.....	62
Felipe Alberto da Silva Lopes - pseudônimo: Felipe Lopes.....	63
Felipe Lunardi Serio Figueredo.....	65
Fernanda Depizzol.....	66
Fernanda Elisa Pansica.....	67
França Helena Amandio Berton.....	69

## **G**

Germain Tabor .....	70
Giane Gomes Pinheiro .....	71
Gilson Aureliano da Silva - pseudônimo: Gil Silva .....	72
Gláucia Pereira de Brito .....	73
Glauciane Maria de Almeida Catanho .....	74

## **I**

Isaac Kassardjian Junior .....	75
--------------------------------	----

## **J**

Janaina Regina Monteiro Barros .....	78
Jaqueline Vieira da Silva Boaretto .....	79
Jean Richard Maciel da Costa .....	80
Jéssica Alves da Silva .....	81
João Rosalvo da Silva Junior .....	82
Joyce de Moraes Santana - pseudônimo: Joy Santana .....	83
Juceli de Oliveira Carvalho.....	84
Juliana Alves Rocha .....	85
Juliana Cavalcanti Candelária .....	86
Juliana Pio.....	88
Juliano Gimenes Cruz .....	89
Júlio Henrique Fim .....	90
Jussara Maria Santos .....	91

## **K**

Kátia Biroli.....	92
Kátia Silva Rocha Vilela.....	93
Kelly Cristiane dos Santos.....	94

## **L**

Leon Cordeiro .....	95
Leonardo Angelo Baruffaldi - pseudônimo: Baruffa .....	96
Leonardo da Silva Lopes.....	97
Lourdes Fátima Basílio .....	99
Lucia Ramalho Nunes Munis .....	101
Luciana Lima Santezi .....	102
Luciane de Andrade Buosi - pseudônimo: LuAndradeb.....	103
Lucilene de Freitas Baeta .....	104
Lucinéia de Fátima Guerra Souza .....	105

## **M**

Maira Bastos dos Santos .....	107
Márcia Maria Dias .....	109
Márcio José Zacarias .....	110
Maria Inês Alves Pereira .....	111
Maria Sueli Fonseca Gonçalves - Suelizinha.....	113
Mariana da Cunha Pinto .....	114
Marina Estela Cavali .....	115
Mario Lucio Rosetti - pseudônimo: Peregrino da eterna beleza .....	116
Mariza dos Santos Mota Porto.....	117
Mônica Battista.....	118
Mônica Leopoldino Silva Fernandes .....	120

## **N**

Natali Gonçalves Inagaki .....	122
Natasha Sonna Santos Verde .....	123
Nelsi Maria de Jesus .....	124
Newci Sanches Prado .....	127
Norma Chie Wakizaka .....	128

## **P**

Paula Gardenia Lucena Gallego - pseudônimo: Paula Pagu .....	130
Priscila Aparecida Santos de Oliveira.....	131
Priscila Darwiche .....	132
Priscila Pettine.....	133

## **R**

Rafael Marques da Silva .....	134
Regiane Cristina Mendes Melo .....	136
Regina de Oliveira Alves.....	137
Renata Aparecida da Silva Fico .....	138
Roberto Carlos Soares Sobrinho .....	139
Rodrigo de Macedo França - pseudônimo: Rfrança.....	141
Rogério Dias Micheletti .....	142
Rosana Dal Bello Bezerra.....	143
Rosana Rodrigues Nagata .....	144
Rosângela Aparecida Paschoal Brighenti Dayyoub .....	145

## **S**

Samir Ahmad dos Santos Mustapha .....	146
Silvia Maria Garcia Pinto - pseudônimo: Silvia MH.....	147

## **T**

Taís Freitas de Souza .....	148
Tâmara Rodrigues Ferreira .....	151

## **U**

Urubatan Miranda da Silva .....	152
---------------------------------	-----

## **V**

Valnei dos Santos Souza .....	153
-------------------------------	-----

## **Z**

Zuleika Juliene Ferreira Cantolli.....	154
--	-----

# Coodernação AEL nas DRES

## **BUTANTÃ**

Rita de Cassia Almeida Braga

## **CAMPO LIMPO**

Cleomar de Souza Lima  
Elaine Silva Lacerda

## **CAPELA DO SOCORRO**

Deusdete Cassio de Jesus

## **FREGUESIA/BRASILÂNDIA**

Melina Rodolpho  
Roberto Antônio Maciel

## **GUAIANASES**

Maria Inês Alves Pereira  
Tânia Regina da Silva  
Valéria Silva Nascimento de Oliveira

## **IPIRANGA**

Renato Brunassi Neves dos Santos Silva

## **ITAQUERA**

Cinthia Krayuska de Araújo Sousa  
Lúcia Ramalho Nunes Munis

## **JAÇANÃ/TREMEMBÉ**

Ana Carolina Cuofano Gomes da Silva  
Ivan Venturini

## **PENHA**

Paula Gardenia Lucena Gallego  
Thalita Garcia Lopes

## **PIRITUBA/JARAGUÁ**

Patricia Zerino Aguillera

## **SANTO AMARO**

Cláudia Gonçalves da Silva

## **SÃO MATEUS**

Ana Paula Rodrigues De Sousa Oliveira

## **SÃO MIGUEL**

Vanessa Carneiro Dias

## **PROJETO GRÁFICO**

### **Centro de Multimeios - CM**

Ana Rita da Costa - Diretora

### **Núcleo de Criação e Arte**

Aline Frederick Santos

Angélica Dадario - Projeto e diagramação

Cassiana Paula Cominato

Fernanda Gomes Pacelli

Marcos Rogério da Silva Moreira

Simone Porfirio Mascarenhas

### **Biblioteca Pedagógica**

Roberta Cristina Torres da Silva - Revisão textual

Elementos visuais: Adobe Stock



**CIDADE DE  
SÃO PAULO**  
EDUCAÇÃO